

UNIVERSIDADE FEEVALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS E MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS

NÍVEL MESTRADO

JÉSSICA TAMARA GRAEBIN

A VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA DE HERANÇA COMO UMA MANIFESTAÇÃO
CULTURAL E IDENTITÁRIA NO MUNICÍPIO DE FELIZ/RS

Novo Hamburgo

2023

JÉSSICA TAMARA GRAEBIN

**A VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA DE HERANÇA COMO UMA MANIFESTAÇÃO
CULTURAL E IDENTITÁRIA NO MUNICÍPIO DE FELIZ/RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Processos e Manifestações Culturais, da Universidade Feevale.

Orientador: Prof. Dr. Ernani Mügge

Novo Hamburgo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Graebin, Jéssica Tamara

A valorização da língua de herança como uma manifestação cultural e identitária no município de Feliz/RS / Jessica Tamara Graebin. – 2023.

165f. : il. ; 30 cm

Orientador: Prof. Dr. Ernani Mügge.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Feevale – Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais, Novo Hamburgo, 2023.

1. Língua de herança. 2. Hunsrückisch. 3. Manutenção da língua. 4. Famílias bilíngues. I. Mügge, Ernani, orient. II. Título.

CDU 81-2

CDD 401

Bibliotecária responsável
Fernanda Motta Ferreira CRB10/2058

Dedico este trabalho aos meus avós, Iriceda e Mello Tempass, e Allydi e Albano Graebin, por terem plantado em mim o apreço e a vontade de preservar nossa língua de herança, o Hunsrückisch, e que hoje já não precisam de dialeto algum para interagir com os seus.

Com carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir chegar até aqui, guiando meus passos na caminhada da vida.

Agradeço imensamente aos meus pais, Osmar e Liliane Graebin, que sempre me incentivaram e apoiaram, e nunca me deixaram desistir. Imagino que neste momento estejam orgulhosos de mim. Agradeço a minha irmã, Jênifer Thaís Graebin, que contribuiu com boas ideias e também boas risadas. Aos meus avós, *in memoriam*, que me inspiraram a preservar nossa língua de herança, o Hunsrückisch. Agradeço também ao meu namorado, Anderson Flach, pelas palavras de motivação, pela paciência e compreensão quando não pude estar presente, envolvida e entusiasmada com a minha pesquisa.

Obrigada às famílias falantes de Hunsrückisch que se dispuseram a me ajudar na pesquisa, sendo muito solícitas e receptivas durante a realização das entrevistas.

Um agradecimento muito especial também ao professor doutor Ernani Mügge, que abraçou o meu projeto em pleno andamento, quando fez-se necessária a troca do professor orientador. Com sua paciência e imensurável bagagem de conhecimento e experiência, muito contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa.

Muito obrigada!

MEMORIAL

A Jéssica criança/adolescente/professora/pesquisadora nasceu e cresceu nos anos 90, na cidade de Feliz, no interior do Rio Grande do Sul. Desde tenra idade, permaneceu submersa em um ambiente influenciado fortemente pela cultura germânica, ouvindo as histórias dos seus avós e dos seus pais, que interagiam majoritariamente em alemão¹. Conseqüentemente, essa tornou-se a sua língua materna. Ao ingressar na escola, aos quatro anos, rapidamente aprendeu a se comunicar em português, língua na qual foi alfabetizada.

Não demorou muito para ela atentar que a língua podia ser um conector ou um segregador de pessoas, pois passou a perceber que o alemão que unia as pessoas em sua casa por meio de histórias e relatos diversos, era o mesmo que impossibilitava o seu avô de estabelecer um diálogo simples com o atendente do banco, por exemplo. Mais tarde ela passou a ser uma espécie de tradutora nessas situações de interação. Ao perceber que o alemão era a única chave para interação com aquelas pessoas tão importantes, compreendeu o significado de continuar mantendo viva a sua língua materna, e assim o fez.

A avó da Jéssica pesquisadora era professora, e desde sempre a ajudou a estudar, a descobrir as coisas do mundo ao seu redor e também a perceber a magnitude dessa profissão. Assim, quando concluiu o Ensino Fundamental, a Jéssica adolescente ingressou no Curso Normal com habilitação para Séries Iniciais e Educação Infantil. Este foi concluído no ano de 2010, em uma escola pública do município de Feliz. Em 2013, ingressou no curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, visto que o curso de Alemão estava se transferindo exclusivamente para o Campus Porto Alegre.

A Jéssica professora acredita que o docente precisa sempre priorizar a relação professor /aluno, considerando que os educandos são sujeitos históricos e de direitos. A certeza de que pode fazer alguma diferença positiva na vida dos seus alunos a motiva a continuar entusiasmada na sua profissão. A Jéssica pesquisadora/professora é também musicista, e sempre demonstrou grande interesse pelo universo artístico. Ela vem de uma família de musicistas e desde muito cedo teve contato com a maravilhosa arte da música. Ela é acordeonista há 18

¹ Trata-se aqui do dialeto Hunsrückisch.

anos e é apaixonada pela riqueza cultural da nossa região e também do Brasil. Sua família também sempre foi muito participativa nos eventos culturais do município de Feliz, que enfatiza as celebrações voltadas para a cultura germânica.

A Jéssica criança sempre gostou muito de ouvir histórias, e sua mãe adorava contá-las, mesmo quando já o tinha feito inúmeras vezes. Acredito que isso despertou a paixão da Jéssica adolescente pela literatura, e ela tornou-se uma leitora voraz e uma escritora entusiasmada. Ao longo do curso de Letras, o interesse por outros idiomas foi crescendo, mas junto com ele, crescia também a curiosidade acerca da influência desses idiomas sobre a cultura, as interações e as práticas dos seus falantes. Assim, ao decidir continuar seus estudos, não a satisfiz a ideia de restringir sua pesquisa à linguística, pois buscava também saber sobre as manifestações culturais e identitárias envolvidas no bilinguismo de herança, fator que influenciou tão profundamente suas escolhas e experiências ao longo da vida. Pesquisou e encontrou então o Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais, onde ingressou e continuou estudando línguas de herança no contexto do seu município, Feliz/RS.

Ao longo de seu trabalho de pesquisa sobre o bilinguismo por línguas de herança, a Jéssica pesquisadora modificou alguns conceitos preestabelecidos e até mesmo libertou-se de alguns estereótipos e crenças envolvendo a sua língua materna. Expandiu seus horizontes e conheceu novas visões acerca do bilinguismo por língua de herança. Sem dúvidas, esta foi uma jornada que, além de intensa, foi muito prazerosa e enriquecedora, visto que foi possível aliar a construção de novos conhecimentos à realização pessoal de cursar o Mestrado em uma área de grande interesse. Entusiástica, a Jéssica pesquisadora anseia por continuar pesquisando sobre as significâncias das línguas de herança em um futuro próximo, no curso de doutorado.

“A língua depende de alguém que a continue falando e dela deixe marcas, obras ou ao menos lembranças. Em outras palavras, a língua precisa ser incessantemente plantada, colhida, e replantada.”

(ALTENHOFEN, 2018)

RESUMO

Este estudo visa contribuir com as pesquisas sobre bilinguismo na região do Vale do Caí, mais precisamente na cidade de Feliz, Rio Grande do Sul. Neste local, o dialeto Hunsrückisch é encontrado em diversos contextos, sendo a língua de herança de parte significativa da população. Assim, o dialeto compõe parte da identidade do povo felizense, que mantém vivos diversos costumes que remetem às tradições germânicas deixadas pelos imigrantes alemães. A pesquisa teve como foco a maneira como famílias de Feliz percebem a importância da preservação do dialeto Hunsrückisch enquanto fator identitário e como elas agem a partir desse posicionamento. Os objetivos da pesquisa residem em observar quais fatores permeiam a transição dos falantes entre os dois idiomas, o português e o alemão; quais os contextos de uso do dialeto e onde se perpetuam as interações com ele; se a relação da língua de herança com a memória e a identidade está presente; e como se constitui o Hunsrückisch como parte da cultura dos moradores de Feliz. Para alcançar tais objetivos foram entrevistadas 10 famílias que fazem uso da Língua Alemã em suas interações cotidianas. As respostas foram registradas em áudio e, posteriormente, transcritas. Para a análise de dados, foi construída uma relação entre os depoimentos, o contexto histórico do município e as teorias que endossaram o estudo. Os resultados mostram que, na percepção das famílias bilíngues, ocorreram mudanças tanto quanto à frequência de uso do dialeto quanto aos contextos nos quais ele é utilizado. Embora o município de Feliz opte por incluir a disciplina de língua alemã no currículo escolar, na percepção das famílias, esta não tem sido uma medida suficientemente eficaz para o incentivo e a manutenção do uso da língua de herança.

PALAVRAS-CHAVE: Língua de herança. Hunsrückisch. Manutenção da língua. Famílias bilíngues.

ABSTRACT

This research intends to contribute to studies on bilingualism in the Vale do Caí region, more precisely in the city of Feliz, Rio Grande do Sul. In this place, the Hunsrückisch dialect is found in several contexts, being the heritage language of a significant part of the population. Thus, the dialect is part of the identity of the people from Feliz, who keep alive several customs that refer to the Germanic traditions left by German immigrants. The research has focused on how families from Feliz perceive the importance of preserving the Hunsrückisch dialect as an identity factor and how they act based on this position. Its objectives, in this order, are to observe which factors permeate the transition of speakers between the two languages, Portuguese and German; what are the contexts of use of the dialect and where the interactions with it are perpetuated; if the relationship of the heritage language with memory and identity is present; and how Hunsrückisch is constituted as part of the culture of the residents of Feliz. To achieve these goals, 10 families who use the German language in their daily interactions were interviewed. The answers were audio-recorded and later transcribed. For data analysis, the statements were related to the historical context of the municipality and to the theories that endorsed the study. The results show that, in the perception of bilingual families, changes have occurred both in the frequency of use of the dialect and in the contexts in which it is used. Although the municipality of Feliz chooses to include the German language subject in the school curriculum, in the perception of the families, this has not been a sufficiently effective measure for the encouragement and maintenance of the use of the heritage language.

KEY-WORDS: Heritage language. Hunsrückisch. Language maintenance. Bilingual families.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CULTURA, LÍNGUA E BILINGUISMO POR LÍNGUA DE HERANÇA	17
2.1 CULTURA EM MEIO AO CENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ	17
2.2 LÍNGUA COMO FATOR IDENTITÁRIO DE UMA COMUNIDADE	21
2.3 BILINGUISMO E AS LÍNGUAS DE HERANÇA.....	25
3 CONTEXTO HISTÓRICO: EMIGRAÇÃO GERMÂNICA, IMIGRAÇÃO E O CRESCENTE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO	28
3.1 OS ALEMÃES NA REGIÃO DA FELIZ: POVOAMENTO	39
3.1.1 O crescente desenvolvimento da região de Feliz	49
3.2 FELIZ: ENFIM, MUNICÍPIO	55
3.3 A FELIZ ATUAL	57
4 A LÍNGUA COMO MAIS UMA HERANÇA CULTURAL	74
4.1 O DIALETO HUNSRÜCKISCH	74
4.2 LÍNGUA E IDENTIDADE SOCIOCULTURAL	80
5 PRESERVAR OU NÃO PRESERVAR: A IDENTIDADE EM JOGO	93
5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES DA PESQUISA	96
5.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	98
5.2.1 Transição de uma língua à outra	99
5.2.2 Contextos de uso do dialeto	103
5.2.3 Onde se mantém o dialeto: memória e identidade nas interações na língua de herança.	108
5.2.4 Dialeto como parte da cultura e identidade	115
6 CONCLUSÃO	118
REFERÊNCIAS	124
ANEXO A - ENTREVISTAS COM AS FAMÍLIAS PARTICIPANTES DO ESTUDO	129

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco o bilinguismo por língua de herança, mais precisamente, o dialeto Hunsrückisch, e os aspectos sociais e identitários que envolvem seu uso por moradores da cidade de Feliz, no Rio Grande do Sul.

Atualmente, o município de Feliz, localizado no Vale do Caí, no limiar da Serra Gaúcha, conta com aproximadamente 13.000 habitantes. Destes, grande parte são de origem alemã e mantêm vivas as tradições dos antepassados, evidenciando, no seu dia a dia, os traços culturais germânicos dos imigrantes. É o município com maior índice de desenvolvimento do Rio Grande do Sul, de acordo com o Indicador Social de Desenvolvimento dos Municípios (ISDM), lançado pelo Centro de Microeconomia Aplicada da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), em 2012.

Feliz preserva as características de uma pequena cidade do interior e mantém vivos muitos aspectos da tradição dos alemães que colonizaram a região do município. Isso é facilmente percebido nas fachadas das construções, nos jardins das casas, que ostentam uma grande variedade de flores, e no uso do dialeto Hunsrückisch. A variedade da língua alemã é preservada em muitos meios sociais no município; está presente nos mais variados contextos, tanto no âmbito familiar como em outros meios sociais, fazendo parte, portanto, da identidade de seu povo.

A escolha da temática deste trabalho teve motivações pessoais, pois, desde criança, a língua alemã foi de grande importância nas vivências da pesquisadora, principalmente na convivência com seus avós maternos, sendo essa a sua língua de herança e a língua de contato com a família. Como moradora e integrante dessa comunidade bilíngue, o que despertou a curiosidade para este trabalho foi a hipótese levantada pela pesquisadora de que o número de falantes de Hunsrückisch tem diminuído em alguns contextos sociais. Por meio das entrevistas, buscou-se compreender a maneira como famílias de Feliz percebem a importância da preservação do dialeto Hunsrück enquanto fator identitário e como elas agem a partir dessa percepção. Tem-se, portanto, o seguinte problema de pesquisa: De que maneira famílias de Feliz, praticantes do Hunsrückisch, veem a preservação desse dialeto alemão e como agem diante de seu posicionamento? A hipótese é de que, ainda que vejam o Hunsrückisch como uma importante expressão cultural e

histórica, elas têm, em geral, por razões variadas, dificuldades de transmitir o dialeto para as gerações futuras.

Ao discorrer sobre essas percepções, reflete-se sobre os impactos da política linguística do município, especialmente em relação à educação, no uso da língua alemã em contextos sociais variados e no modo pelo qual as crianças se valem da sua língua de herança, incluindo o contexto doméstico-familiar. Mesmo tendo crescido em um ambiente onde duas línguas distintas (Língua Portuguesa e Hunsrückisch) coexistem naturalmente como meios de interação, a pesquisadora não se considerava uma pessoa bilíngue até tornar-se estudante de Letras. Devido a alguns mitos, até muito recentemente acreditava-se que, para ser considerado bilíngue, era necessário que o sujeito apresentasse como primosas suas capacidades de compreensão, fala e, também, escrita em um segundo idioma. Ao aprofundar os conhecimentos acerca de bilinguismo e línguas de herança, a pesquisadora passou a repensar alguns conceitos relacionados à língua de herança e a alterar sua visão acerca da dimensão e importância do dialeto Hunsrückisch em seu contexto social e, também, no município de Feliz como um todo.

Este estudo buscou observar e compreender se os falantes de determinada língua de herança percebem ou não alguma importância na manutenção da sua língua materna, bem como o que os leva a continuar utilizando-a em suas interações com as crianças da família. Inicialmente, foi feita uma sondagem em relação às famílias que mantêm a língua de herança presente em seu cotidiano. Na sequência selecionou-se as famílias dispostas a colaborar de acordo com critérios previamente estabelecidos, como, por exemplo, serem moradoras da cidade de Feliz há pelo menos 15 anos, serem falantes de Português e Hunsrückisch e terem filhos entre 0 e 15 anos. Após a seleção, foram agendadas e realizadas entrevistas com as famílias, adentrando o âmbito doméstico dos participantes.

Quanto aos procedimentos técnicos, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), este tipo de estudo consiste, inicialmente, na realização de uma pesquisa bibliográfica a partir de material já publicado, principalmente livros, artigos científicos e publicações em periódicos, colocando o pesquisador em contato com um vasto acervo de material já produzido sobre o assunto, para, então, estabelecer um modelo teórico inicial de referência. Quanto à natureza, esta é uma pesquisa básica, pois “objetiva gerar

conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

Através deste estudo, procurou-se observar os usos da língua de herança das crianças bilíngues em um contexto específico, que é o município de Feliz/RS. Quanto aos seus objetivos, esta pesquisa pode ser classificada como exploratória, assim caracterizada, segundo Prodanov e Freitas (2013), porque tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o tema que está sendo investigado. Como já mencionado, o instrumento de coleta de dados utilizado neste estudo é a entrevista. Trata-se de uma pesquisa com relevância social para a comunidade onde foi desenvolvida, visto que a população do local é majoritariamente falante de Português/Hunsrückisch e a cultura germânica está manifestada em variados aspectos do cotidiano deste povo.

Para endossar as reflexões sobre cultura, este estudo valeu-se de autores como Hall (1997), que compartilha a ideia de que a cultura consiste em um conjunto de significados partilhados por um determinado grupo, bem como Santaella (2003), Laraia (2007) e Eagleton (2005). Ao tratar do conceito de identidades, foram consultados autores como Charaudeau (2009), que explica que a identidade pode ser definida como um “tomar consciência” de si; também foi feita a busca por informações nos estudos de Bauman (2005) e Woodward (2012). Para discorrer sobre a relação da língua de herança e a construção da identidade dos imigrantes germânicos no Brasil, foram consultados os textos de Neumann (2014) e Rotermund (1997). Buscando explanar o conceito histórico da imigração, foi realizada pesquisa junto às obras de autores como Altenhofen (1996), Schröder (2019), Amstad (1999), Dreher (2014), Cunha (2019), Gertz (2008) e Tramontini (2000). Para endossar as questões pertinentes à arquitetura e ao espaço geográfico e cultural envolvidos na imigração no sul do Brasil, foram consultados textos de Bezzi e Weimer (2005), e visando discorrer sobre os aspectos sociais, culturais e históricos envolvendo os imigrantes no período do Estado Novo no Brasil, foram utilizados como fontes os estudos de Radünz (2016) e Werle (2017).

O município de Feliz busca exaltar e destacar a cultura germânica, que tem influência sobre seu povo e suas origens, em sua arquitetura, festejos e costumes. Procurou-se saber, por meio desta pesquisa, se o mesmo tem acontecido no que diz respeito à manutenção e incentivo do uso da variante Hunsrückisch no âmbito das

famílias. Buscou-se, também, perceber a importância direcionada à língua nos mais variados contextos sociais desta comunidade bilíngue. Manifestando um possível interesse em preservar a língua de herança, o município oferece, na rede pública de ensino, o componente curricular de língua alemã, mas trata-se, nesse caso, do alemão padrão, e não do dialeto Hunsrückisch, que é a variedade falada pela comunidade felizense. Ao longo das entrevistas, percebeu-se que o esforço em ofertar a língua alemã no currículo escolar acaba por não ter a eficiência esperada no que diz respeito à manutenção da língua materna.

Neste estudo, foram discutidas questões sobre o que leva as crianças a restringirem o uso da língua alemã quando isso de fato acontece, quais são as situações nas quais as famílias continuam utilizando a sua língua de herança e qual a importância atribuída pelos pais à essa manutenção linguística. Quando a manutenção da variante Hunsrückisch não acontece, procurou-se descobrir o que leva estas famílias a não atribuírem importância à preservação da sua língua de herança, visando compreender suas concepções e suas motivações para tanto. As famílias bilíngues que participaram desse estudo têm o dialeto Hunsrückisch como algo corrente em seu dia a dia.

O presente estudo encontra-se organizado em seis capítulos, iniciando por este, de introdução, que trata das reflexões iniciais, apresentando, também, as motivações e o contexto desta pesquisa. No segundo capítulo, iniciou-se a revisão teórica, falando sobre questões pertinentes ao conceito de cultura, língua e identidade, relacionando-os, em específico, com a língua de herança de parte significativa dos moradores de Feliz. No terceiro capítulo, são abordados tópicos importantes para a pesquisa relacionados ao contexto histórico do município de Feliz, atentando para a imigração germânica no cenário sul brasileiro e, também, para a trajetória do município até a sua organização na atualidade. O quarto capítulo explora os conceitos e definições acerca do dialeto Hunsrückisch, o que se entende por *dialeto* e *variação linguística*, sua origem e sua importância no contexto histórico, bem como a língua como fator sociocultural. No capítulo 5, são discutidas as questões identitárias envolvidas na escolha de preservar (ou não) uma língua de herança, bem como as possíveis consequências dessa escolha a curto e longo prazo para uma determinada comunidade. Este capítulo tem como base as respostas obtidas na realização das entrevistas com as famílias do município de

Feliz, cujos pais são falantes de Português e Hunsrückisch. No sexto e último capítulo, são apresentadas as considerações finais, os resultados, incluindo a síntese deste trabalho e as possibilidades para pesquisas futuras.

De maneira sintética, este estudo se debruça sobre as questões identitárias e as manifestações culturais que permeiam a escolha por preservar ou não a língua de herança em meio às novas gerações, principalmente no âmbito familiar. Também são abordadas questões sobre o que motiva a diminuição ou a preservação das interações em Hunsrückisch além do ambiente doméstico, e como estas escolhas interferem na construção da identidade e da memória do povo de Feliz.

Entende-se que o trabalho preenche, dessa maneira, uma lacuna existente nas investigações sobre a história, a cultura e a identidade do município de Feliz, particularmente no que diz respeito ao bilinguismo e à manutenção da língua de herança.

2 CULTURA, LÍNGUA E BILINGUISMO POR LÍNGUA DE HERANÇA

Considerando a cultura como um compilado de conceitos e significados partilhados por um grupo de sujeitos, facilmente percebe-se a relação da língua e dos aspectos identitários aqui entrelaçados.

Atravessando diferentes âmbitos da vida social, o tema da identidade é abordado através de diferentes perspectivas, levando, inclusive, a controvérsias. Segundo Woodward (2012), a identidade é relacional. Afirmar a sua identidade é necessariamente definir e afirmar algo que o sujeito não é, para assim identificar e defender aquilo que afirma ser. A identidade é marcada por meio de símbolos, e um deles, muito significativo, é a língua da qual se valem os falantes, pois, ainda segundo Woodward (2012), há uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas das quais ela faz uso. Segundo a mesma autora, uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos.

A língua de herança, objeto deste estudo, integra o compilado de aspectos e antecedentes históricos relacionados aos descendentes de imigrantes alemães que se encontram na região de Feliz e compõem a comunidade atualmente. Todo o aparato envolvendo costumes, celebrações e a língua alemã fazem da cidade de Feliz uma comunidade intimamente ligada à cultura e à imigração alemã.

2.1 CULTURA EM MEIO AO CENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Ao preservar costumes, celebrações e a língua de herança em uma comunidade de colonização alemã, as pessoas costumam dizer que estão preservando a história e a cultura deste local. De acordo com Hall (1997), a cultura é um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis da mudança histórica da contemporaneidade. Nesta seção serão abordadas questões relacionadas à cultura e identidade dos falantes bilíngues de línguas de herança, em especial nas comunidades de imigrantes falantes de Português/Hunsrückisch.

Segundo Hall (1997), a cultura consiste em um conjunto de significados partilhados por um determinado grupo e tem assumido um papel muito significativo quanto à estrutura e à organização da sociedade contemporânea, sendo constitutiva em toda análise social. A definição de cultura vem passando por transformações

conforme avançam os estudos e ampliam-se as percepções do que engloba o termo. Inicialmente a palavra estava associada às atividades agrícolas, relacionando-se com o ato de cultivar a terra, como é possível ler em Santaella: “Cultura, em todos os seus sentidos, social, intelectual ou artístico é uma metáfora derivada da palavra latina *cultura*, que, no seu sentido original, significava o ato de cultivar o solo” (2003, p. 29). Assim, também se subentende que hábitos, rituais e costumes, para que venham a desenvolver-se e fixar-se como uma realidade para determinado grupo, precisam ser cultivados e perpetuados para assim configurarem parte de uma cultura. Diferente do que é inerente aos aspectos biológicos, a cultura pode ser aprendida e modificada conforme é transmitida entre as gerações, sendo considerada, assim, uma criação humana. De acordo com Santaella: “Há consenso sobre o fato de que cultura é aprendida, que ela permite a adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é grandemente variável e que se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais” (2003, p. 31).

De acordo com Laraia:

O sujeito não é capaz de compartilhar de todos os elementos de sua cultura, e essa limitação acontece pelo fato de o indivíduo estar inserido em determinados contextos, influenciado por aspectos como a classe social e econômica, idade, gênero e profissão. (LARAIA, 2007, p. 80)

Definir ou até mesmo descrever a cultura de um povo é uma tarefa bastante complexa. Segundo Eagleton (2005), o termo “cultura” tem sua origem na palavra “lavoura” e conseqüentemente, na expressão “cultivo” agrícola. Segundo os estudos antropológicos, a cultura se opõe àquilo que é natural, à natureza. Mas de acordo com Eagleton (2005, p.13): “Se cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação quanto crescimento espontâneo.” A cultura diz respeito às convenções morais do que é aceitável ou não dentro de um grupo, deixando saber assim o que se pode esperar de determinada convenção social. Em sua tese de doutorado, ainda inédita, Lopes menciona que “Durante o século XIX, a tendência do pensamento social acabou ‘naturalizando’ a cultura, e, com isso, os fatos culturais passaram a ser considerados produtos humanos” (LOPES, 2023, p.25).

Em contrapartida, o sujeito precisa compartilhar aspectos da cultura do grupo onde se encontra inserido, possibilitando assim a sua interação com os demais. Com a ascendência do conceito de Geografia Cultural, de acordo com Neto e Bezzi (2008), passou-se a considerar como objeto de estudo não mais os indivíduos isolados ou suas características pessoais, mas as comunidades de pessoas que estão ocupando um determinado espaço, além das variadas características de crença e comportamento comuns aos membros das referidas comunidades. Segundo as autoras, a cultura, sob o “olhar geográfico”, considera os símbolos que atribuem materialidade e identificam a cultura no espaço, evidenciando que, na relação cultura-espaço, faz-se necessária uma simbologia responsável pela sua identificação.

Neto e Bezzi (2009) mencionam que, no contexto geográfico do Rio Grande do Sul, o regionalismo torna-se evidente mediante a construção do estereótipo do gaúcho como tipo regional representativo da unidade na diversidade:

Ao se considerar o homem como um ser cultural, pode-se dizer que, sua relação com a natureza é mediada por distintos códigos culturais (sistemas simbólicos de representação originados por um grupo social), que se abrem frente aos interesses do capital, ao novo, mas, muitas vezes, resiste às mudanças, às transformações, e à primeira lei social para manter a herança cultural. (NETO; BEZZI, 2009, p. 18)

Assim como a figura do gaúcho é atribuída às pessoas que habitam o território do Rio Grande do Sul, principalmente a região da campanha, a região que concentra descendentes de imigrantes germânicos é marcada pelos costumes, arquitetura e festas típicas que ajudam a construir a imagem de “descendente alemão” que percebemos nesses locais. Neto e Bezzi (2009) trazem essa ideia de “região cultural”, onde a cultura seria um pilar estrutural que impede a homogeneização dos costumes, sendo assim responsável pela diversidade de formas e arranjos espaciais. Desse modo, a representatividade da cultura seria um dos fatores que impedem que a globalização homogeneize os grupos sociais de uma determinada região, fazendo com que eles mantenham a sua própria identidade.

Nos primórdios, as pesquisas no campo da sociolinguística constataram que crianças oriundas de grupos linguísticos de línguas de herança apresentavam desempenho escolar inferior ao das crianças provenientes de classes média e alta

(BORTONI, 2014, p.12). Atualmente essas possíveis diferenças podem ser explicadas baseando-se no nível instrucional das pessoas que integram o ambiente familiar dessas crianças:

Na década de 1960, quando os primeiros sociolinguistas buscavam no repertório linguístico das crianças as explicações para o seu melhor ou pior ajustamento à cultura escolar, ainda pouco se discutia o impacto da cultura letrada sobre grupos sociais ou nacionais (BORTONI, 2014, p. 12).

A memória da imigração constrói, ainda hoje, as referências culturais do Rio Grande do Sul, caracterizando inúmeras regiões do estado. Milhares de pessoas identificam-se através de sua ascendência imigrante. “Esta, no entanto, permanece, na maioria dos casos, confinada aos festejos típicos de algumas cidades” (RADÜNZ, 2016, p. 260). Os estudos sugerem que a temática da imigração e seus reflexos na cultura local não são abordados no currículo escolar e conseqüentemente, não recebem a devida atenção. São raros os exemplares de material didático oficial disponibilizado para a Educação Básica que dão visibilidade à imigração. A ausência de vínculo entre a memória coletiva e a história oficial promove o distanciamento do indivíduo enquanto sujeito histórico.

O século XXI inicia marcado por novos fluxos imigratórios para o Sul do Brasil. Por diferentes motivações e com distintas características culturais, senegaleses, ganeses e haitianos, entre outros, chegam em grupos expressivos ao estado gaúcho. Este processo revela a constante dinâmica da lógica da imigração e estabelece a necessidade da constante pesquisa sobre o tema. Elas, no entanto, precisam chegar à sala de aula para promover o enriquecimento da identidade nacional, desconstruindo preconceitos e preenchendo as lacunas sobre a mobilidade humana e a construção da cultura brasileira.

Assim como dentre outros meios plurais, também no âmbito da cultura podem surgir divergências e conflitos. De acordo com Candau (2012), a presença de grupos socioculturais diversos nos cenários públicos, tanto no âmbito internacional como no Brasil, tem provocado tensões, conflitos, diálogos e negociações orientadas à construção de políticas públicas que focalizem essas questões. Porém, o que se observa é que, via de regra, as diferenças são abordadas como um problema a ser resolvido, e não como um fator enriquecedor.

No presente trabalho de pesquisa, entende-se a cultura como um conjunto de costumes, tradições e crenças de um grupo em específico, manifestadas, especialmente, através da linguagem, compondo assim, uma característica importante dos sujeitos.

2.2 LÍNGUA COMO FATOR IDENTITÁRIO DE UMA COMUNIDADE

A sociedade humana atual é caracterizada pelo extenso multilinguismo, percebido nos mais diferentes contextos, ilustrado, por exemplo, pelo Brasil, onde há entre 150 e 200 línguas descritas. Os estudos mostram, porém, que essas variadas línguas ocupam diferentes níveis de prestígio que a elas são atribuídos, sinalizando uma hierarquia entre os idiomas e também em relação às suas variações. As línguas de herança eram anteriormente chamadas de línguas minoritárias, porém essa noção de língua não estava associada ao número de falantes que dela faziam uso, e sim ao prestígio do qual ela desfrutava no meio social em que se encontrava, de acordo com Fritzen e Maas (2012). De modo geral, as línguas de herança têm menor prestígio em relação às outras línguas estrangeiras; via de regra, o bilinguismo é incentivado quando se trata de uma língua de prestígio, como por exemplo, a Língua Inglesa.

Os cidadãos contemporâneos encontram-se inseridos em um contexto onde frequentemente precisam fazer adaptações linguísticas, o que é motivado em grande escala pela globalização e pelos diferentes âmbitos onde os sujeitos interagem. As referidas adaptações linguísticas nem sempre implicam em ter necessariamente o conhecimento da oralidade e também da escrita. No que tange à maioria dos falantes de línguas de herança, esse conhecimento se restringe à fala e mesmo assim, os sujeitos se valem desta língua para interagir em determinados contextos e o fazem sem prejudicar sua comunicação.

A linguagem é a própria cultura. De acordo com Hall (2002), se a linguagem atribui sentido, os significados só podem ser partilhados pelo acesso comum à linguagem, que funciona como sistema de representação. Assim, a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado. Além disso, “[...] as representações têm sérias implicações sobre as identidades, pois as mesmas têm a ver como temos

sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar, surgindo das próprias narrativas do eu” (HALL, 2000, p.109). Para este estudioso, as identidades sociais são construídas no interior da representação, por meio da cultura, sendo assim, a relação entre língua e identidade é especialmente estreita.

Segundo Neto e Bezzi (2008), a cultura engloba os aspectos materiais e imateriais que permeiam um grupo social, orientando as atitudes tomadas em relação aos seus semelhantes e o meio em que vivem. Essa relação cultura-espço pressupõe a existência e o uso de uma simbologia responsável pela identificação, via materialidade dos códigos culturais. A partir dessas afirmações, é possível afirmar que a língua integra esse conjunto de símbolos e códigos, integrando o acervo dos aspectos culturais imateriais de determinado grupo social, como é possível ler em Neto e Bezzi:

Estes símbolos, segundo Claval (1999), denominam-se códigos culturais e englobam desde a linguagem até as convenções mais particulares de cada cultura. De certo modo, permitem a sobrevivência de um grupo cultural e têm como resultado a organização de um espaço que se torna característico via materialização dos códigos que compõem esta cultura. (NETO; BEZZI, 2008, p. 255)

Ainda de acordo com as autoras, na atualidade, os debates acerca de cultura envolvem a conceitualização e os processos de identificação de determinados grupos, enfatizando a construção e a manutenção de identidades culturais. Segundo as mesmas pesquisadoras, as discussões teóricas têm se direcionado para dois focos diferentes no que tange à relação cultura-globalização: o primeiro indicando uma tendência de homogeneização e, o segundo, afirmando a diversidade cultural existente no planeta.

Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber a homogeneização cultural que vem acontecendo no município de Feliz, em meio ao grupo de descendentes de imigrantes alemães que participaram da entrevista. Na busca por tentar preservar e reafirmar a sua identidade cultural como teuto-brasileiros, eles valem-se de roupas típicas em seus eventos culturais, originárias de diferentes regiões da Alemanha, que até 1870 era composta inclusive por diferentes unidades políticas. Mas, para se afirmar como uma comunidade de origem germânica, pouco atentam para a região de onde vieram seus antepassados imigrantes; utilizam as roupas de regiões

diversas, na enfática busca pela caracterização como uma extensão da Alemanha no Brasil. Da mesma forma, a arquitetura enxaimel que é incentivada no município e propagada como um legado dos imigrantes alemães é originária de determinada região da Alemanha, não podendo ser atribuída como um artefato cultural pertinente a todos os imigrantes de origem germânica.

Em contrapartida ao efeito homogeneizador da globalização, Neto e Bezzi (2008) afirmam que é no processo de identificação de um grupo social que alguns códigos se sobressaem em relação a outros, caracterizando a cultura em questão e enfatizando a sua identidade cultural. Ainda segundo as autoras, o que se percebe, na prática, é uma fortemente mobilizada reivindicação de identidades culturais, como forma de se sobressair do padrão global, e o resultado é a valorização do local, do singular e das diferenças.

A língua e a identidade cultural de determinado grupo de pessoas estão intimamente relacionadas, e, nessa relação, estão incutidos aspectos que simbolizam a união de um grupo, o reconhecimento de membros dessa comunidade, a diferenciação de estrangeiros e a perpetuação das tradições. De acordo com Charaudeau (2009), a identidade pode ser definida como um “tomar consciência” de si. Isso acontece diante da percepção de diferença entre o “eu” e o “outro”, pois, identificar-se como aquilo que o outro não é seria o princípio do reconhecimento da sua própria identidade. Charaudeau (2009) segmenta a ideia de identidade em identidade social e identidade discursiva. A identidade social baseia-se na necessidade de ser reconhecido pelos outros, e é o que confere ao sujeito seu ‘direito à palavra’. Já a identidade discursiva diz respeito ao papel que o sujeito está desempenhando no momento da sua fala, respondendo a questão: “Estou aqui para falar *como*?” (CHARAUDEAU, 2009, p. 29). Ainda de acordo com Charaudeau (2009), os sujeitos existem e reafirmam suas identidades em relação ao outro também pela linguagem da qual se valem, com a qual se comunicam com a sociedade. Ou seja, a sociedade influencia na identidade do falante, mas também os falantes influenciam na organização e andamento da sociedade.

Segundo Bauman, “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado” (BAUMAN, 2005, p.84). Essa afirmação vem ao encontro das percepções a partir das entrevistas realizadas: ao mesmo tempo em que os falantes

demonstram apego e estima pela língua de herança, considerando-a importante patrimônio cultural, afirmam que, em algum momento de suas vidas, já sentiram vergonha por serem falantes de Hunsrückish. Enquanto se afirmam como “alemães”, por serem descendentes remotos de imigrantes, os entrevistados também sinalizaram a presença de estereótipos acerca da sua língua de herança, mencionando expressões como “língua de colono”.

As escolhas dos falantes em relação à língua da qual se valem em suas interações cotidianas dizem muito sobre sua identidade. Bortoni (2014) menciona os estudos sociolinguísticos do Paraguai quando cita como exemplo a distribuição diglósica entre as línguas guarani e castelhano, cada uma com funções sociais distintas. Em guarani, as pessoas conduzem suas conversas espontâneas, e, nas interações burocráticas, midiáticas e literárias, é mais comum o uso do castelhano.

A escolha por uma ou outra língua está intimamente ligada ao contexto onde se encontra o falante. Segundo os estudos de Flores e Pfeifer (2014), é visível que a interação fazendo uso da língua de herança no contexto do seio familiar diminui com o ingresso das crianças no âmbito escolar, simultaneamente ao momento em que começam a construir relações sociais fora desse núcleo familiar e aumentando assim o contato com a língua majoritária.

Em muitos casos, a partir deste momento, a língua majoritária também passa a ter um papel muito mais importante enquanto língua de comunicação na família. E se um dos pais é ele próprio já emigrante de segunda geração e/ou falante nativo da língua majoritária (com ou sem conhecimentos da língua minoritária), a presença da língua majoritária no seio da família é ainda mais forte e o contacto com a LH² mais restrito. (FLORES; PFEIFER, 2014, p. 19)

Assim, é possível afirmar que, quando se veem inseridas em um ambiente majoritariamente falante de Português e permanecem nesse contexto a maior parte do seu dia, essa mesma língua passa a ser a preferida das crianças bilíngues e elas começam a utilizá-la em interações onde anteriormente usavam a sua língua de herança. É imprescindível ressaltar a relação que existe entre as escolhas linguísticas e a identidade dos falantes. Segundo Auer, Arnhold e Bueno-Aniola (2005, p. 170), “Ao escolher uma certa maneira de falar e se comportar ao invés de outra, tem um significado social”. Ou seja, o modo como as pessoas se relacionam e

² Língua de herança.

usam determinada língua revela muito sobre quem são estes falantes e o papel que estão desempenhando no momento da interação. A bilinguagem pode ser vista como algo natural para os falantes, que transitam em um *continuum* entre o uso de uma ou de outra língua em questão. Segundo Grosjean (2010, p. 194):

[...] de um lado do contínuo, os bilíngues adotariam uma modalidade monolíngue, uma vez que seus interlocutores seriam monolíngues (em uma das línguas que a criança tenha adquirido); nesse contexto, seria preciso utilizar uma língua e excluir a outra. No outro extremo do contínuo, os bilíngues utilizariam a modalidade bilíngue, uma vez que seus interlocutores compartilhariam as mesmas línguas. Dessa forma, os falantes poderiam escolher qual língua usar ou poderiam alternar/misturar diferentes códigos se seus interlocutores aceitassem ou também adotassem esse mesmo comportamento [...].

Grande parte da população desconhece o fato de o Brasil ser um país oficialmente bilíngue, tendo o Português e a Língua Brasileira de Sinais como línguas oficiais desde 2002, por meio da Lei 10.436. Da mesma forma, as línguas de imigração, como Hunsrückisch, também são uma realidade para muitas comunidades de falantes, mas passam despercebidas tratando-se do cenário a nível nacional.

Segundo Liddicoat (1991), em diversos casos, o bilinguismo diz respeito às minorias, mas, mesmo assim, não deixa de existir. O autor traz como exemplo países com comunidades linguísticas indígenas, nas quais o bilinguismo faz sentido somente para uma pequena parcela da população. No município de Feliz, tem-se semelhante situação no que diz respeito ao bilinguismo no dialeto Hunsrückisch e língua portuguesa. É importante ressaltar que, nessa comunidade bilíngue, é falado o dialeto alemão Hunsrückisch, que representa uma herança histórica, cultural e linguística da imigração alemã para o país. O movimento de imigração europeu contribuiu em muito para a pluralidade linguística e cultural existente no Brasil, e a herança linguística deixada pelos imigrantes é algo valioso para as comunidades que preservam os dialetos como língua materna (EHRARDT, 2021). Assim, mesmo que o dialeto Hunsrückisch apresente um *corpus* de origem germânica, passou a ter influência da língua portuguesa no Brasil, diferenciando-se da variedade falada na Alemanha, e passou a ser considerado um patrimônio cultural imaterial.

Dentre a população, temos grupos de pessoas bilíngues falantes de Hunsrückisch e Português que fazem questão de manter essa característica preservando o uso da língua no núcleo familiar. Assim, as pessoas bilíngues devido

à sua língua de herança fazem escolhas em relação à língua que vão utilizar nos diferentes contextos de interação, o que revela muito sobre a identidade das pessoas e como estas devem/querem ser reconhecidas.

2.3 BILINGUISMO E AS LÍNGUAS DE HERANÇA

O aprendizado de qualquer idioma é um processo complexo que envolve diversos aspectos: linguísticos, emocionais, cognitivos, sociais e psicológicos. O desenvolvimento da primeira língua acontece como parte do processo de socialização da criança, da necessidade desta em expressar vontades, necessidades, entre outros aspectos. Nesta pesquisa, os sujeitos alvo são crianças que aprenderam simultaneamente duas línguas ou então uma após a outra em um curto espaço de tempo, devido ao contexto onde estão inseridas.

A população mundial bilíngue vem aumentando, e tem sido relatado que, atualmente, a maioria das pessoas em todo o mundo é bilíngue. Fala-se hoje, inclusive, cada vez mais em multilinguismo, uma vez que o bilinguismo não dá conta de todos os processos de uso de língua. O bilinguismo está vinculado a vários fatores e há certa complexidade em encontrar uma única definição que o explique. No entanto, há um consenso entre os estudiosos de que uma pessoa para ser considerada bilíngue precisa ser capaz de se comunicar, com clareza, em duas línguas (GROSJEAN, 2010). Assim, supostamente, a pessoa bilíngue sente-se confortável e segura para usar as duas línguas em diferentes contextos e ambientes, o que não significa que usa as duas línguas nos mesmos contextos e da mesma forma - e que o grau de conforto que sente seja o mesmo.

Segundo Liddicoat (1991), os níveis de bilinguismo podem ser avaliados a partir das habilidades em leitura, fala, escrita e audição em cada uma das línguas. Ele traz como exemplo uma criança que cresce em uma comunidade de imigrantes e desenvolve as habilidades da fala e da escuta na língua de seus antepassados, mas não a escrita e a leitura, e mesmo assim é considerada bilíngue. É exatamente essa a situação encontrada ao analisar o grupo de crianças da comunidade de cultura germânica no município de Feliz que participaram deste estudo. As crianças em questão estão em contato com a cultura de descendência alemã e com o dialeto Hunsrückisch por meio das interações orais, e desenvolvem a habilidade de interagir

oralmente nesse idioma. Nesses casos, a presença e o uso de duas línguas compõem um novo e completo sistema linguístico que atende às necessidades individuais desses falantes, que muitas vezes fazem o uso simultâneo das duas línguas para se fazerem compreendidos.

De acordo com Salgado e Dias (2010), a mistura de códigos mostra-se útil e produtiva para que sejam atingidos os objetivos comunicacionais pretendidos. Em aspectos gerais, pessoas bilíngues têm maior proficiência em uma das línguas, e esta é considerada a língua dominante. Grosjean (1997), em seus estudos, sugere que um falante bilíngue tem ativos os dois idiomas que fala, mas se opta por determinada língua no momento de interagir, isso sinaliza que esse idioma tem uma ativação maior que a outra para determinado contexto. O bilinguismo diz respeito à habilidade de pensar em duas línguas, valer-se delas em ocasiões diversas e também ter confiança para usar palavras, termos e expressões de forma condizente com a situação. De acordo com Brown e Altarriba (2007, p. 73):

Pesquisas recentes como um todo parecem mostrar que os bilíngues são capazes de ativar simultaneamente ambos os idiomas; no entanto, esta constatação implica que um idioma é mais ativado do que o outro e/ou a língua que não está em uso pode ser inibida em algum grau.

Até o momento discutimos alguns tópicos buscando compreender ao que se refere o bilinguismo, especialmente no que diz respeito à habilidade e à cognição da língua. É importante ressaltar que uma pessoa bilíngue, ao fazer a escolha do código que irá usar também está, nesse momento, revelando e construindo sua identidade.

Assim como em outras situações onde se trata de falantes bilíngues, os falantes de uma língua de herança também podem se encontrar em diferentes níveis de conhecimento e habilidade de interação na língua em questão. De acordo com Flores e Pfeifer (2014), os falantes de uma língua de herança podem apresentar diferentes níveis de proficiência, assim como as suas experiências de contato com a língua também podem ser diversas. De acordo com Bortoni (2014, p. 142), “Todos os falantes transitam por espaços sociolinguísticos e nesse processo introduzem em seu repertório regras que os possam aproximar dos grupos de referência com quem desejam identificar-se a cada momento.” Mas, para tanto, é indispensável que o falante consiga identificar os grupos modelos e que tenha acesso a tais grupos, bem

como identificar as motivações que o direcionam para um ou outro grupo e, também, que consiga modificar seu comportamento linguístico quando julgar necessário.

No entanto, as línguas de herança não integram o bilinguismo de prestígio, e, na maioria das comunidades, ficam restritas às interações no seio das famílias, no ambiente doméstico. Assim, as línguas de herança podem sucumbir à língua oficial do país, mesmo quando se trata de um contexto histórico sob forte influência das manifestações culturais perpetuadas pelos descendentes de imigrantes.

3 CONTEXTO HISTÓRICO: EMIGRAÇÃO GERMÂNICA, IMIGRAÇÃO E O CRESCENTE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO

Desde a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 até o ano de sua independência, em 1822, o país foi colônia do reino de Portugal, e a isso se deve sua dependência política e econômica. Somente com a transferência da Casa de Bragança para o Rio de Janeiro, em 1808, foi viabilizada a abertura dos portos para outras nações e assim também se possibilitou o livre comércio com outros países, o que aproximou os alemães³ e o Brasil. Porém, antes mesmo da chegada da família real ao Brasil já havia ali a presença de alemães.

De acordo com Schröder (2019), Hans Staden foi um viajante alemão nascido em Homberg que esteve no Brasil por duas vezes, entre 1547/1548 e 1549/1555. Seus relatos acerca do Brasil ficaram conhecidos por ter sido prisioneiro dos índios tupinambás durante um período de nove meses e por ter presenciado episódios de antropofagia nessa ocasião. Ainda segundo Schröder (2019), em 1600, encontrava-se no Brasil uma Firma Schatz, de propriedade de Paul Werner, e em São Paulo residia o alemão Joseph Pranta e diversos engenheiros de minas, entre eles Jacob Calte, Gerhard Betting e Wilhelm Glimmer. Também encontravam-se padres jesuítas alemães no território brasileiro próximo à fronteira com o Uruguai, entre eles Karl Linges, Schwartelberger, Stroebel e Samuel Fritz. O mais conhecido, de acordo com Amstad (1999)⁴, foi o Padre Sepp, natural do Tirol, que fundou a mais populosa das sete Missões no Rio Grande do Sul e tornou-se o pioneiro na introdução da cultura germânica na América do Sul. Outro missionário alemão foi o padre Vasäus, que introduziu antigos costumes dos Países Baixos na região das Missões, mas não foi tão influente como o padre Sepp, segundo Amstad (1999). Os missionários alemães tiveram grande importância nos registros históricos da região das sete Missões, pois deixaram grande quantidade de relatos escritos e outros registros de extrema relevância.

De acordo com Schröder (2019), o primeiro plano para trazer colonos alemães para o Brasil partiu do príncipe Maurício de Nassau que, entre 1637 e 1644,

³ A Alemanha só foi unificada em 1871. Antes disso, é possível falar em “povos germânicos”. Neste estudo, porém, usamos a expressão “alemães” para nos referir aos povos germânicos antes da unificação da Alemanha.

⁴ A primeira edição desta obra foi publicada em 1924, ano do centenário de imigração germânica no Rio Grande do Sul. Mas como fonte de consulta para esta pesquisa utilizamos a edição mais recente, de 1999.

trouxe alemães para a sua corte com a intenção de proporcionar espaço para o agricultor alemão que perdera suas terras para a companhia holandesa. Nesta ocasião, no século XVII, os holandeses haviam ocupado territórios no Nordeste brasileiro na tentativa de fundar sua própria colônia na América ao se apropriar de uma das maiores regiões produtoras de açúcar do Brasil. Também no Nordeste havia a presença de colonos alemães, que entraram em conflito com os holandeses ao perceberem seus lotes de terras invadidos.

Os imigrantes vindos em diferentes épocas e regiões da Alemanha, carregando suas peculiaridades, constituíram no Brasil sua identidade enquanto grupo étnico alemão, contrapondo-se aos outros. Segundo Neumann (2014), o processo de formação da identidade étnica é sempre relacional, pois envolve a construção e a afirmação de um nós diante de um outro. Mesmo os imigrantes germânicos tendo migrado do mesmo território germânico, acabaram por se sobressair às fragmentações, revelando um grupo étnico heterogêneo. No conto “Os dois vizinhos”, de Wilhelm Rotermund, são relatados alguns episódios nos quais os imigrantes alemães, então moradores de uma colônia no Rio Grande do Sul, se desentendem e se afrontam por serem oriundos de diferentes regiões da Alemanha, mostrando, de certa forma, rivalidade entre os grupos:

Mas, depois de haverem esquentado um pouco, revelou-se que no menor país também há partidos. “Pobres Birkenfelder”, debochou Karl Brenner, “entre vocês há tantos dias de jejum quantos dias de festa”. “Mas nós somos gente boa”, revidou o interpelado, “não somos tão grossos e rudes como os de Idar”. (ROTERMUND, 1997, p. 36)

As diferenças identitárias e culturais estão intimamente ligadas ao local onde os sujeitos estão inseridos, e são, muitas vezes, permeadas por estereótipos e crenças. Em outra passagem do conto de Rotermund, lemos sobre um episódio de deboche caracterizando os descendentes Hunsrücker:

“Os Hunsrücker são gente famosa desde tempos antigos. Já derrotaram os hunos; - mas hunos e cães⁵ são para vocês a mesma coisa”. Antes que o colono pudesse tirar o cachimbo da boca, o compridão do Karl tomou a palavra: “Desde aquela época vocês do Hunsrück aprenderam a bater nos outros.” E assim iam se provocando mutuamente. (ROTERMUND, 1997, p. 37)

⁵ No original, “hunde”, que significa “cães”. Um trocadilho usado pelo autor no original em alemão, com as palavras “hunnen” (hunos) e “hunde” (cães).

Muitos alemães vieram ao Brasil nos séculos XVII e XVIII, alguns inclusive alcançando posições de destaque. Segundo Schröder (2019), este é o caso do alemão Manuel Beckmann, que em 1685 morreu enforcado como mártir da liberdade do estado do Maranhão, e o Conde Wilhelm von Schaumburg que, entre 1761 e 1764, reorganizou o exército português, por incumbência de Pombal.

O casamento do herdeiro do trono brasileiro D. Pedro I com a arquiduquesa Leopoldina da Áustria, em 1817, influenciou significativamente na escolha dos colonos que viriam para o Brasil a partir desse momento (SCHRÖDER, 2019).

O movimento migratório vindo da Europa para o Brasil influenciou a construção da identidade e da cultura do povo brasileiro. De acordo com Ernani Mügge, a imigração alemã aconteceu em três momentos distintos:

A imigração alemã foi um evento histórico de longa duração que colaborou com a formação do mosaico cultural que constitui a identidade brasileira. O movimento, que se estendeu do início do século XIX a meados do século XX, pode ser visualizado a partir de três momentos importantes: o primeiro, em 1824, com a chegada de famílias de agricultores, de profissionais urbanos e de soldados “mercenários”, pessoas que haviam sofrido os reveses econômicos que assolavam as diferentes regiões de onde provinham; o segundo, na metade do século XIX, quando, após as revoluções de 1848, militantes liberais e representantes da intelectualidade europeia – muitos deles militares veteranos das revoltas – aportaram, em terras brasileiras; e o terceiro momento, no começo do século XX, que trouxe artesãos e operários que deixaram a Europa em função das crises políticas e financeiras. (MÜGGE, 2021, p. 2)

De acordo com Cunha (2019), a vinda de imigrantes alemães e italianos para as províncias do sul do Brasil levou a uma nova dinâmica e estrutura familiar, influenciada pelas diferenças culturais e pela característica das atividades econômicas desenvolvidas por esses grupos. É importante destacar que os imigrantes germânicos vindos para a região sul, além de agricultores em situação precária, eram, no seu país de origem, artesãos, em sua maioria carpinteiros, sapateiros, pedreiros, negociantes, ferreiros, alfaiates, marceneiros, padeiros, tecelões, entre outros. De acordo com Cunha (2019), essas características foram importantes na definição de quais regiões prosperaram mais rapidamente quanto à urbanização. Assim, a ocupação laboral dos imigrantes influenciou na estruturação da sociedade que se originou nas regiões de imigração. Outro fator importante quanto à organização social dos imigrantes, segundo Cunha (2019), foi a preferência

pela concessão dos lotes coloniais para os imigrantes casados. Em uma publicação sobre os direitos, deveres e obrigações dos colonos, consta, no Artigo 8º da Lei 229, do governo da província do Rio Grande do Sul de 4 de dezembro de 1851, o seguinte: “Só se consideram com direito de receberem terras os colonos casados ou viúvos com filhos, e os solteiros, que se casarem depois de chegarem à Província” (ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1851 apud CUNHA, 2019, p. 228).

A imigração de alemães para o Brasil foi motivada por circunstâncias diversas, prioritariamente por questões econômicas, mas também é preciso considerar os fatores religiosos e políticos envolvidos. De acordo com Mügge (2021), os imigrantes germânicos vieram de diferentes espaços geográficos, trazendo consigo diferentes vivências culturais e dialetos distintos, o que impossibilita falar da imigração alemã como algo homogêneo e simples.

Segundo Cunha,

A primeira fase da colonização alemã no Rio Grande do Sul foi marcada sobretudo pela necessidade do governo, na época da independência e mesmo antes, de criar uma classe média na estrutura social brasileira, então formada pela aristocracia escravista de um lado e pelos sem posses de outro. (CUNHA, 2017, p.37)

Dessa classe média, esperava-se o desenvolvimento da policultura, que, segundo Cunha (2017), era extremamente necessária para abastecer as cidades que vinham se desenvolvendo e os exércitos em campanha. Concomitante a esses fatores, Dom João, em 1808, tinha o intuito de aumentar a população, promovendo a riqueza e prosperidade do sul do país e também a defesa das fronteiras em tempo de guerra (CUNHA, 2017). Além desses fatores, a partir de 1809, as pressões inglesas para a abolição do tráfico africano para todos os seus súditos e colônias fez com que surgisse uma nova preocupação para o governo brasileiro: o suprimento de braços para a economia. Em vista disso,

O estabelecimento de colônias de imigrantes estrangeiros, que utilizavam sua própria força de trabalho, nas regiões não ligadas diretamente à produção destinada ao mercado externo, atenuou os efeitos da crise de mão de obra na produção de alimentos e permitiu a migração de escravos destas regiões para as regiões monocultoras, substituindo o braço escravo pelo braço imigrante na produção de alimentos. (CUNHA, 2017, p. 38)

Em 1830, a lei de orçamento aboliu qualquer possível despesa com imigração para todas as províncias do império brasileiro, ocasião em que foi interrompida também a contratação de mercenários para o Império como motivação para a entrada de estrangeiros no país.

Embora a imigração germânica tenha acontecido em diferentes períodos anteriormente mencionados, o extremo sul do Brasil só passou a receber atenção dos portugueses com a fundação de uma povoação fortificada na localidade portuária de Rio Grande, e simultaneamente surgiu a necessidade de conseguir pessoas para a colônia de São Leopoldo, também a ser fundada no Rio Grande do Sul. Segundo Schröder (2019), por meio da ordem de 31 de março de 1824 do governo imperial ao presidente da província foi criada a base legal para a nova colônia alemã. Em 1824 desembarcaram os primeiros colonos alemães, instalando-se em São Leopoldo. Cada colono recebeu uma propriedade de aproximadamente 70 hectares, porém, de acordo com Dreher (2014), em 1830 todos os subsídios e gratuidades foram eliminados pelo governo brasileiro.

Durante o período inicial da imigração, os colonos alemães que chegaram ao sul do país se depararam com as regiões da campanha já ocupadas por fazendeiros portugueses e foram designados a se fixarem no Vale dos Sinos, Caí e Taquari. Segundo Dreher (2014), em relação aos primeiros moradores que chegaram a essas terras, a maioria era originária da Província do Vale do Reno, do Palatinado e de Hessen-Darmstadt, na Alemanha. Na tabela a seguir, podemos visualizar o número de imigrantes contabilizados na época, considerando-se três períodos subdivididos em vanguarda (os primeiros a chegarem), tropa principal (em maior número) e retaguarda, que se instalaram na região da colônia de São Leopoldo:

Figura 1 - Contabilização de imigrantes germânicos

Ano	Nº de pessoas	Soma
<i>Vanguarda</i>		
1824	124	
1825	908	1.032
<i>Tropa principal</i>		

1826	828	
1827	1.088	
1828	99	
1829	1.688	
Avulsos	120	3.823
<i>Retaguarda</i>		
1844	66	
1845	85	
1846	1.515	
1847-53	970	2.636
Total		7.491

Fonte: AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*, 1999, p. 71.

Segundo Amstad (1999), o número indicado de 7.491 imigrantes é possivelmente muito pequeno perto do número real, visto que a colônia de São Leopoldo evoluiu e se desenvolveu de modo a ser uma colônia modelo para todo o Brasil. Depois do ano de 1853 é difícil encontrar registros acerca do número de imigrantes que continuaram chegando ao Rio Grande do Sul, pois nesse período começaram a ser instaladas as colonizações privadas. De acordo com Amstad (1999), no Brasil costuma-se distinguir três tipos de colônias: as colônias de governo, as colônias de empresas e as colônias de iniciativa privada. As colônias de governo foram implantadas pelo governo central, governo estadual ou pelo governo municipal.

Antes da imigração, a maioria das terras cobertas por mata pertenciam ao governo, enquanto que as áreas de campo haviam sido cedidas para os portugueses. Assim, desde 1824 a maior parte das colônias foi implantada pelo governo, sendo colônias imperiais (AMSTAD, 1999). De acordo com Schröder (2019), pelos primeiros contratos que o governo imperial fez com os imigrantes alemães, o governo comprometeu-se, entre outras coisas, a pagar as passagens dos imigrantes, conceder-lhes cidadania brasileira, conceder uma propriedade de terreno livre, medido e demarcado, isenção de impostos e o pagamento diário de um

franco (160 réis). De fato isso configurou como um estímulo para a imigração durante alguns anos, mas, como já mencionado, com o passar do tempo, estas vantagens oferecidas aos colonos alemães foram gradativamente sendo retiradas pelo governo.

Muitos fatores influenciaram a emigração da população germânica, entre eles motivações de ordem econômica, política e religiosa. De acordo com Dreher (2008, p. 8), “Acontecimentos como a queda ou a majoração dos preços dos cereais, as revoluções liberais de 1848, o rigoroso inverno e a situação agrária também provocaram ondas de emigração no território da atual Alemanha.” Em situação de extrema pobreza, essas pessoas que viriam a ser os emigrantes tinham duas opções: mendigar, trabalhar como diaristas para os antigos senhores ou emigrar. Em relação ao ponto de vista do governo brasileiro, a vinda de imigrantes para o sul do Brasil tinha como principal intuito povoar esta região tão distante do centro do país, de modo a evitar invasões e impulsionar também o desenvolvimento econômico dessa área. Em 1822 o Brasil acabara de se tornar independente politicamente de Portugal e esse fato influenciou a decisão de não povoar as regiões remotas por meio de imigrantes portugueses. Era preciso manter a independência em relação à Portugal, mas não havia um exército confiável.

Em 1823 foi criado no Brasil um regimento de estrangeiros, composto por suíços, da colônia de Nova Friburgo, e também por sujeitos forçados ao recrutamento, de diversas nacionalidades, entre eles marujos desertores e desempregados (CUNHA, 2017). Em setembro de 1822, o Major von Schäffer embarcou para a Europa buscando obter a adesão dos governos da Santa Aliança⁶ para a causa brasileira e angariar mercenários para possível guerra que viria a ser travada contra Portugal. Segundo Cunha (2017), nesta mesma missão, em Hamburgo, entre 1824 e 1826, e em Bremen, entre 1826 e 1828, foram embarcados para o Brasil cerca de 4.500 imigrantes, em 21 expedições. Dentre eles, estavam vários apenados das casas de detenção e trabalho de Mecklenburgo-Schwerin e de Hamburgo. A dinâmica do recrutamento dos colonos e o fracasso da organização do regimento de estrangeiros levaram ao descrédito da imigração para o Brasil entre os opositores de D. Pedro I no Brasil e também entre grande parte dos governos europeus (CUNHA, 2017).

⁶ Áustria, Prússia e Rússia.

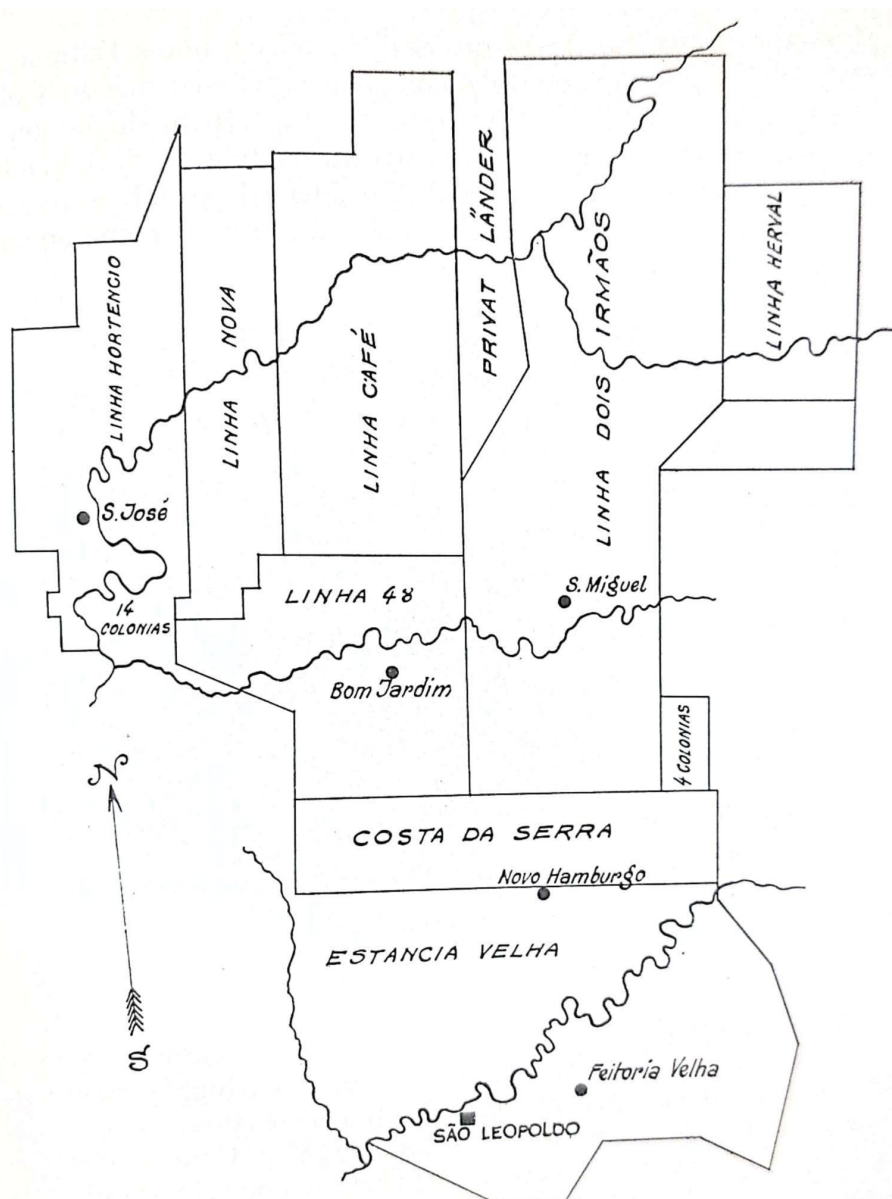
Segundo Tramontini (2000), eram objetivos do governo imperial, ao implementar a política de imigração nas áreas pouco povoadas em regiões de interesse militar, o desenvolvimento da agricultura e do artesanato de forma que abastecessem centros urbanos, o branqueamento da população, a implementação de um grupo social que dependesse diretamente do governo central, contrabalançando o poder das oligarquias locais. No território do Rio Grande do Sul, os campos estavam ocupados pelos proprietários das sesmarias e as áreas de mata subtropical eram habitadas pelos grupos indígenas (DREHER, 2014). Com a chegada dos imigrantes alemães e a sua instalação nas terras rio-grandenses, passaram a surgir as áreas designadas “picadas”, pequenas penetrações nas áreas de floresta subtropical. Segundo Dreher (2014), a designação “picada” surgiu a partir da forma como se deu a penetração na floresta: abrindo caminhos com facões e machados, ao longo dos quais se assentavam as famílias imigrantes. Grande parte dos imigrantes vindos até 1850 eram artesãos e, assim, logo as picadas contaram com funilarias, marcenarias, carpintarias e moinhos. A proximidade das propriedades em relação uma à outra favoreceu a instalação de centros de convivência comunitária como cemitério, escola e igreja; e assim a sociedade criada pelos imigrantes foi durante muito tempo sociedade de picadas (DREHER, 2014).

A região a ser colonizada pelos alemães no Rio Grande do Sul, previamente determinada pelo imperador, estava coberta de mata e estendia-se para o norte. De acordo com Amstad:

Sendo, porém, pequeno o número de imigrantes entre 1824 e 1826, e devido aos índios, não puderam arriscar-se a ir mais fundo na mata virgem. No período entre a chegada dos pioneiros e o grosso da imigração (1824-1825) as três primeiras picadas na mata: Dois Irmãos (Baumschneis), Bom Jardim (Berghansschneis) e São José do Hortêncio (Portugieserschneis) foram medidas provisoriamente. (AMSTAD, 1924, p. 63)

Com exceção de São Leopoldo, as demais picadas foram divididas em lotes iguais, enquanto o distrito da Feitoria e Estância Velha foram divididos em glebas de tamanhos diferentes, como podemos observar no mapa da antiga região colonial de São Leopoldo representado pela figura a seguir:

Figura 2 - Mapa da antiga região colonial de São Leopoldo



Fonte: AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*, 1999, p. 65.

São Leopoldo contava com lotes de 70 a 75 hectares para atender mais de mil famílias. Em 18 de abril de 1824, segundo Amstad (1999), o nome “Feitoria” foi substituído por “São Leopoldo” e a colônia passou a se chamar “Colônia alemã de São Leopoldo”.

De acordo com Cunha (2017), a maioria dos colonos de São Leopoldo era protestante e, em 1846, existiam, entre igrejas e capelas, oito protestantes e quatro

católicas. De forma geral, não havia conflito devido às crenças, e as pessoas visitavam aos domingos a igreja mais próxima de suas casas.

Somente a partir de 1864 foram tomadas medidas para organizar as comunidades protestantes alemãs no Rio Grande do Sul. Segundo Cunha (2017), em 1864 foi enviado para São Leopoldo o pastor Borchard, com o intuito de organizar uma sociedade de professores e um primeiro sínodo. Esta primeira organização não obteve sucesso e, em 1874, iniciou-se uma nova tentativa de organização, liderada pelo pastor Dr. Rotermund, vindo de Lüneburg. Rotermund conseguiu organizar as comunidades evangélicas protestantes na busca pela igualdade de direitos religiosos; e finalmente, em 1886, foi realizada a primeira reunião sinodal, ocasião em que foi fundado o Sínodo Riograndense.

A entrada de alemães no Rio Grande do Sul iniciou antes mesmo da chegada da família real ao Brasil, como já mencionado anteriormente. Porém, de acordo com Amstad (1999), o ano de 1824 foi fixado como a data oficial do início da imigração alemã justamente pelo fato de coincidir com o momento em que se deu início à imigração de colonos alemães patrocinados pelo governo imperial. O mesmo autor menciona o relato de Johan Gräbin, da Picada dos Portugueses (região do atual município de São José do Hortêncio), informando que seu pai e seus dois irmãos vieram para o Rio Grande do Sul em 1822, vindos da Bahia. Até o início da Revolução Farroupilha estavam ocupadas as áreas mais planas da colônia de São Leopoldo, e poucos colonos se arriscavam a cruzar para o topo dos primeiros morros. De acordo com Amstad (1999), por volta de 1832 na Picada dos Portugueses foi preciso desistir das terras mais íngremes e afastadas devido ao ataque dos bugres. Somente após o término da guerra dos Farrapos foi possível ocupar as terras mais afastadas das picadas. Na figura a seguir vemos uma foto da região da Picada dos Portugueses, região do município de São José do Hortêncio, datando aproximadamente de 1935.

Figura 3 - Região da Picada dos Portugueses



Fonte: AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*, 1999, p. 79.

A travessia dos imigrantes pelo oceano era feita em veleiros e perdurava por cerca de 120 dias. De acordo com Amstad:

O primeiro com 43 emigrantes alemães a bordo zarpu de Hamburgo em março de 1824 e aportou em Rio Grande em julho de 1824, e, no dia 25 de julho, os imigrantes pisaram em terra no então despovoado atracadouro de São Leopoldo. A segunda leva constou de 81 pessoas, embarcadas em maio em Hamburgo, aportando em Rio Grande em inícios de novembro. (AMSTAD, 1924, p. 62)

O dia 25 de julho foi posteriormente definido como feriado e data alusiva à comemoração do Dia do Colono em parte das cidades fundadas por descendentes de imigrantes alemães, como Feliz, por exemplo.

Além das dificuldades encontradas durante a travessia marítima, em relação à língua e aos costumes, os imigrantes também enfrentaram dificuldades quanto ao seu reconhecimento e sua identificação com a nova nação. No conto “Os dois vizinhos”, de Rotermund (1883 - 1884⁷), encontra-se uma passagem onde os personagens discutem o fato de não se identificarem como brasileiros e tampouco com o governo:

⁷ O conto “Os dois vizinhos” foi originalmente publicado em duas partes, entre o ano de 1883 e 1884. Para esta pesquisa, consultamos a edição do livro “Os dois vizinhos e outros textos” datando de 1997.

“O governo?”, continuou Karl Brenner. “Nem se pergunta muito pelo governo brasileiro! Nós não somos brasileiros, mas birkenfelder, quando tivermos um cônsul, não nos orientaremos pelas leis brasileiras. Por isso, o melhor é que você, Pfeifenphilipp, também se torne birkenfelder. Todos os demais vão se dar mal.” (ROTERMUND, 1997, p. 37)

Os processos migratórios compuseram momentos históricos importantes e contribuíram de forma singular para a riqueza da diversidade cultural em nosso país. Dentre os legados culturais deixados pelos imigrantes, a língua é um fator que continua influenciando as interações entre os descendentes dos colonos alemães. A língua alemã⁸, bem como todas as línguas de herança, tem grande influência sobre os diferentes grupos que delas se valem. Os primeiros colonos que chegaram ao território do Rio Grande do Sul se espalharam por diversas regiões e, com isso, espalharam também o legado da língua alemã por esse território, inclusive no espaço que tange hoje ao município de Feliz. Na próxima seção veremos como aconteceu o povoamento dessa região e, conseqüentemente, como se propagaram os costumes e tradições de origem germânica.

3.1 OS ALEMÃES NA REGIÃO DA FELIZ: POVOAMENTO

A Revolução Farroupilha (1835-1845) interrompeu o processo de colonização ao intranquilizar a Colônia de São Leopoldo. Contudo, logo após o término da guerra civil, o governo central resolveu retomar a imigração. Segundo Cunha (2017), a Revolução Farroupilha dividiu os imigrantes na colônia de São Leopoldo, pois parte, liderados por João Daniel Hillebrand, nomeado diretor da colônia em 1836, colocou-se ao lado dos legalistas; outros, principalmente os católicos, liderados pelo pastor protestante Christian Klingelhöfer e seu filho Hermann, uniram-se aos revolucionários farroupilhas. Durante a guerra civil, a colônia foi por diversas vezes palco de batalhas que levaram a colônia de São Leopoldo a quase total destruição, obrigando seus habitantes, então reduzidos à miséria, a recomeçar seu trabalho e se reorganizar. O comércio e a comunicação da colônia com seus mercados foram interrompidos e episódios de saques e mortes eram frequentes durante os quase 10 anos de revolução.

⁸ No caso dos imigrantes que se instalaram na região de Feliz, a referida língua alemã corresponde ao dialeto Hunsrückisch.

Segundo Amstad (1999), as terras entre o rio Caí e o Forromeço foram medidas em lotes de 150 a 160 mil braças quadradas, e essa área recebeu o nome de “Feliz”. Corria então o ano de 1846. Segundo Amstad (1999), no “Koseritz Kalender”, de 1902, em relação à origem do nome “Feliz”, há dois relatos divergentes. O primeiro vale-se de que o Governo Imperial havia determinado a abertura de uma picada perpendicularmente ao Rio Caí, onde hoje situa-se o município de Feliz. Em 1850, quando muitos lotes já haviam sido ocupados por imigrantes alemães na região, o presidente da província teria contratado um engenheiro para abrir uma estrada de transportes que ligaria o “Campo dos Bugres” (região do atual município de Caxias do Sul) à Vila de São Leopoldo. Porém muitas dificuldades foram encontradas ao longo dessa empreitada, entre elas o terreno acidentado, a escassez de recursos e a presença de grupos indígenas (denominados “bugres”). Porém, com o passar dos dias, o grupo da expedição teria ganho a confiança dos indígenas e do seu líder chamado Cacique Doble, e estes passaram a ajudá-los na sua difícil tarefa. Ao finalmente encontrarem uma picada e um campo aberto, diante de tamanha alegria, teriam exclamado “Oh feliz!”, e assim o nome teria se estendido a toda a picada. Outra versão relata que os colonos alemães ao chegarem ao seu local de destino através de pequena embarcação, subindo o rio Caí, teriam pronunciado a frase “aqui seremos felizes”. Todavia, essa não é uma explicação lógica visto que os imigrantes desconheciam a língua portuguesa.

Em 1845, no final da guerra dos Farrapos, as três picadas antigas (Dois Irmãos, Picada dos Berghan e Picada dos Portugueses) estavam bastante povoadas. Segundo Amstad (1999), havia entre 80 e 90 famílias na colônia de Feliz no ano de 1853, em parte vindas de outras antigas picadas. A família Ruschel vinda de Dois Irmãos, as famílias Simon, Berwanger, Nedel, Dill e Henz vindas da Picada dos Portugueses. Porém a maioria dos fundadores eram imigrantes novos, vindos principalmente da região da Renânia, entre eles a família Flach, Rauber, Friedrichs, Kaspar, Vetter, Scherer e Spohn. Novos na região, os imigrantes introduziram o cultivo da uva na região de Feliz, para o qual especialmente a região de Feliz Alta mostrava-se ideal devido à sua maior altitude (AMSTAD, 1924).

Os imigrantes enfrentavam significativas dificuldades para alcançar a área da nova colônia em meio a mata fechada. Tais adversidades podem ser deduzidas ao

lermos o relato do senhor Wilchen, último sobrevivente dos imigrantes, transcrito na obra de Amstad:

De São Leopoldo o caminho levava primeiro até a Picada Berghan (Bom Jardim), de lá cruzava a Picada 48 e a Picada dos Portugueses, passando pelo Fritzenberg até o Rosental, para então terminar na Feliz. Os que tinham sido contemplados com uma colônia na Alta Feliz, eram obrigados a vencer o caminho intransitável do Travessão e engatinhar pelo Morro das Batatas acima. A maioria das pessoas era obrigada a carregar pessoalmente os seus pertences. No mato tinham os bugres como vizinhos e os tigres como companhia. (AMSTAD, 1924, p. 83)

Na imagem a seguir vemos Peter Wilchen, o último sobrevivente dos primeiros moradores de Feliz:

Figura 4 - Imigrante Peter Wilchen



Fonte: AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*, 1924, p. 84.

Nos primórdios, a área do atual município de Feliz era chamada de Colônia de Feliz. Na imagem abaixo vemos uma foto que ilustra uma moradia dos primeiros colonos na região de Feliz (1846), que não passavam na verdade de choupanas em meio à mata:

Figura 5 - Moradia de uma família de imigrantes nos primórdios de sua chegada



Fonte: Acervo particular da senhora Romana Selbach, historiadora e moradora do município de Feliz.

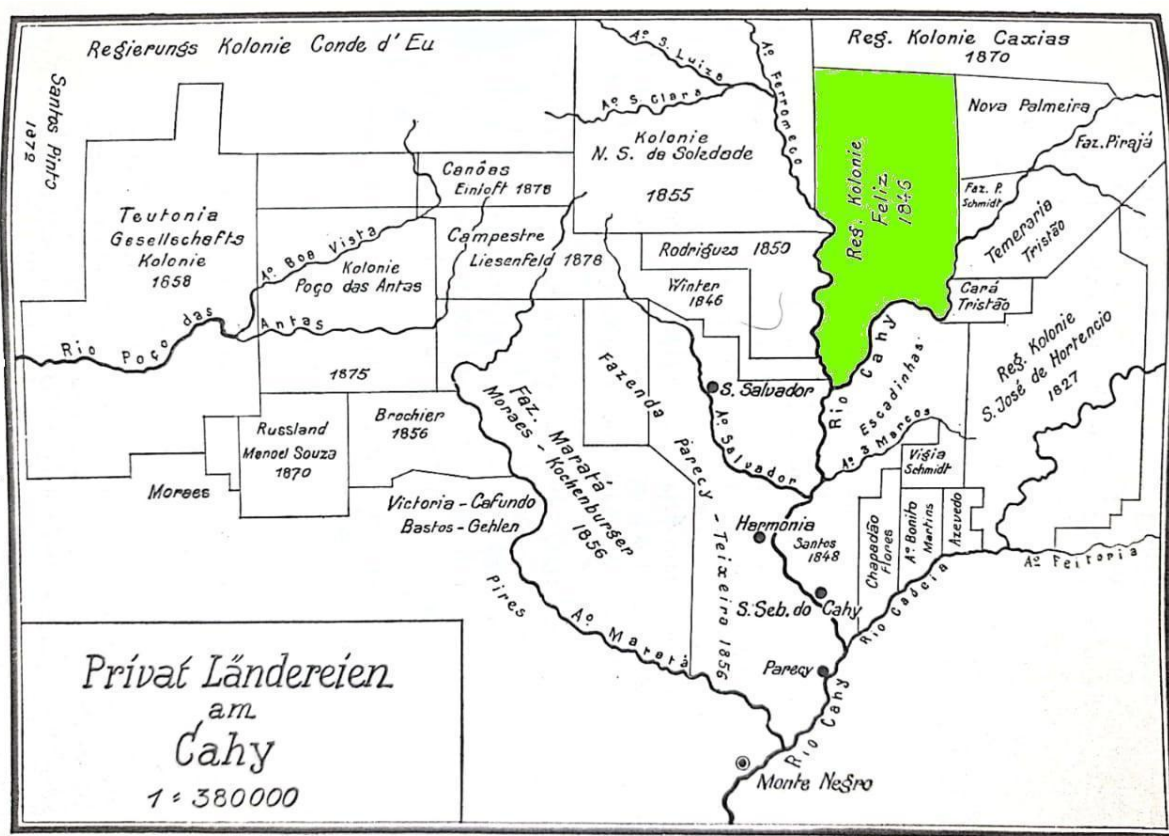
Posteriormente foi chamada de *Picada Feliz* e contava com 51 famílias no ano de 1851, sendo elevada à categoria de cidade em 17 de fevereiro de 1959, quando passou a chamar-se apenas "Feliz". As construções das moradias, a derrubada da mata e a instalação das plantações e criações de animais domésticos perturbou os grupos indígenas que habitavam a região, que, ao perceberem suas terras invadidas, organizavam investidas contra as fazendas dos colonos. De acordo com Amstad (1999), o ataque dos *bugres* era algo comum na região. Em 1857, após um episódio de ataque dos índios⁹, o governo acantonou em Feliz um piquete de 30 homens sob o comando de Jacob Vetter, com o intuito de proteger os colonos. Na

⁹ Optamos por manter a denominação usada originalmente pelo autor citado, embora o termo "índios" esteja inadequado para o contexto atual e tenha sido substituído por "indígenas".

mesma época, o governo cedeu um antigo canhão de grosso calibre para os colonos da região, que era disparado quando os bugres apareciam, o que fazia com que se afastassem de fato. Este artefato encontra-se hoje ainda em São Vendelino, em uma propriedade privada.

Os desafios enfrentados pelos colonos eram muitos, além da mata fechada e dos caminhos muitas vezes íngremes. Segundo Amstad (1999), em outubro de 1853 a colônia de Feliz sofreu uma infestação de gafanhotos, e na sequência aconteceram conflitos porque as medições de terras particulares no Bom Fim estavam invadindo uma área do governo. Na imagem a seguir vemos um mapa com as divisões das propriedades particulares que cercavam o rio Caí, com destaque da pesquisadora para a área que compreendia a colônia de Feliz:

Figura 6 - Divisões das propriedades particulares que cercavam o rio Caí



Fonte: AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*, 1999, p. 113.

Além disso, também as condições de venda dos produtos produzidos pelos colonos na região eram precárias. Ainda segundo o mesmo autor, no início, os colonos de Feliz precisavam transportar seus produtos pelo Rosental, atravessando

o Fritzenberg até a Picada dos Portugueses, onde recebiam um valor irrisório pela sua produção de milho ou feijão preto. Decidiram então plantar em menor quantidade e passar mais tempo promovendo encontros amenos entre a vizinhança.

Após a instalação da colônia Feliz, o governo imperial se retirou da colonização voltando-se novamente a ela somente em 1870, com a instalação das colônias italianas em diversas regiões do atual território do Rio Grande do Sul. De acordo com o pesquisador local Egídio Weissheimer (2010), as primeiras famílias que se instalaram na Picada Feliz¹⁰ chegaram a São Leopoldo em outubro de 1846, e seus sobrenomes eram Ruschel, Simon, Nedel, Flach, Rauber, Klein, Welter e Scherer.

A partir da pesquisa de base realizada consultando documentos oficiais da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Feliz (IECLB), constatou-se que os primeiros colonos alemães chegaram especificamente à região de Feliz por volta de 1845. Em uma carta redigida em 1924 pelo pastor Holder, então pároco desta comunidade luterana, na qual ele discorria sobre a origem da comunidade, lemos o seguinte:

Na minha compilação dos principais fatos e o curso de sua vida eclesial na comunidade evangélica Feliz-Caí, surgiu um vivo relato do seu início inteiramente baseado na oralidade dos residentes mais velhos daqui. Assim é compreensível que, ao registrar um fragmento da história, permaneçam lacunas. Datas exatas dos primeiros 20 anos não podem mais ser determinadas com exatidão. Os primeiros habitantes daqui devem ter vindo de São Leopoldo e arredores nos anos de 1845 a 1855, e eram tanto protestantes quanto católicos. Por volta de 1869 a 1871, o pastor Heinrich Hunsche, da Linha Nova (Neuschneiss), cuidou do serviço paroquial na Feliz. Ele ainda é lembrado com carinho por todos que o conheceram. (HOLDER, 1924, p. 1)

Na imagem a seguir é possível visualizar a primeira página original da referida carta escrita pelo pastor Holder em 1924, que posteriormente foi transcrita e traduzida para a língua portuguesa por líderes da Comunidade Evangélica Luterana de Feliz:

¹⁰ Na bibliografia de Weissheimer (2010) consta que o primeiro nome da área que corresponde atualmente ao município de Feliz teria sido “Picada Feliz”.

Figura 7 - Carta escrita pelo pastor Holder em 1924

Feliz-Cahy
 Küngers Abriss der Gemeindegeschichte

Bei dieser Zusammenstellung der Jesuitengemeinschaften
 aus dem Archief des königlichen Landes der evangelischen Gemeinde
 Feliz-Cahy ist mir die Zeit der Aufhebung gänzlich aus der unvollständigen
 Überlieferung der älteren Dokumente von mir weggelassen. Es ist der-
 selbe begründet, wenn bei Aufzählungen nicht Küngers Abriss der Ge-
 meindegeschichte als einzige Lücke für gelten. In der That lassen sich
 aus den meisten vorhandenen Dokumenten nicht mehr feststellen.
 In dem Zeitraum von vierzig Jahren ab dem Jahr 1845 bis 1855 von São Leopoldo nach Neugründung gekommenen
 Priestern waren gleichzeitig protestantische und katholische.
 Alle der königlichen Anwesenheit unserer evangel. Glaubens-
 genossen war es ursprünglich gewöhnlich so man in mehreren Pfarren
 einträglich besetzt. So war P. Heinrich Hunsche aus Linha Nova die
 Gemeindegemeinschaft bediente, während die protestantische in Teilen von
 verschiedenen nicht wörtlichen Pastoren königlich besetzt. Als in man
 demnach Gottesdienst gehalten und auch Handlungen vollzogen
 während kein Priester nicht mehr mit Befugnis besetzt worden.
 Die auffallend Gottesdienstlokale waren nicht besetzt.
 Aus jener Zeit werden folgende königlich reaktivierten Pastoren
 genannt:

1. P. Klein von Levenhuf, der 1874 in der Altkirchenschaft
 unmittelbar in die Führung übernommen wurde.
2. P. Joh. Haesbaert von Neuhamburg.
3. P. Dr. Reckes von Campo Bom.
4. P. Weber von Linha Nova.
5. P. Dr. Borchard von São Leopoldo.

In mehreren Reihenfolgen die betrauten reaktivierten
 kann nicht mehr gesagt werden.

Em um determinado trecho da carta, foi anexado um depoimento do próprio pastor Heinrich Hunsche, mencionado na carta, onde ele também fala sobre a organização inicial da comunidade religiosa e conseqüentemente, do povoado que viria a ser futuramente o município de Feliz:

Até a chegada do Pastor Peters, servi por alguns anos nas paróquias de Feliz, Forromeco e Franzes, hoje Francesa Alta (Badenserberg). Como Feliz ainda não tinha igreja, o culto era realizado na casa do mestre ferreiro J. Arend, morto há muito tempo. Ali o pastor também tinha seus aposentos e era muito bem atendido lá. As pessoas boas fizeram de tudo para tornar tudo adequado e confortável às suas necessidades. Via de regra, realizava-se um culto a cada três meses, do qual os paroquianos sempre participavam em grande número. Também era chamado para funerais, casamentos, etc. As crianças a serem confirmadas foram em sua maioria acomodadas, ensinadas e confirmadas em Linha Nova (Neuschneis). As estradas eram ruins na época e quase intransitáveis. Para mim, foi particularmente lamentável que não houvesse barcaça nem ponte para atravessar o não raramente furioso Caí. Minha ida para lá era suficientemente predeterminada para que as pessoas pudessem se preparar para quaisquer atos oficiais. Portanto, o mau tempo e um alto nível de água do Caí não deveriam ser um impedimento. Tínhamos que fazê-lo e, mesmo tremendo de medo, muitas vezes fui buscado com uma canoa para atravessar o rio. Por mais que eu gostasse de servir as pessoas envolvidas eclesiasticamente na paróquia de Feliz, fiquei feliz ao poder entregar o atendimento às paróquias de Feliz, Forromeco e Francesa Alta ao pároco nomeado, P. H. Peters. (HOLDER, 1924, p. 1)

Ainda de acordo com a carta redigida pelo pastor Holder (1924), no ano de 1871, chegou à comunidade o pastor Johannes Heinrich Peters. Ele atuou e liderou a comunidade evangélica de Feliz até dois meses antes de sua morte, em 27 de maio de 1885. Até então não havia sido construído ainda um templo, e portanto, o culto continuou a ser proferido na casa de J. Arend. O projeto de construção da igreja foi muito discutido na época, mas só se concretizou quando o domínio de Karl Noll foi doado e a comunidade unida construiu uma igreja que atendesse às necessidades dos membros. Na ocasião, 18 membros assumiram a árdua tarefa de construção do prédio religioso e em novembro de 1874 a igreja pode ser consagrada e entregue à comunidade.

Segundo Holder (1924), no referido período histórico também a escola era responsabilidade do clero, e o pastor Klasing, sucessor de Peters, cuidava simultaneamente da paróquia da comunidade de Feliz e da escola. Porém, com a entrada do Brasil na Guerra Mundial em 1917, a escola comunitária na qual se ensinava apenas em alemão, foi fechada. Em 1º de abril de 1919, o P. Georg

Weidemann, de Neuwürttemberg assumiu o pastorado em Feliz e colocou a escola, que ficara ociosa por 1 ano e meio, novamente em funcionamento. As instalações já não atendiam ao crescente número de membros, então definiu-se a construção de um novo edifício para a escola, o que foi concluído no primeiro semestre de 1920. Ainda de acordo com Holder (1924), na Comunidade de Evangélica Luterana de Feliz, assim como em outras comunidades do Sínodo Nordeste Gaúcho, em 24 de julho de 1924 foi realizado um comício de memória e agradecimento pelo dia do desembarque dos primeiros imigrantes alemães estabelecidos então há 100 anos. Os sinos foram tocados às 12h, três vezes por três minutos, com intervalo de 1 minuto, e fogos de artifício foram disparados. A comunidade de Feliz pertencia ao “Círculo de Caí”, cujo líder distrital era o pastor Homrighausen, e ao qual também pertenciam às comunidades de Forromeco, Linha Brochier, Linha Nova, Marata, Nova Petrópolis, S. Sebastião de Caí e Montenegro. Quanto à formação da Comunidade Evangélica Luterana de Feliz, encontramos o seguinte relato na carta de Holder:

Três horas a norte de S. Seb. do Caí se estabeleceram, em 1846 (após a Guerra dos Farrapos), os primeiros colonos alemães de Baumschneiss, Bom Jardim e novos imigrantes no lado direito do Caí em Santa Catharina de Feliz¹¹. Em 1860 foi formada a comunidade, liderada e atendida inicialmente por P. Klein de Leonerhof, P. Haesbaert, Hamburgerberg, e P. Dr. Recke, de Campo Bom. Após P. Dr. Borchard ter organizado a comunidade, ela passou a ser atendida regularmente pelo P. Hunsche, Neuschneiß (1869-71), P. Peters (1871-85) e P. Kunert (1885), como filial de Forromeco. Em 1896, Feliz e Alto e Baixo Tabakstal (Picada Cará Alta e Baixa) fundiram-se para formar uma paróquia sob a liderança do P. Klasing (1896-99). A ele seguiram: P. Falk (1899- 1916), P. Weidemann (1916-20), P. Schreiber (1920-21), P. Holder (1921-25), P. Schasse (1925-30) e desde 1930 P. Passmann. Alta Feliz ligou-se a Forromeco em 1918. Na Baixa Feliz, a igreja inaugurada em 1876 por P. Peters foi reconstruída em 1911 e inaugurada com a torre em 26 de novembro de 1911. A comunidade de Tabakstal (Picada Cará), fundada em 1877, a 2 horas de cavalgada ao lado esquerdo do Caí, inicialmente ligada a São José do Hortencio (P. Hunsche Neuschneiss) juntou-se à Feliz em 1896. (HOLDER, 1924, p. 13)

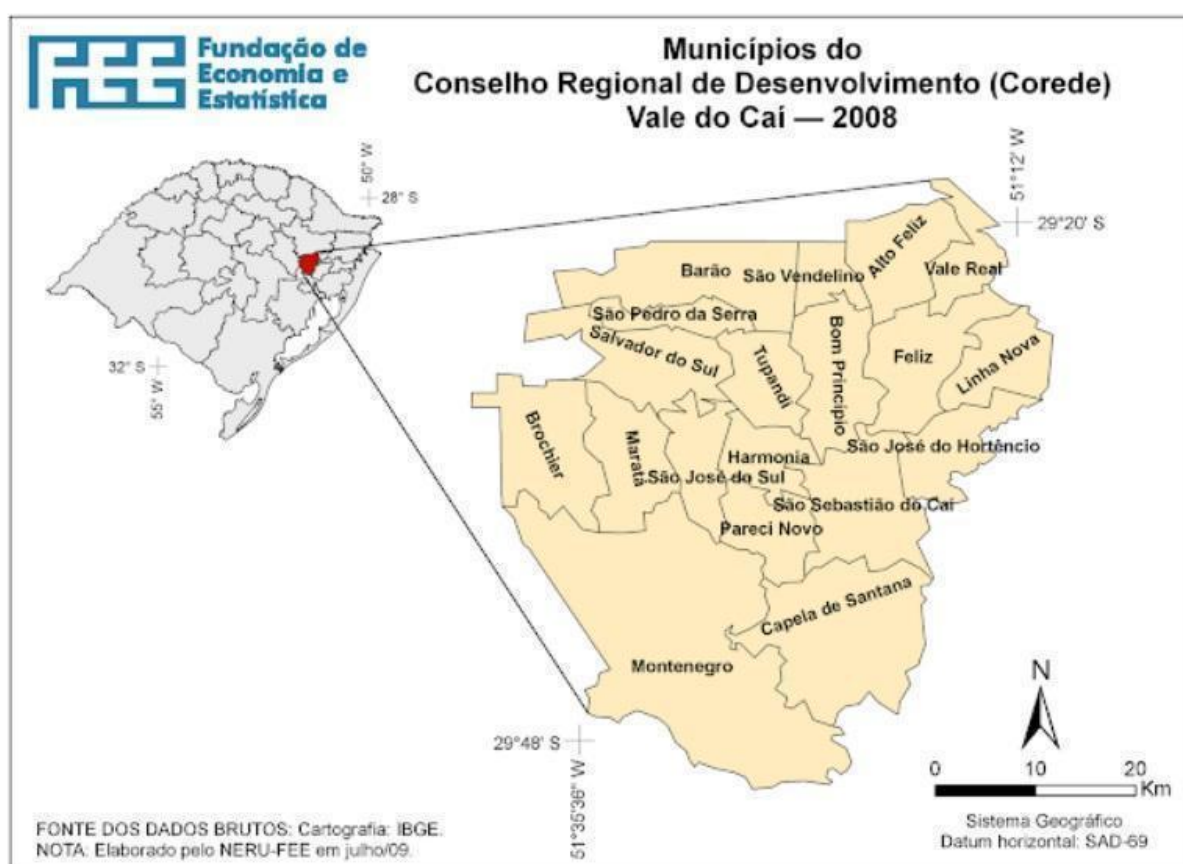
Como já mencionado, parte significativa dos imigrantes alemães eram luteranos, o que perpetuou a religiosidade luterana na região e possibilitou também a preservação da história das localidades através dos registros documentais das comunidades religiosas.

¹¹ Um dos nomes atribuídos à área correspondente ao atual município de Feliz. *Santa Catarina* é a padroeira do município, na religião católica.

3.1.1 O crescente desenvolvimento da região de Feliz

O município de Feliz encontra-se na região do Vale do Caí, no limiar da serra gaúcha. O Vale do Caí situa-se entre a Grande Porto Alegre, Vale do Sinos, Serra e Vale do Taquari e contempla os municípios de São Sebastião do Caí, Alto Feliz, Barão, Bom Princípio, São Vendelino, São José do Sul, Vale Real, Brochier, Capela de Santana, Feliz, Harmonia, Linha Nova, Maratá, Montenegro, Pareci Novo, São Pedro da Serra, Salvador do Sul e São José do Hortêncio, conforme vemos no mapa ampliado da figura a seguir:

Figura 8 - Mapa dos municípios do Corede



Fonte: IBGE. Cartografia. Elaborado pelo NERU-FEE em julho/09.

Os levantamentos estatísticos destacam as cidades da região do Vale do Caí pela excelente qualidade de vida e crescente desenvolvimento, o que atribui à região o nome de “Vale da Felicidade”¹². O ranking criado pela Fundação Oswaldo Cruz

¹² A revista Veja, na sua edição do dia 10 de outubro de 2007, publicou ampla reportagem, com oito páginas, falando de um conjunto de municípios gaúchos nos quais a população vivia numa situação de primeiro mundo. O título dado à reportagem foi “O Vale da Felicidade”. A grande maioria

(Fiocruz) em 2020, com base no censo do IBGE, apontou que três cidades do Vale do Caí estão entre as dez melhores para se viver: São Vendelino, Tupandi e São José do Hortêncio. A cidade de Feliz já foi destaque como a "Cidade de Melhor Qualidade de Vida do Brasil", de acordo com dados do IBGE (1998).

Figura 9 - Pórtico do Vale da Felicidade



Fonte: Revista Expansão, ago. 2022.

Ainda segundo o pesquisador local Egídio Weissheimer (2010), dois anos após os primeiros assentamentos de colonos alemães na Picada Feliz, a maioria deles já se tornara autossuficiente em produções agrícolas e criavam animais para atender às necessidades da família. Segundo Cunha,

Kalkmann (DER DEUTSCHE AUSWANDERER, 1847), que visitou São Leopoldo em novembro de 1846, afirma que havia muito dinheiro na colônia, pois as necessidades dos colonos eram supridas pelo seu próprio trabalho em suas próprias terras. As vacas, porcos, galinhas, e muita caça ("da qual qualquer um podia usufruir"), algodão para as roupas mais simples e um pouco de fumo garantiam tudo o que era necessário. Apenas sal,

dos municípios mencionados na reportagem pertencia ao Vale do Caí, o que levou o Codevarc, Conselho de Desenvolvimento do Vale do Rio Caí, a transformar a expressão "O Vale da Felicidade" em um slogan para divulgação da região para fixar moradia e como destino turístico.

ferramentas, munição e vez ou outra um copinho de vinho eram as despesas que os colonos faziam fora de suas propriedades. Acreditava que algumas famílias haviam juntado razoável fortuna e afirma que muito poucos dos colonos de São Leopoldo eram pobres. (CUNHA, 2017, p. 41)

Na sequência, construiu-se o clube social “Deutscher Schützenverein - Feliz” (Sociedade Alemã de Tiro - Feliz), onde além de reuniões sociais e bailes, também se praticava esportes como tiro ao alvo e bolão. Em 1868 foi construída a Igreja Católica de Feliz, a primeira em alvenaria do Vale do Rio Caí, e iniciaram-se os festejos de “kerb”¹³ alusivos à padroeira. Na imagem a seguir podemos ver a igreja católica em meados de 1890:

Figura 10 - Igreja católica em 1890



Fonte: Acervo particular da senhora Romana Selbach, historiadora e moradora do município de Feliz.

¹³ Alguns pesquisadores afirmam que o nome “kerb” deriva de Kircheinweihfest, que significa festa de inauguração da igreja; outros afirmam que vem dos termos Korb e Kōorbe (“cesto”, em alemão) cujo plural seria kerb, o que faz essa explicação associar a uma possível celebração relacionada à colheita.

Inicialmente o território do atual município de Feliz era um distrito com a denominação de “Santa Catarina da Feliz”, pela lei provincial nº 953, de 06 de maio de 1875, e ato municipal nº 1, de 12 de agosto de 1892, subordinado ao município de São Sebastião do Caí. Por meio do ato municipal de 31 de outubro de 1903, o distrito de Santa Catarina da Feliz passou a denominar-se “Júlio de Castilhos” e em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Júlio de Castilhos permaneceu pertencente ao município de São Sebastião do Caí. Pelo decreto estadual nº 7199, de 31 de março de 1938, o distrito de Júlio de Castilhos passou a denominar-se “Feliz” e o município de São Sebastião do Caí a denominar-se simplesmente “Caí”.

No início da colonização de São Sebastião do Caí, os indígenas chamavam a região apenas de “Caahy”, que significa “rio da mata”. As primeiras famílias luso-brasileiras chegaram a essa região em 1800. Na época da criação do município de São Sebastião do Caí, o Brasil ainda estava sob o regime imperial, quem liderava o país era o imperador Dom Pedro II, e a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul era dirigida por José Antônio de Azevedo Castro. São Sebastião do Caí é um dos municípios mais antigos do estado do Rio Grande do Sul, emancipado de São Leopoldo em 1 de maio de 1875. Foi o 14º a ser legalmente instaurado no estado e em maio de 2023 completou 148 anos. A cidade está localizada às margens da rodovia RS 122, uma via de ligação entre a capital e a serra gaúcha, a apenas 60 km de Porto Alegre. Também está aproximadamente a 60 km das cidades de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Farroupilha, contando atualmente com 26.161 habitantes (IBGE, 2021).

O rio Caí corta a região de Feliz, e nos primórdios do povoamento dessa área de terras, a travessia do rio era feita utilizando uma balsa ou pequenas embarcações de particulares. No ano de 1900 foi construída a ponte de ferro importada da Bélgica que ainda hoje é um cartão postal da cidade. Na imagem a seguir vemos a balsa e a ponte de ferro já concluída ao fundo, datando de aproximadamente 1902:

Figura 11 - A balsa e a ponte de ferro



Fonte: AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*, 1924, p. 275.

A Ponte de Ferro foi inaugurada em 10 de março de 1900, e na ocasião da conclusão passou-se a cobrar pedágio para fazer a travessia (WEISSHEIMER, 2010). Esse sistema de cobrança estendeu-se por 25 anos, época em que foi construída a estrada Júlio de Castilhos. A ponte de ferro não possui nenhuma denominação em homenagem a alguma personalidade e já passou por inúmeras reformas e procedimentos de manutenção, mas mantém a sua estrutura original. Na imagem abaixo vemos a ponte de ferro a partir de uma vista aérea, como se encontra atualmente no município de Feliz:

Figura 12 - Ponte de ferro de Feliz

Fonte: Cidades alemãs do Brasil¹⁴.

Os impostos que possibilitaram a realização de melhorias nas colônias eram altos e pagos pelo povo, como ainda acontece nos moldes atuais. Segundo Amstad (1999), em 1878 as estradas na colônia de Feliz eram muito ruins: “As estradas são ruins, enquanto o governo não faz outra coisa que planos no papel!” (AMSTAD, 1999, p. 274). De acordo com o mesmo autor, a Lei das Estradas, proposta pelos deputados teuto-brasileiros da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 1882, obrigou os colonos a darem quatro dias de trabalho nas estradas, o que proporcionou uma significativa melhora na estrutura das mesmas graças ao trabalho árduo dos colonos alemães.

Muitos esforços foram dispensados pelos colonos alemães até que conseguiram organizar a sua sociedade próximo aos moldes que estavam habituados no seu contexto de origem. O mesmo aconteceu com a organização da colônia de Feliz, que a partir do trabalho e organização dos imigrantes alemães aos poucos foi tomando forma para vir a ser futuramente, o município de Feliz.

¹⁴ Disponível em: <<http://cidadesalemasdobrasil.com.br/cidade/feliz-rs/>> Acesso em 10 dez. 2022.

3.2 FELIZ: ENFIM, MUNICÍPIO

A instalação do município aconteceu em 31 de maio de 1959, data na qual permanece sendo comemorado o aniversário do município. A elevação à categoria de município se deu pela lei estadual nº 3726, de 17 de fevereiro de 1959, desmembrando a área do então emergente município da cidade de São Sebastião do Caí, sede no antigo distrito de Feliz. De acordo com o pesquisador local Egídio Weissheimer (2010), em 22 de dezembro de 1888, a então Picada Feliz foi elevada à condição de Vila, passando a chamar-se "Vila Feliz". Em 17 de fevereiro de 1959, através da Lei Estadual 3.726/1959, foi decretada a emancipação política do município, ocasião na qual passou a chamar-se "Feliz". A emancipação ocorreu devido às reivindicações dos munícipes, realizada através de um plebiscito. Na foto a seguir é contemplada a vista da praça de Feliz, datada por volta de 1950:

Figura 13 - Praça de Feliz em 1950



Fonte: Acervo particular da senhora Romana Selbach, historiadora e moradora do município de Feliz.

Em 31 de maio do mesmo ano, foi realizada a instalação do Município e no dia 1º de junho de 1959 assumiu o primeiro prefeito de Feliz, Kurt Walter Graebin, cuja imagem da época podemos ver no centro da foto que segue:

Figura 14 - Posse do primeiro prefeito de Feliz



Fonte: Acervo particular da senhora Romana Selbach, historiadora e moradora do município de Feliz.

No ano de 2022, a cidade de Feliz comemorou 63 anos de emancipação política, enaltecendo e procurando manter vivas as tradições e aspectos culturais deixados pelos imigrantes alemães que deram início ao povoamento da região. Todos esses movimentos ao longo dos anos para preservar as tradições e os costumes, que são um legado dos imigrantes alemães, levam a cidade de Feliz a apresentar a sua configuração atual e ser conhecida como uma cidade que preza por sua história com raízes germânicas.

3.3 A FELIZ ATUAL

Atualmente a cidade de Feliz vem se desenvolvendo e conquistando reconhecimento principalmente no que diz respeito aos eventos sociais vinculados à cultura germânica, às atrações turísticas e à instalação de novas empresas do mesmo ramo. Um dos empreendimentos mais recentes anunciados na mídia é a instalação de um dos parques temáticos do grupo Zaandam, noticiado em vários veículos jornalísticos como o Jornal Fato Novo, na ocasião do mês de maio de 2022:

Figura 15 - Notícia do Jornal Fato Novo



Fonte: Jornal Fato Novo, 2022¹⁵.

A histórica ponte de ferro, cartão postal da cidade e usada diariamente para o tráfego entre o centro e o bairro Matiel, também passará a ser um ponto turístico, apenas para visitação e para uso de ciclistas e pedestres. Muito recentemente, no mês de abril de 2023, a atual administra o municipal apresentou   comunidade

¹⁵ Disponível em:

<<https://fatonovo.com.br/cidades/feliz/grandes-investimentos-no-turismo-feliz-tera-o-lancamento-da-cidade-zaandam-e-da-tirolesa-gigante/>> Acesso em nov. 2022.

felizense um projeto de lei para a construção de uma nova ponte sobre o rio Caí, com duas vias, ao lado da ponte de ferro. A demanda por uma ponte de mão dupla já é uma realidade há alguns anos, visto que o tempo de espera para atravessar tem aumentado gradativamente, acompanhando o desenvolvimento da região. A seguir vemos as imagens do projeto da construção da nova ponte:

Figura 16 - Projeto para uma nova ponte sobre o rio Caí



Fonte: Prefeitura Municipal de Feliz.¹⁶

¹⁶ Disponível em: <<https://www.feliz.rs.gov.br/site/nova-ponte>> Acesso em abr. 2023.

Figura 17 - Projeto para uma nova ponte sobre o rio Caí vista aérea



Fonte: Prefeitura Municipal de Feliz ¹⁷

Além de Feliz ser conhecida no Vale do Caí devido às suas atrações turísticas e belezas naturais, são crescentes os eventos envolvendo também a tradição e a produção cervejeira, que integra a história do município. A história da cerveja na cidade de Feliz começou em 1893, quando João Ruschel fundou a primeira cervejaria de alta fermentação do Brasil, curiosamente na cidade de Feliz. Em 1934 o empreendimento passou a se chamar “Cervejaria Ruschel”. Seguiu-se em 1959 a criação da Cervejaria Polka, vendida em 1971 para a Serramalte e mais tarde esta foi adquirida pela cervejaria Antártica. Na foto a seguir vemos a passarela da Antártica, que teve a estrutura do seu prédio preservada na cidade:

¹⁷ Disponível em: <<https://www.feliz.rs.gov.br/site/nova-ponte>> Acesso em abr. 2023.

Figura 18 - Passarela da Antártica

Fonte: Âncora Offices, 2018¹⁸.

Por muitos anos a produção cervejeira foi interrompida na cidade de Feliz, na ocasião em que a Antártica fechou a filial neste local. Porém, em 2007 a produção de cerveja foi retomada no município, dessa vez de forma artesanal, pela cervejaria Eisenbrück, que posteriormente passou a se chamar Altenbrück. Desde então, a produção de cervejas artesanais se popularizou e cresceu muito no município, proporcionando a realização do agora já tradicional Encontro de Cervejarias Artesanais de Feliz. No ano de 2015 a Assembleia Legislativa confirmou a cidade de Feliz como a capital estadual da cerveja artesanal, através do Projeto de Lei 85/2014. Na imagem abaixo vemos o empresário João Fernando Müller, proprietário da cervejaria Altenbrück, que trabalhou na área de recursos humanos da empresa Antártica até o ano de 1996, quando uma reestruturação do grupo levou à decisão de fechar a fábrica. Em 2005 ele passou a estudar a possibilidade de abrir uma

18

Disponível em: <https://ancoraoffices.com.br/como-apos-o-fechamento-de-empresas-feliz-no-rs-voltou-a-sorrir/>
Acesso em 21 out. 2022.

fábrica de cerveja artesanal e nesta foto posa ao lado dos tanques de armazenamento da sua atual cervejaria:

Figura 19 - Tanques de armazenamento da cervejaria Altenbrück



Fonte: Âncora Offices, 2018¹⁹.

A população de Feliz atribui grande apreço à valorização da cultura, da educação e ao empenho em suas atividades laborais. Apesar do crescente desenvolvimento industrial e econômico, a agricultura continua sendo a atividade econômica de maior importância. As festividades e eventos culturais estão muito presentes nas interações sociais da população, sejam eventos com motivação religiosa, como os “kerbs”, alusivos à padroeira, ou outros que remetem às tradições e costumes germânicos, como o Festival Nacional do Chopp e o Encontro de Cervejarias Artesanais. Na imagem a seguir vemos o Parque Municipal de Feliz decorado para o Encontro de Cervejarias Artesanais, no ano de 2017:

¹⁹ Disponível em: <https://ancoraoffices.com.br/como-apos-o-fechamento-de-empresas-feliz-no-rs-voltou-a-sorrir/> Acesso em 19 out. 2022.

Figura 20 - Parque Municipal de Feliz



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

A foto abaixo ilustra o tradicional desfile que integra a abertura do Encontro de Cervejarias Artesanais de Feliz, nessa ocasião no ano de 2017:

Figura 21 - Abertura do Encontro de Cervejarias Artesanais de Feliz



Fonte: Revista da Cerveja, 2017²⁰.

Também têm destaque os eventos que celebram a produção agrícola e a agroindústria familiar, que recebe destaque na Festa Nacional das Amoras, Morangos e Chantilly - Fenamor. Neste evento, são enaltecidos os produtos da agricultura familiar, em especial as frutas e produtos derivados da amora e do morango, frutas símbolo do município. Na imagem a seguir vemos as soberanas junto a alguns dos diversos produtos comercializados no evento da Fenamor, na ocasião do ano de 2014:

Figura 22 - Soberanas da Fenamor 2013/2014



Fonte: Gaúcha ZH, 2014²¹.

Segundo estimativa do IBGE/2019, a população do município de Feliz é de 13.547 habitantes. Além das festividades, o município preserva as características de cidade do interior e mantém a tradição e o legado dos imigrantes alemães que colonizaram a região. Muitas das construções antigas, no estilo da arquitetura enxaimel trazida pelos imigrantes de origem germânica, são preservadas até hoje nas comunidades rurais de Feliz, como podemos ver na foto a seguir de uma propriedade rural no bairro Escadinhas. A construção data de 1938:

21

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2014/11/18-fenamor-comeca-neste-sabado-em-feliz-4636302.html>> Acesso em out. 2022.

Figura 23 - Propriedade rural no bairro Escadinhas

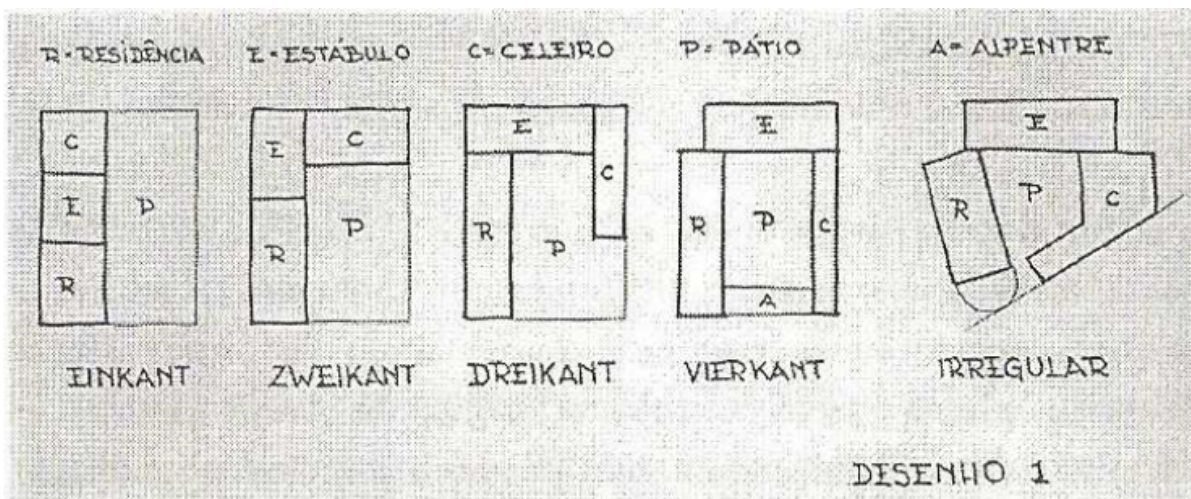
Fonte: Portal férias, 2022.²²

Segundo Weimer (2001), a arquitetura da região de Hunsrück, de onde vieram os imigrantes que se acomodaram no território da atual cidade de Feliz, não foi muito desenvolvida, devido ao excessivo parcelamento da terra, o que originou micropropriedades. Influenciadas pelo espaço e pelo clima mais ameno em relação às demais regiões da Alemanha, os espaços internos foram muito bem aproveitados e todo o trabalho que poderia ser realizado fora de casa era desenvolvido na área externa, o que fez com que os espaços abertos fossem muito valorizados na composição arquitetônica da região de Hunsrück. Consequentemente, os imigrantes que se instalaram na região de Feliz trouxeram consigo esse legado e, como podemos observar, as antigas casas de imigrantes ou descendentes diretos priorizam áreas abertas, com pátios ao lado da casa.

²² Disponível em: <<https://www.ferias.tur.br/fotos/7717/feliz-rs.html>> Acesso em out. 2022.

Pelos desenhos, pode-se perceber que o pátio aberto era geralmente cercado por partes da construção da casa, como estábulo e celeiro, envolvendo e delimitando assim, este espaço.

Figura 24 - Organização do pátio em relação à casa



Fonte: WEIMER, Günter. A arquitetura da imigração renana no Rio Grande do Sul, 2001, p.9.

Segundo Weimer (2001), pode-se observar que essa sociedade era mais propensa a formas livres na sua arquitetura, o que se potencializou quando os colonos alemães vieram para a região sul do Brasil, onde puderam usufruir de uma liberdade que antes não tinham no seu país de origem. Ainda segundo o mesmo autor, no Hunsrück, na Alemanha, as casas se dividiram majoritariamente em três partes: a residência, o estábulo e o celeiro, e ficavam quase sempre sob um único telhado.

Segundo Weimer (2001), eram comuns, na Renânia, as casas com porões de pé direito muito baixo, feitos de pedra, que se destacavam do restante da casa, em enxaimel, e servia como depósito, especialmente para as batatas. Os telhados eram com cobertura de palha, excelente isolante térmico. Em 1515, entretanto, essa técnica foi proibida na região de Mosele²³ e passou-se a usar telhas de ardósia.

Na imagem seguinte, também uma propriedade rural com uma construção em estilo enxaimel, vemos uma casa situada no bairro rural Vale do Lobo, datando de aproximadamente 1940:

²³ Hunsrück se localizava entre o Mosele e o Nahe, tendo por limites a divisa com a França, pelo lado ocidental, e o Reno, pelo oriental. (Weimer, 2001, p. 14)

Figura 25 - Casa no bairro rural Vale do Lobo



Fonte: Portal férias, 2022.²⁴

A arquitetura enxaimel, de origem germânica e muito presente na região do município de Feliz, remete a um ambiente edificado com a identidade cultural da sociedade. De acordo com Veiga (2005), o estilo enxaimel foi amplamente utilizado em países do centro e norte da Europa, desde fins da Idade Média até a Revolução Industrial. Essa arquitetura caracteriza-se principalmente pela presença de peças de madeira horizontais, verticais e inclinadas, encaixadas umas nas outras, sem o uso de pregos, formando as paredes. Os vãos entre as madeiras eram depois preenchidos com taipa. No século XVIII, popularizou-se o uso do tijolo como material de preenchimento das paredes. A estrutura de madeira permanecia exposta na fachada das casas, o que era considerado um atributo decorativo. Ainda segundo Veiga (2005), com o passar dos anos, o enxaimel europeu passou por variações técnicas e estéticas, e é importante ressaltar que enxaimel é a técnica de construção e não o estilo da casa, embora a técnica proporcione uma estética peculiar.

²⁴ Disponível em: <<https://www.ferias.tur.br/fotos/7717/feliz-rs.html>> Acesso em out. 2022.

Conforme Weimer (2005), no período em que aconteceu a imigração alemã para o Brasil, a construção de casas de enxaimel na Alemanha já havia diminuído significativamente, em decorrência da falta de madeira, que é parte da matéria-prima fundamental para este tipo de construção. Aliada a este fator também está a modernização das técnicas de construção que, na época, deu lugar a outros estilos. Ao chegar no Brasil, embora tenham utilizado a técnica do enxaimel, os imigrantes a adaptaram aos recursos que aqui dispunham e às condições do clima. Ainda segundo Weimer (2005), na Alemanha, as construções em enxaimel estavam presentes em sua maioria no contexto urbano. Já no Brasil, devido aos grandes lotes de terra disponíveis, os colonos adquiriam as extensões de terra e ali construía as moradias, o que fez com que, nesse contexto, as casas de enxaimel estivessem presentes majoritariamente em regiões rurais.

Segundo Veiga (2014), o patrimônio cultural de determinados locais foi sendo transformado em mercadoria, o que forjou a história dessas comunidades e recriou as identidades. Dessa forma, ao invés de valorizar um patrimônio existente, lentamente são elaborados novos objetos de interesse mercadológicos, que são vendidos como patrimônio autêntico. No ano de 2022, por exemplo, foi elaborado um incentivo fiscal relacionado ao IPTU no município de Feliz, através do qual os proprietários de imóveis que fossem construídos no estilo enxaimel teriam desconto no referido imposto. Considerando a dificuldade em construir uma estrutura enxaimel nos moldes originais, é esperado que essas novas construções tenham adaptações que venham a diferir em muito da estrutura enxaimel comum na Alemanha rural do século XVIII. Mas, novamente: o interesse econômico em reproduzir uma vila germânica no município de Feliz se sobressai ao aspecto cultural e relacionado à cultura e preservação da memória. De acordo com Bordini (2007), não se trata apenas do anti-humanismo propagado com o pós-modernismo, mas a desrealização do homem que o reduz a mero reflexo em meio a um mundo de simulacros eletrônicos.

Enquanto o semelhante não passa de uma imagem, destituída de substância, os laços de socialidade se desfazem num individualismo de penosa solidão, aumentando o vazio das almas que as mercadorias se apressam em preencher constantemente. (BORDINI, 2007, p. 52)

A recriação de uma identidade germânica nos municípios de colonização alemã exemplifica o que Hobsbawm e Ranger denominaram de “tradição inventada” (1997, p. 9):

Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas. [...] significa um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual automaticamente implica continuidade com um passado histórico adequado.

Explorar a germanidade da população é percebido como um modo de incentivar o turismo e alavancar a arrecadação municipal, além de ser uma forma de preservar a identidade e a cultura local.

Além de preservar a arquitetura, a população também mantém vivas as raízes culturais dos antepassados, trazendo e vivenciando em seu dia a dia os traços germânicos dos imigrantes. Esse legado pode ser percebido nas fachadas das construções, em jardins de muitas residências, mas, também, em diálogos realizados no dialeto alemão, que é preservado como língua de herança por um número significativo de famílias.

Como legado dos imigrantes alemães, além das festas, o prestígio e a valorização da educação também ficaram como herança para o povo de Feliz. No ano de 1998 Feliz destacou-se como a primeira colocada no ranking dos municípios brasileiros com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Nesta mesma ocasião, Feliz ficou conhecida nacionalmente como a "Cidade de Melhor Qualidade de Vida do Brasil", sendo esta a primeira oportunidade na qual o Brasil integrou o grupo dos países com alto IDH, ocupando o 62º lugar no ranking mundial, segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Dados do Censo do IBGE 2010 apontaram Feliz como sendo o município com o menor índice de analfabetismo do Brasil, com apenas 0,95% da população adulta analfabeta. A seguir, na reportagem do jornal Zero Hora, podemos ver a divulgação dessa notícia no ano de 2011:

Município de Feliz tem o menor índice de analfabetismo do país, conforme Censo

Na cidade do Vale do Caí apenas 0,95% da população adulta não sabe ler nem escrever

04/06/2011 - 04h25min

Atualizada em 04/06/2011 - 04h25min



JULIANA BUBLITZ



Desde cedo, crianças têm acesso à aprendizagem com computadores nas escolas municipais de Feliz

Protagonista de uma tendência que se desenha há pelo menos duas décadas, o Rio Grande do Sul avança no século 21 como um exemplo na luta pela alfabetização.

Dados do Censo 2010, compilados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que, dos 10 municípios brasileiros com os menores índices de analfabetismo, seis são gaúchos - incluindo o primeiro colocado no ranking, a cidade de Feliz.

Localizado a 65 quilômetros de Porto Alegre, Feliz, com 12 mil habitantes, é o símbolo dessa hegemonia. Lá, apenas 0,95% da população adulta não sabe ler nem escrever. Esmiuçada em números absolutos, a taxa surpreende: são somente 97 pessoas com 15 anos ou mais vivendo nessa situação.

Em segundo lugar, aparece o município de Morro Reuter, no Vale do Sinos, com apenas 1,04% de iletrados. Para se ter uma ideia do que isso representa, Alagoinha do Piauí (PI), que amarga a última colocação, tem nada menos do que 44% de analfabetos.

Os bons indicadores do Rio Grande do Sul, avalia a professora Clarice Salet Traversini, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), têm explicação em um conjunto de fatores, históricos e culturais.

Primeiro, a constatação de que a maior parte dos núcleos em destaque são de pequeno porte. Em segundo lugar, a existência de uma trajetória comum, baseada na colonização europeia, alemã e italiana.

Fonte: Gaúcha ZH, 2011²⁵.

Também esse mesmo dado foi divulgado em reportagem pelo site do G1, em 2016, como vemos na manchete a seguir:

Figura 27 - Reportagem no site G1

Edição do dia 22/02/2016
22/02/2016 08h31 - Atualizado em 22/02/2016 10h19

Cidade gaúcha tem o menor índice de analfabetismo do país

Feliz, com 13 mil habitantes, ostenta o menor índice de analfabetismo do Brasil: 0,95%, segundo a última pesquisa do IBGE, feita em 2010.

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Fonte: Bom dia Brasil, 2016²⁶.

Segundo o Indicador Social de Desenvolvimento dos Municípios (ISDM), lançado pelo Centro de Microeconomia Aplicada da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), em 2012, Feliz é o município com maior índice de desenvolvimento do Rio Grande do Sul e no Brasil, a cidade ocupa a 5ª posição, obtendo o índice de 6,19 numa escala que varia de 0 a 10. Com base no Atlas da Exclusão Social no Brasil (2015), foi elaborado o Índice de Exclusão Social (IES) no qual o município de Feliz obteve os seguintes indicadores: índice de exclusão 0,818, índice de emprego 0,764, índice de pobreza 0,982, índice de desigualdade 0,829, índice de alfabetização 0,994, índice de escolaridade 0,451, índice de juventude 0,721 e índice de violência 1.

²⁶

Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/02/cidade-gaucha-tem-o-menor-indice-de-analfabetismo-do-pais.html#:~:text=Um%20exemplo%20%C3%A9%20Feliz%2C%20cidade,o%20%C3%8Dndice%20de%20Desenvolvimento%20Humano.>> Acesso em jul. 2022.

Com base nas informações e dados apresentados acerca do município de Feliz, é possível perceber o quanto a cultura germânica e as heranças e manifestações culturais deixadas pelos antepassados imigrantes influenciaram a formação do povoado que hoje é o município de Feliz, bem como esses aspectos continuam a interferir no cotidiano das pessoas que ali residem. Assim também a língua alemã, que neste caso diz respeito ao dialeto Hunsrückisch, integra o dia a dia dos munícipes e faz parte das suas interações orais cotidianas.

4 A LÍNGUA COMO MAIS UMA HERANÇA CULTURAL

No capítulo anterior apresentamos diversos aspectos relacionados à arquitetura, costumes e festejos inerentes ao povo de Feliz que representam parte significativa da herança cultural das pessoas dessa comunidade. A arquitetura das construções em estilo enxaimel remete às casas e demais prédios construídos pelos imigrantes alemães que chegaram na região de Feliz e procuraram reproduzir a arquitetura de sua terra natal. Os festejos e tradições também remetem à cultura que atravessou o oceano juntamente com os primeiros imigrantes germânicos e assim foi perpetuada em sua nova pátria. Neste capítulo serão discutidos os aspectos inerentes à língua, ou melhor, ao dialeto Hunsrückisch, sob a perspectiva de que esta língua de imigração integra parte da identidade dos sujeitos da região do município de Feliz e, conseqüentemente, caracteriza-se como uma herança cultural deixada pelos antepassados imigrantes. Segundo Lopes (2023),

A linguagem e, por extensão, a língua estabelecem um conjunto de símbolos, assim como a cultura, e muitas de suas relações foram identificadas até aqui, como sua vinculação ao ser humano, seu caráter coletivo e a importância de sua contextualização para a compreensão mútua. O entendimento da língua usada pelos falantes como discursos por eles assumidos, que os posicionam histórica e subjetivamente faz com que também esse viés mereça ser analisado em suas peculiaridades. (LOPES, 2023, p. 44)

Para compreender mais sobre o entrelaçamento entre cultura e língua de herança no contexto do município de Feliz, na próxima seção este estudo irá abordar aspectos relevantes sobre a língua em questão, o Hunsrückisch.

4.1 O DIALETO HUNSRÜCKISCH

A princípio neste capítulo é importante conceituar o que se entende por “dialeto”. De acordo com Mané (2012), não existe um conceito universal acerca dos critérios que distinguem língua e dialeto, mas concorda-se que são duas denominações que se aplicam a diferentes aspectos, porém não são opostos:

O termo língua é uma designação sempre superordenada ao dialeto. O fato de um dialeto estar sempre relacionado a uma língua em um *status* subordinado evidencia as estruturas sociais dentro das quais os termos

estão alocados. Isso concede um *status* de menor importância ao termo dialeto. (MANÉ, 2012, p. 42)

O termo dialeto pode sugerir uma fala mais informal, mas é na realidade uma variação linguística influenciada por fatores sociais, culturais e históricos, como, por exemplo, a migração, e utilizada em diferentes contextos, não apenas os informais.

A popularidade do dialeto alemão conhecido como Hunsrückisch, falado no município de Feliz e região, é decorrente da colonização germânica. Segundo Spinassé (2017), o dialeto Hunsrückisch é uma das línguas de imigração de maior abrangência no Brasil, sendo que alguns municípios no Rio Grande do Sul já co-oficializaram o dialeto. Essa ação vem ao encontro da discussão sobre políticas linguísticas, variedades linguísticas e tomada de iniciativas visando direitos linguísticos dos falantes de línguas de herança.

De acordo com Altenhofen (2018), do ponto de vista histórico, o dialeto Hunsrückisch pode ser entendido como uma denominação comum dada a uma variedade do alemão proveniente da região de Hunsrück, na Alemanha. Essa região abrange uma área de elevação situada entre Bingen, Trier e Koblenz, na Renânia Central, centro-oeste da Alemanha, como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 28 - Renânia Central



Fonte: ALTENHOFEN, Cléo. Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil 2018, p. 24

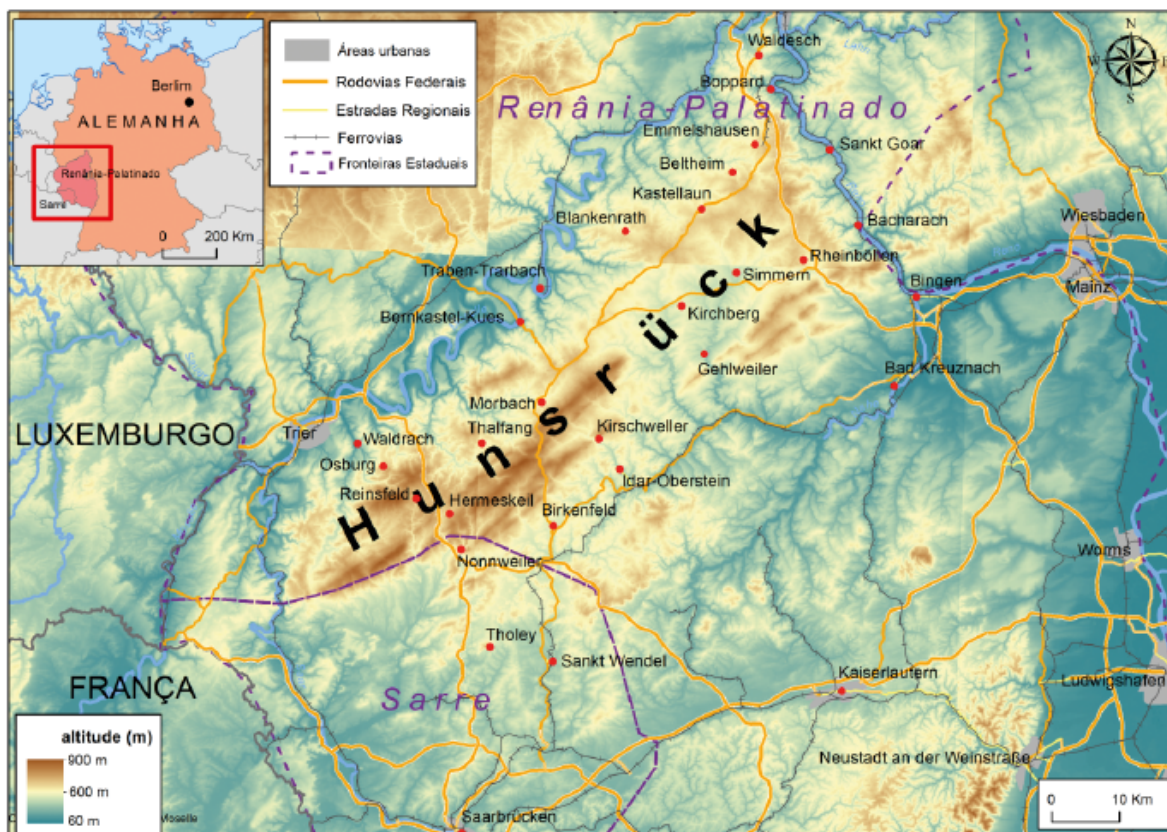
Segundo Altenhofen (2018), dentro do leque de variedades que constituem o grupo de línguas de imigração alemã trazidas ao Brasil, o Hunsrückisch aparece como a variedade mais difundida dentre as 14 línguas identificadas até o momento. De acordo com Spinassé (2017), estão sendo desenvolvidos diversos projetos de pesquisa que se ocupam de investigar tanto as práticas de linguagem como as atitudes linguísticas presentes nas áreas de descendentes de imigrantes buscando colaborar com a manutenção da língua e da identidade deixadas de herança pelos antepassados imigrantes.

Ainda de acordo com Altenhofen (2018), as pesquisas realizadas acerca do alemão falado nas comunidades de imigração germânica utilizam o termo Hunsrückisch para delimitar uma área de estudo. A partir dos estudos de Altenhofen, o termo Riograndenser Hunsrückisch tornou-se uma referência internacional. Quanto à origem do termo Hunsrückisch, temos variadas explicações e teorias, apresentadas na obra de Altenhofen:

1º) Um primeiro sentido, talvez o mais provável, é o que liga o nome à forma de seu relevo, que lembraria o 'dorso de um cachorro' (Hunds + Rücken). 2º) Em uma outra interpretação, o nome Hunsrück seria uma referência à presença dos hunos, que teriam chegado até essa região, na época das grandes migrações, e daí retornado ("Huns + [zu]rück"). 3º) Outras interpretações, mais abrangentes, reconhecem, na composição do nome Hunsrück, formas antigas com sentidos como 'área de uma centúria (Hundertschaft) francônia' (como Hundeswerk, pronunciado Hundswark ou Hundswrok, segundo STUHL, 1914, p. 248), 'tribunal de uma centúria', 'tribunal de pessoas de um mesmo clã', 'posse demarcada de uma corporação rural' (pressupondo, segundo SCHOOFF, 1960, p. 124, uma reformulação da palavrabase do antigo alto-alemão Untarôn).⁸ 4º) Seguem-se explicações variadas, como: a) Hoher ou Hünenrücken 'costas altas ou costas de galinha', b) schlechter unwirtlicher Höhenrücken 'cume inóspito'. (ALTENHOFEN, 2018, p. 24)

Na imagem a seguir, é possível visualizar a localização da região de Hunsrück no território correspondente atualmente à Alemanha:

Figura 29 - Região do Hunsrück na Alemanha



Fonte: ALTENHOFEN, Cléo. Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil, 2018. p. 27

A partir das explicações de cunho geográfico para a origem do termo Hunsrückisch e o mapa anteriormente apresentado, pode-se supor que o nome Hunsrück foi originalmente usado apenas para uma parte da região e que só depois, se estendeu a toda a área do atual território de Hunsrück, na Alemanha.

A seguir vemos uma lista das variedades de alemão identificadas no Brasil, para as quais se registram comunidades de falantes. Esta tabela busca destacar a importância da relação da variedade linguística com o seu local de origem:

Figura 30 - Variedade linguística com o seu local de origem

GRUPO DIALETAL (denominação original)	AUTODENOMINAÇÃO DA VARIEDADE	PRIMEIRAS COLÔNIAS
Arealidades contínuas e comunidades interligadas em arquipélago		
1. <i>Deutsch, Deitsch</i> (pt. <i>alemão</i>)	<i>Hochdeutsch, Deutsch, Alemão Gramatical</i>	[variedade onipresente] ⁶
2. <i>Hunsrücker</i> , também <i>Deitsche</i> ou <i>Deutsche</i> (pt. <i>hunsriqueano</i>)	<i>Hunsrückisch, Hunsrick, Hunsbucklisch, Hunsrücker Platt, hunsriqueano, Plattdeutsch, Deitsch</i>	1824 [RS, São Leopoldo] 1829 [SC, São Pedro de Alcântara] 1829 [† PR, Rio Negro] 1847 [ES, Colônia Santa Isabel]
3. <i>Pommer</i> , também „ <i>Pommeraner</i> “ (pt. <i>pomerano</i>)	<i>Pommerisch, Pomerano, Pommer[sch] Platt, Pommeranisch</i>	1858 [RS, São Lourenço do Sul] 1859 [ES, Santa Leopoldina]
4. <i>Westfäler</i> (hdt. <i>Westfalen</i> , pt. <i>vestfaliano</i>)	<i>Westfälisch, Vestfaliano, Plattdütsch, sapato-de-pau</i>	1858 [RS, Vale do Taquari/Teutônia] 1860 [SC, Vale do Capivari]

Comunidades de falantes ou ilhas linguísticas específicas, muitas vezes interligadas em arquipélago

5. <i>Schweizer</i> (pt. <i>suiço</i>)	<i>Schweizer Deutsch, alemão suíço</i>	1819/1820 [RJ, Nova Friburgo] 1857 [ES, Santa Leopoldina] 1888 [SP, Col. Helvetia/Indaiatuba]
6. „ <i>Kaffeepflücker</i> “ (aqui: originários da Turíngia)	<i>Kaffeeflickersch</i> var. <i>Kaffeeplickersch</i>	1852 [RJ, fazendas de café, e.g. Santa Justa, Santa Rosa e Independência]; 1860 [para SC, Colônia Santa Isabel]
7. „ <i>Böhmer</i> “ (hdt. <i>Böhmen</i> , pt. <i>boêmio</i>)	<i>Böhmisch, Alemão Boêmio</i>	1858 [RS, 9 Colônias/N. Petrópolis] 1876 [RS, Alto Sampaio/V. Aires]
8. <i>Baier</i> (pt. <i>bávaro</i>), <i>Österreicher</i> („ <i>Estreicher</i> “, pt. <i>austriaco</i>), <i>Tiroler</i> (pt. <i>tirolês</i>)	<i>Bayerisch, Boarisch, Bávaro, Österreichisch, Austríaco, Tirolisch</i>	1859 [ES, Tirol], 1893 [RS, Ijuí] 1933 [SC, Treze Tílias] 1873 [SC, São Bento do Sul]
9. <i>Bukowiner</i> (pt. <i>bucovino</i>)	<i>Bukowinisch, Bucovino</i>	1887 [PR, Rio Negro]
10. <i>Deutsch-Russe</i> (pt. <i>alemão-russo, teuto-russo</i>), <i>Wolhyniendeutsche</i> (pt. <i>alemão da Volínia</i>), <i>Kaschube</i> (pt. <i>cachubo</i> ou <i>cassúbio</i>)	<i>alemão-russo, Wolgadeutsch (?)</i> , <i>alemão do Wolga, russo-alemão</i>	1892 [RS, Linha 8/Coronel Barros]
11. <i>Schwaben</i> (pt. <i>suábio</i>)	<i>Schwäbisch, Suábio</i>	1898 [RS, Neu Württemberg/Panambi]
12. <i>Bessarabien</i> (pt. <i>bessarábio</i>)	<i>Deutsch (?)</i> , <i>Rumänisch (?)</i>	1928/29 [SC, Mondai e Itapiranga, espec. Iporã do Oeste]
13. <i>Mennoniten</i> (pt. <i>menonita</i>)	<i>Plautdietsch, Mennoniten-Deutsch, Plautdietsch menonita, Platt menonita</i>	1930 [SC, Colônias no Rio Krauel/Ibirama]
14. <i>Donauschwaben</i> (pt. <i>suábio do Danúbio</i>)	<i>Donauschwäbisch</i>	1951 [PR, Entre Rios]

Fonte: ALTENHOFEN, Cléo. *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*, 2018. p. 29.

Ter conhecimento de que o dialeto Hunsrückisch é originário de determinada região do território germânico pode erroneamente nos levar a acreditar que o

Hunsrückisch falado no Brasil simplesmente equivale à língua dessa matriz de origem, emigrada para o Brasil. De acordo com Altenhofen (2018), essa seria uma simplificação muito radical que acabaria por excluir características importantes que definem sua configuração linguística e que também precisam considerar outros fatores significativos, como contatos com outras línguas no processo migratório. Também é importante considerar que o fato de falar Hunsrückisch não determina ou confirma o local de origem dos antecedentes do falante em questão. De acordo com Altenhofen (2018), nem todo falante de Hunsrückisch tem seus antepassados no Hunsrück, ou seja, há muitos falantes de Hunsrückisch oriundos de outras regiões, inclusive de outros grupos étnicos que aprenderam essa variedade, em sua localidade, por ser ela a variedade local dominante, usada como língua comum na interação diária.

Segundo Weimer (2001), os registros da paróquia de São Leopoldo mostram que 60% dos imigrantes evangélicos do local se constituíam de francos e, dentre esses, cerca de 80% eram do Hunsrück propriamente dito; assim, cerca de 20% dos imigrantes considerados Hunsrücker, na verdade, não o eram. Porém, apesar dos dados elencados nessa pesquisa, predomina uma generalização de que os imigrantes vindos para a colônia de São Leopoldo, que posteriormente deram origem a outras picadas e vilas, como Feliz, eram todos vindos do Hunsrück. Na verdade, é muito provável que os descendentes de imigrantes alemães da região de Feliz tenham sua origem em famílias vindas de diferentes regiões da Alemanha. Assim, “o termo Hunsrückisch, mais do que remeter à origem geográfica do falante, nem sempre comprovada, remete à origem linguística do que configura sua base dialetal de partida, entendida como “o alemão originalmente falado nessa região centro-ocidental, especialmente na interação familiar” (ALTENHOFEN, 2018, p. 24).

De acordo com Altenhofen (2018), considerando-se o viés histórico, o dialeto Hunsrückisch se formou a partir de uma base dialetal proveniente da região de mesmo nome, o Hunsrück, o que inclui um contínuo entre o francônio-moselano e o francônio-renano. Segundo as pesquisas anteriormente já apresentadas, os imigrantes que vieram para a região de Feliz são vindos da região da Renânia, (também chamado “Vale do Reno”), o que confirma que o dialeto falado pelos descendentes de imigrantes alemães nessa região é Hunsrückisch. Segundo Altenhofen (2018), pelo ponto de vista linguístico, o Hunsrückisch é resultado de

diferentes contatos entre variedades e línguas distintas, especialmente com o português regional falado no entorno das comunidades de imigrantes. Segundo o viés social, “o Hunsrückisch assumiu a função de língua comum da interação diária entre os diferentes grupos de imigrantes” (ALTENHOFEN, 2018, p. 26). A partir dessas colocações, pode-se definir o Hunsrückisch como uma língua de imigração, cuja base linguística provém da língua matriz de origem no Hunsrück, no centro-oeste da Alemanha. Ainda quanto à denominação Hunsrückisch, é importante ressaltar que em documentos oficiais como a lei estadual nº 14.061, de 23 de julho de 2012, que reconhece o Hunsrückisch como “patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul”, a denominação adotada é Hunsrik (ALTENHOFEN, 2018). Porém, nos estudos e pesquisas, apresenta-se como mais comum a denominação *Hunsrückisch*.

De acordo com Altenhofen (2018) o Hunsrückisch – que passou a ser chamado *hunsriqueano* em português - representa um conceito de alcance internacional e é uma das línguas da diversidade linguística brasileira melhor documentada. A língua integra o conjunto de características que diferenciam e ao mesmo tempo unem determinados grupos de pessoas, diretamente ligada assim com a identidade sociocultural de determinados grupos. Justamente por ser parte integrante do acervo cultural de diferentes grupos de pessoas, é importante que seja preservada e estudada.

4.2 LÍNGUA E IDENTIDADE SOCIOCULTURAL

A língua é um aspecto cultural vivo, que depende dos sujeitos falantes para continuar existindo. A significativa diversidade de línguas existentes no mundo permite que muitas delas se façam presentes em um mesmo espaço, convivendo e sendo utilizadas pelos falantes multilíngues que delas se valem. A variedade linguística é, também, fator contribuinte para a interculturalidade e para a preservação das diferentes línguas e, conseqüentemente, manifestações culturais. Faz-se necessária, portanto, a promoção de ações capazes de valorizar e enfatizar o sentido do multilinguismo nas regiões em que ele acontece.

Segundo Altenhofen (2018, p. 11), “a língua depende de alguém que a continue falando e dela deixe marcas, obras ou ao menos lembranças. Em outras

palavras, a língua precisa ser incessantemente plantada e colhida, e replantada.” No Rio Grande do Sul, as línguas de imigração estão inseridas em variados contextos, mas continuam sendo utilizadas pelos falantes principalmente dentro do contexto familiar. Isso se atribui, em parte, aos estigmas e preconceitos que contornam as línguas de herança, estigmatizadas como “língua de colono”²⁷, atribuídas erroneamente a pessoas de pouca instrução educacional ou baixo intelecto. Segundo Bagno:

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. (BAGNO, 2015, p. 22)

Preservar uma língua entre os seus falantes implica preservar também parte significativa da cultura desse grupo, que pode por vezes estar cerceada por estereótipos e preconceitos. De acordo com Pereira (2018), em seu estudo realizado na comunidade de Feliz sobre a pronúncia do r-tepe pelos falantes de Hunsrückisch, o preconceito linguístico está de certa forma velado, visto que é permeado por um caráter de invisibilidade social. Além da tendência em afirmar-se que o Brasil é um país monolíngue, também as variações dentro das línguas de herança, equivocadamente consideradas homogêneas (como se o Hunsrückisch falado na região de Feliz fosse exatamente igual ao falado em outras regiões do Brasil) são ignoradas. Segundo Bagno:

O monolingüismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 2015, p. 27).

Assim, de acordo com Altenhofen (2018), o dialeto Hunsrückisch é uma herança cultural trazida por imigrantes da região centro-ocidental da Alemanha. Essa herança não se concentra em um local restrito, visto que os seus falantes espalharam-se por diversas regiões do Brasil, não se limitando ao território do atual Rio Grande do Sul. Na imagem a seguir é possível visualizar as áreas com a presença de Hunsrückisch no Brasil:

²⁷ Grifo da pesquisadora.

Figura 31- Dialeto Hunsrückisch no Brasil



Fonte: ALTENHOFEN, Cléo. Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil, 2018. p. 110.

É possível observar que o Hunsrückisch está vinculado a um grande número de pessoas e a uma extensa área territorial, envolvendo diferentes grupos sociais e

plurilingues, o que torna o trabalho de documentação das comunidades de falantes bastante complexo.

Os imigrantes falantes de Hunsrückisch se distribuíram por diferentes regiões do Brasil, como vimos no mapa anterior, e também vieram de diferentes regiões do território germânico, hoje correspondente à Alemanha. De acordo com Altenhofen (2018), quando tratamos da origem geográfica de uma família de imigrantes, essa equivale simultaneamente a uma área dialetal do alemão. Isso implica afirmar que as famílias imigrantes do século XIX traziam em sua bagagem cultural o repertório linguístico da sua região de origem, que incluía o dialeto ali falado e somava-se aos conhecimentos da norma culta do alemão *standard*²⁸. Assim, segundo Altenhofen (2018), ao considerarmos o repertório linguístico dos imigrantes hunsriqueanos²⁹ dessa época não podemos perder de vista que este não se limitava ao “dialeto de origem”, mas provavelmente incluía determinado conhecimento do *standard*, que os membros dessas comunidades chamam de Hochdeutsch. Posteriormente esse idioma se misturou com o português, língua oficial do Brasil. A relação entre o local de origem dos imigrantes e o dialeto mais uma vez mostra que a língua está relacionada com a história de vida das pessoas e é parte da sua bagagem cultural e socioidentitária.

Segundo Gertz (2008, p. 119), os imigrantes vindos da Alemanha, em geral, foram apontados como aqueles que, entre os grupos de imigrantes de maior expressão numérica – e ao lado dos japoneses –, teriam se mostrado como os mais resistentes à integração, à miscigenação, à assimilação, mantendo suas características étnicas nas regiões que ocuparam, continuando a cultivar, de forma persistente, a língua e os modos de vida alemães. Durante muitas gerações, teriam apresentado relativamente baixo índice de casamentos interétnicos, a maioria deles ter-se-ia mantido fiel a confissões religiosas absolutamente minoritárias da sociedade brasileira e vivido à margem do Estado brasileiro. Teriam se interessado muito pouco pela cidadania brasileira, ficando mentalmente identificados com sua pátria de origem. Com isso, sua lealdade para com o Brasil sempre teria sido dúbia, ao contrário de seu interesse e de sua identificação e lealdade para com a Alemanha, originando o que ficou conhecido como “o perigo alemão”. A resistência em passar a falar português e deixar cair no esquecimento a sua língua materna era

²⁸ Chamado também de alemão padrão e Hochdeutsch.

²⁹ Vindos da região de Hunsrück, na Alemanha, de acordo com Altenhofen (2018).

vista como uma ameaça e não apenas como uma forma de preservar a cultura entre os imigrantes.

Os grupos de pessoas falantes de Hunsrückisch começaram a se formar no sul do Brasil a partir do processo migratório. De acordo com Altenhofen (2018), a propriedade onde os imigrantes construíam suas casas era por eles denominada “colônia”, um conceito central na constituição do Hunsrückisch e que aparece em um número significativo de palavras derivadas:

Uff der Kolonie ‘na colônia’. É assim que um hunsriqueano (entendido aqui como o falante de Hunsrückisch, tema de análise deste estudo) irá referir-se à área cultural em que vive: Die Leit ‘as pessoas’ uff der Kolonie. Kolonist var. Bauer = pt. colono, no sentido de ‘agricultor’. No português, o adjetivo colonial passou a ser de uso corrente em expressões como queijo colonial, arquitetura colonial, estilo colonial, região colonial, café colonial, e assim por diante, para designar o que pertence a essa área cultural ou é produzido em seus domínios. Originalmente, no entanto, a colônia equivalia à terra (inicialmente 77 hectares, posteriormente 25-30 hectares) que cada família recebeu como sua nova propriedade. Esse sentido aparece quando se diz que “o avô tinha uma colônia” (hrs. Der Wowwo hott een Kolonie). (ALTENHOFEN, 2018, p. 149)

As tradições, o trabalho e o cotidiano na sociedade representada pela *colônia* fomentava o uso da língua de herança dos imigrantes, no caso, o Hunsrückisch. Até muito recentemente (1990) havia muitos locais sem energia elétrica no interior do Rio Grande do Sul, e segundo Altenhofen (2018), quando os descendentes de imigrantes realizavam um trabalho que envolvia a conservação de alimentos (como carnear um animal e guardar a carne) os vizinhos eram amplamente envolvidos nessa tarefa. Esses também eram momentos importantes de interação em Hunsrückisch, onde o grupo que se identificava com este idioma se reunia e “aproveitava” para fazer suas interações na língua materna. No conto “Os dois vizinhos”, de Rotermund, é possível ler uma passagem onde os personagens estão preocupados quanto ao aprendizado da língua portuguesa e à manutenção da língua alemã por parte das suas crianças quando estas chegam à idade escolar:

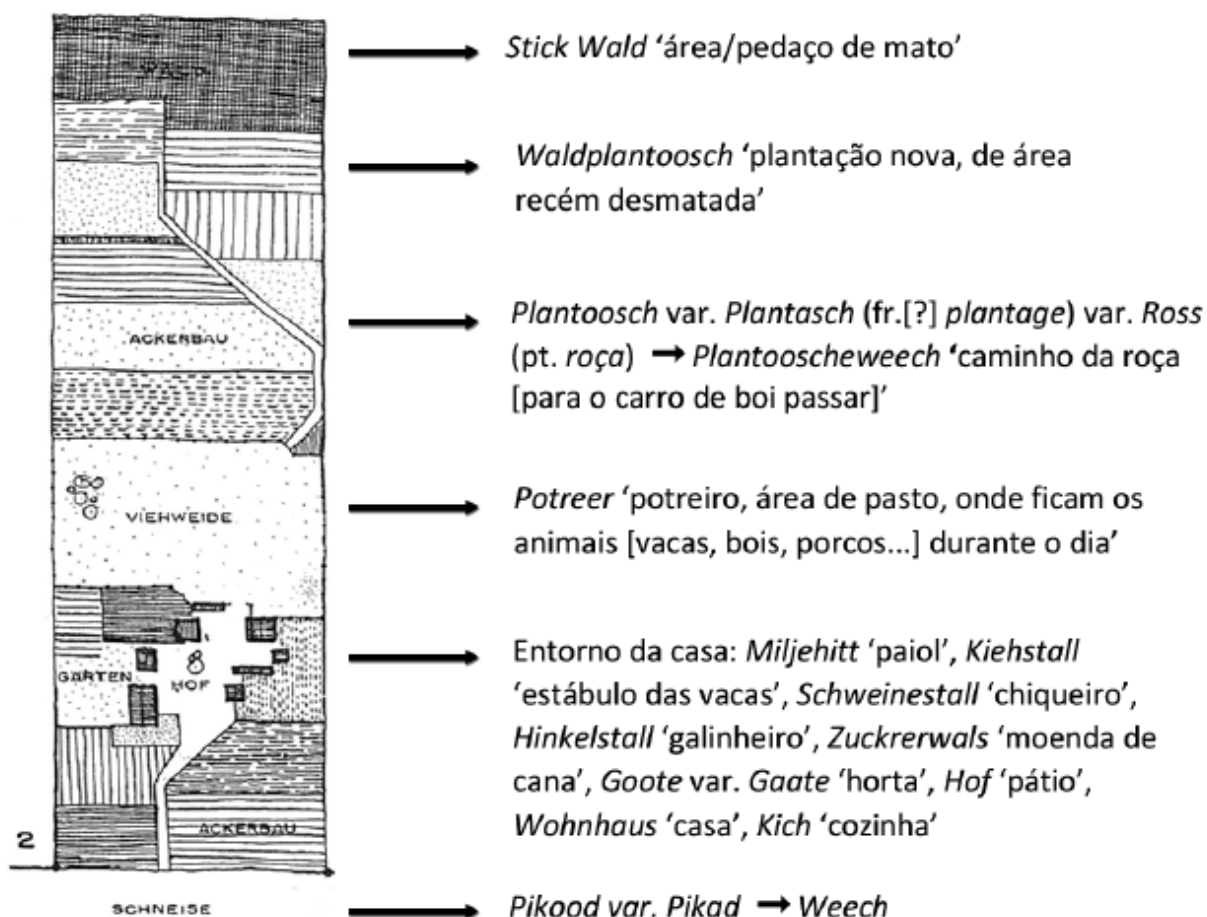
“Bem”, disse Paul, “você não podem se queixar, a escola está próxima da casa de vocês.” “A escola do governo, sim; mas nós dificilmente enviamos as crianças para ela. E o professor comunitário mora, no mínimo, três quartos de légua mais acima.” “Mas as crianças têm que aprender português, é esta a língua do país.” “E vão aprendê-lo, mas não devem perder a língua materna. Nem sei que insistência e pressão é essa, até entre muitos alemães, para que os colonos falem todos eles o português.

Sou da opinião que nossos filhos e netos o aprendem depressa demais e com a mesma pressa esquecem o alemão.” (ROTERMUND, 1997, p. 56)

Com as mudanças na rotina de trabalho e no cotidiano dos descendentes de imigrantes alemães, o uso da língua foi ficando cada vez mais restrito às interações dentro do âmbito familiar, o que é citado por Altenhofen (2018) como um aspecto prejudicial para manter vivo o dialeto Hunsrückisch em meio às comunidades de descendentes de imigrantes.

Na imagem a seguir vemos a estrutura primordial de uma colônia:

Figura 32 - Estrutura primordial de uma colônia



Fonte: ALTENHOFEN, Cléo. Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil, 2018. p. 149.

As atividades laborais que envolviam a família tradicional, com grande número de filhos e todos trabalhando juntos dentro da estrutura de empresa familiar, acabou perdendo espaço para as novas relações de trabalho, onde a língua de contato passou a ser o português e não se interagiu mais em Hunsrickisch. De acordo com Altenhofen (2018), é muito mais significativo e diz muito mais sobre a

identidade do falante falar uma língua desde tenra idade, aprendendo a partir das interações com a família, do que aprender um novo código posteriormente. “É um conhecimento que a vida dá de presente, como uma língua materna, uma língua de herança, uma língua da comunidade” (ALTENHOFEN, 2018, p. 13).

Devido às vivências e interações proporcionadas pelo uso da língua de herança, a língua pode ser considerada parte importante da identidade dos falantes, e por ser um bem coletivo, de acordo com Altenhofen (2018), é também um patrimônio cultural que se herda e que precisa ser zelado e preservado, e não um motivo para vergonha. De acordo com Pereira (2018), não existe uma língua feia ou mais bonita do que outra, assim como não existe uma língua “mais correta” em relação à outra. A impressão que se tem ao conviver com a comunidade de Feliz é que os falantes de Hunsrückisch percebem a sua língua de herança como algo menos correto e inferior ao alemão padrão, como sendo uma língua informal, e de certa forma, a veem como um motivo de vergonha. Nesse caso, a língua não é percebida como um motivo de orgulho, não caracteriza um bilinguismo de prestígio, pois coloca o falante como integrante de uma minoria, um grupo perseguido, e ainda atribui a ele o estereótipo de “colono”, visto como o sujeito pouco instruído e de intelecto pouco desenvolvido.

Quanto à preservação da língua de herança Hunsrückisch entre os descendentes de imigrantes alemães, Altenhofen (2018) diz perceber que as famílias que residem em áreas rurais têm uma estrutura social mais favorecida para a manutenção da língua, visto que elas geralmente têm o privilégio de ficar mais próximas dos filhos e de ter mais momentos de interação na língua de herança³⁰. Quando os pais passam a ter uma atividade laboral fora do contexto domiciliar, o que muitas vezes coincide com a mudança da família para a cidade, as crianças passam a estar inseridas desde cedo no meio educacional (em creches ou na pré-escola), reduzindo as chances de aquisição da “língua de casa”. Segundo o mesmo autor, leis como a Lei nº 12.796/2013, tem um preocupante impacto sobre esse plurilinguismo, visto que fixam o início da fase escolar na idade de quatro anos de vida:

Considerando o papel da família na transmissão linguística e na formação da criança, nesses contextos, o “ingresso prematuro obrigatório” na

³⁰ O autor usa também o termo “língua de casa” para se referir à língua de herança.

pré-escola monolíngue pode ter prejuízos que não são apenas da língua minoritária e do conseqüente plurilinguismo. Relatos de pais que moram no meio rural têm expressado com veemência sua preocupação. (ALTENHOFEN, 2018, p. 145)

É preciso, porém, considerar que mudanças reais e significativas vêm acontecendo nas famílias nesses contextos de imigração histórica, que afetam o modo de conduzir as rotinas e o estilo de vida dos sujeitos. A vida na colônia tinha como base o trabalho agrícola e se assemelhava a uma indústria familiar, porém as novas configurações de mercado exigem cada vez mais que os pais se desloquem e passem a trabalhar em atividades externas, deixando, com isso, os filhos aos cuidados da escola. Segundo Altenhofen (2018), esta nova realidade mostra a relevância de uma escola sensível às questões da língua de casa e ao plurilinguismo. É pertinente que a educação, principalmente as estruturas curriculares passem por mudanças visando adequar suas práticas para a valorização da cultural plural e conseqüentemente, o plurilinguismo. Para que essa valorização seja possível, Altenhofen (2018) explica que é necessário reconhecer o repertório linguístico trazido pelas crianças desses contextos à escola como sendo de fato um bem cultural de valor e de direito. Tratando-se do dialeto Hunsrückisch, são muito recentes os estudos e pesquisas que começam a possibilitar que uma sistematicidade e um conhecimento possam ser transmitidos de modo formal, visto que existe ainda pouco registro sobre a forma de escrita do Hunsrückisch. Nesse caso, para incentivar a manutenção da língua de herança e a valorização desta como um patrimônio cultural, segundo Altenhofen (2018), uma alternativa seria a elaboração de um programa bilíngue, impreterivelmente construído em parceria com as famílias.

Spinassé (2017) levanta a questão de que em diversos municípios com parte da população falante de Hunsrückisch há a inclusão do alemão padrão no currículo escolar, com o intuito de preservar o bilinguismo entre as pessoas do local, mas acaba trazendo discussões acerca das diferenças entre o alemão ensinado na escola e o dialeto falado em casa, bem como a indagação se o dialeto Hunsrückisch seria uma versão “errada” do alemão padrão. Segundo a mesma autora, essa visão distorcida sobre o dialeto Hunsrückisch faz com que falantes e não falantes

desenvolvam imagens distorcidas e negativas em relação à língua minoritária³¹. Essas atitudes negativas prejudicam o plurilinguismo e perpetuam estereótipos e preconceitos. No município de Feliz, a disciplina de Língua Alemã é incluída no currículo escolar desde a educação infantil, mais precisamente, desde o jardim de infância. Porém a língua ensinada nesta ocasião é a língua oficial e não o dialeto Hunsrückisch, o que pode causar estranhamento e, de certa forma, confusão entre as crianças que mantêm viva a variedade Hunsrückisch no seu ambiente familiar.

O dialeto Hunsrückisch é essencialmente falado; os registros escritos de Hunsrückisch são muito recentes no Brasil, visto que o inventário de Hunsrückisch³² foi elaborado em 2018, em um trabalho organizado conjuntamente por Altenhofen e Morello. Segundo Altenhofen (1996), a leitura em Hunsrückisch é uma demanda crescente nas comunidades de falantes dessa língua de herança. Para os moradores do município de Feliz, aprender a escrever e ler em Hunsrückisch possivelmente seria muito significativo, visto que inclusive as crianças relataram para a pesquisadora que percebem diferenças entre o alemão que falam em casa e o alemão aprendido na escola (alemão padrão.) Segundo Völz e Limberger (2022), as comunidades de falantes de línguas de herança (por ele denominadas ainda de *línguas minoritárias*) como o Hunsrückisch e o pomerano, demonstram um crescente interesse em ler e escrever na sua língua materna, pois os falantes têm a intenção de favorecer a sua manutenção, expressando-se nas mídias digitais e registrando práticas culturais.

O questionamento acerca das diferenças existentes entre a língua ensinada na escola e a língua falada em casa mostra a importância do esclarecimento sobre a origem da sua língua materna, visto que a educação linguística se inicia desde o nascimento do indivíduo e se estende no convívio com a família, com o meio social e cultural (SPINASSÉ, 2017, p. 394). Crenças, superstições, mitos e preconceitos permeiam o uso que cada indivíduo fará dessa língua.

De acordo com Altenhofen:

O autoconhecimento da língua de origem e de como ela funciona mostra-se, nesse tipo de reflexão, essencial, para uma política linguística e educacional que respeite as identidades e que queira de fato reconhecer, salvaguardar e

³¹ O termo “língua minoritária” vem caindo em desuso em meio aos pesquisadores, mas optamos por manter o termo originalmente utilizado pela autora.

³² Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil / Cléo Vilson Altenhofen, Rosângela Morello [et al.]. – Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

promover o plurilinguismo pautado na diversidade como um patrimônio cultural. (ALTENHOFEN, 2018, p. 26)

Essa afirmação nos leva a refletir se o fato de incluir a disciplina de Língua Alemã no currículo escolar vai realmente ao encontro do intuito de preservar a língua de herança dos falantes de alemão da cidade de Feliz. De acordo com Altenhofen:

[...] são critérios-chave na caracterização das pessoas que pertencem a uma comunidade linguística: “Saber a língua, usar a língua e identificar-se com a língua”. Saber está relacionado ao nível de proficiência na língua de referência, em que um falante pode apresentar graus distintos de domínio da habilidade de falar, da compreensão auditiva, da escrita ou da leitura em Hunsrückisch. Usar está vinculado à frequência de uso da língua e considera os diversos tipos de usos e domínios sociais em que a língua de referência é falada. (ALTENHOFEN, 2018, p. 111)

Assim, um sujeito pode ter conhecimento acerca da língua e saber o Hunsrückisch, mas não necessariamente precisa usá-lo. Quanto ao identificar-se com a língua, o sujeito pode ter no Hunsrückisch alguma referência cultural e relacioná-lo com vivências em família, por exemplo, mas não necessariamente fazer uso da língua no seu cotidiano. Segundo Spinassé (2017), a língua é um bem simbólico e socialmente construído, onde os falantes são sujeitos ativos nessa construção. Mais importante do que preparar o sujeito para ler, escrever e falar na língua em questão, a aula de língua estrangeira/adicional deve preparar o aluno para a formação de uma competência intercultural e plurilingue.

Os dialetos e línguas de herança tem seu uso muitas vezes vinculado a preconceitos, o que justifica o fato de alguns falantes optarem por não usar a língua em questão, mesmo que tenham conhecimento para tanto. De acordo com Altenhofen (2018), durante muitos anos o dialeto Hunsrückisch foi revestido de uma série de conotações negativas, sendo chamado de “língua quebrada’ (hrs³³. vebrochne Sproch), ‘língua de mato’ (hrs. Heckesproch), ou simplesmente ‘o dialeto’ (hrs. der Dialekt, ou Plattdeutsch)” (ALTENHOFEN, 2018, p. 12). Segundo o mesmo autor, os próprios imigrantes germânicos que vieram posteriormente ao período inicial de imigração já vinham com a ideia de um “novo Hochdeutsch³⁴”, mais elevado do que o “Hochdeutsch” dos imigrantes pioneiros, sobretudo da primeira metade do séc. XIX, o que colocava o dialeto Hunsrückisch em uma posição inferior

³³ Abreviação do autor para o termo “Hunsrückisch”.

³⁴ Alemão padrão.

de prestígio e seus falantes em situações passíveis de sofrerem preconceitos em função da língua.

De acordo com Spinassé (2021), as famílias que falam mais de uma língua são chamadas “linguisticamente mistas” e possuem um acordo, que pode ser tácito ou explícito, que constitui a política linguística da família e define as práticas cotidianas, assim como o projeto de transmissão e de manutenção (ou não) das línguas. A falta de conhecimento acerca da sua língua de herança pode levar os falantes a não atribuírem o devido valor histórico e cultural a ela, fazendo com que seja desmerecida e com o passar do tempo, esquecida. De acordo com Altenhofen (2018), os próprios falantes da língua precisam alimentar a humildade permanente de querer conhecer mais e mais sobre as línguas à sua volta.

Segundo Völz e Limberger (2022), a língua de herança Hunsrückisch, por ser uma língua essencialmente falada e não dispor de uma prática de escrita amplamente difundida e utilizada, acaba contando com diversos empréstimos da língua portuguesa, a língua majoritária da comunidade. Esse fator é bastante perceptível no município de Feliz, onde são comuns expressões enjambradas entre Hunsrückisch e português, na busca pela palavra mais adequada para determinada situação de interação. Assim, é recorrente ouvir expressões como “churrasque”, “funcioniat”, “caprichirã”, “radio”³⁵, entre tantos outros termos adaptados do português. Em meio à comunidade felizense, tais apropriações de palavras da língua portuguesa para o Hunsrückisch compõem o que os falantes denominam de “felizês”, uma junção de expressões que buscam melhor atender às necessidades comunicacionais dos falantes.

Segundo Pereira (2018), a presença de elementos do Português no dialeto Hunsrückisch falado nos municípios de origem germânica passou a ser vista como algo negativo, o que pode ter contribuído para a construção da ideia de uma língua menos nobre por ser uma “língua misturada”. Ainda segundo o mesmo autor, a linguística no Brasil idealiza a norma padrão, o que contribui para a concepção de monolingüismo, onde não são bem aceitas as variações.

Segundo Spinassé (2021), quando a língua falada em casa não coincide com a(s) do mundo exterior, pode haver uma situação de confronto entre as línguas e a definição de majoritário e minoritário. “A forma como a família vai lidar com o

³⁵ Respectivamente, em português: “churrasco”, “funcionar”, “caprichar” e “rádio”.

plurilinguismo é, com frequência, uma escolha pautada não necessariamente em uma decisão consciente ou esclarecida, mas é, em grande parte, influenciada por ideologias linguísticas.” (SPINASSÉ, 2021, p. 294). Parte dos falantes pode não usar a sua língua de herança nas interações cotidianas por diversos motivos, mas aprendem sobre ela na escola. Em outras localidades acontece o contrário, as pessoas falam o dialeto Hunsrückisch em casa e não tem contato com a língua materna nas interações na escola.

O fato é que a escola é um local de socialização, e para os imigrantes o estudo e o acesso à escola sempre foi muito importante. Consequentemente, na época da chegada dos imigrantes alemães ao território do Rio Grande do Sul, também na escola as crianças interagem em alemão, diferente do que acontece na maioria das interações escolares atualmente. De acordo com Altenhofen (2018), as primeiras escolas frequentadas pelas crianças imigrantes eram ligadas majoritariamente à igreja e utilizavam o alemão como língua de instrução, visto que essa era a língua comum entre professores e alunos. Segundo o mesmo autor, no ano de 1930, só no Rio Grande do Sul existiam 937 escolas com 36.933 alunos. Porém esse número diminuiu consideravelmente com a política de nacionalização do ensino de Getúlio Vargas, no período do Estado Novo, que não repreendeu apenas as línguas de imigração, impondo o português como língua única, mas também terminou com o que dava sustentação a essas línguas de imigração, como as escolas comunitárias étnicas (ALTENHOFEN, 2018).

Todo esse movimento de repressão linguística contribuiu muito para a perda e o esquecimento das línguas de herança em diversas comunidades de descendentes de imigrantes. Segundo Altenhofen (2018) essa consequência foi mais forte em contextos urbanos, onde o português já estava muito presente. Porém nas áreas rurais, no interior, as medidas de repressão contribuíram mais para um refúgio na “língua da família”, neste caso o Hunsrückisch. De acordo com o mesmo autor, o que aconteceu com a política de nacionalização, ao fechar essas escolas ou proibir o ensino de alemão, não foi o impedimento do uso da língua materna, mas sim o acesso à norma escrita do alemão. Isso pode ajudar a compreender porque a grande maioria dos falantes de uma língua de herança limitam-se à habilidade oral e não têm conhecimento da escrita.

De acordo com Altenhofen (2018), felizmente se discutem na atualidade os direitos linguísticos e a possibilidade de uma educação plurilíngue como um diferencial e um bem necessário em tempos de globalização. Também a valorização das línguas de herança como um aspecto significativo da identidade dos sujeitos e a importância da sua preservação são considerados, bem como o seu uso é percebido como uma manifestação cultural socioidentitária de determinado grupo.

5 PRESERVAR OU NÃO PRESERVAR: A IDENTIDADE EM JOGO

Preservar ou não uma língua está diretamente relacionado com manter ou não vivas importantes características da identidade de um povo. O dialeto Hunsrückisch tem sido uma língua com forte promoção do seu estatuto no âmbito das políticas de patrimônio cultural e, em menor escala, no campo da política de cooficialização de línguas por municípios. Altenhofen, em seus estudos, levantou o registro das seguintes ações:

(1) O Hunsrückisch é considerado patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul pela lei 14.069, de 23 julho de 2012.. (2) O Hunsrückisch é considerado patrimônio cultural imaterial de Santa Catarina, pela Lei Estadual nº 16.987, de 03 de agosto de 2016. (3) O Hunsrückisch é cooficializado em Antônio Carlos pela lei 132 de 21 de setembro de 2010. (4) O Hunsrückisch é declarado patrimônio histórico e cultural do município de São Pedro de Alcântara pela lei 1.001 de 21 de setembro de 2015. (5) O alemão é cooficializado em São João do Oeste pela lei 1.685 de 12 de julho de 2016, apesar de não ser diretamente a variedade local, a lei dispõe sobre ela no parágrafo único como meio de comunicação informal no território municipal . (6) O Hunsrückisch é inserido nas escolas de Santa Maria do Herval pelo decreto 005 de 5 de fevereiro de 2009. (7) Alemão é cooficializado em Pomerode em 01 de setembro de 2010 e em 23 de maio de 2017, esse município cooficializa também o pomerano. (ALTENHOFEN, 2018, p. 199).

Esses registros explicitam importantes avanços na elaboração de políticas de reconhecimento e de garantia de direitos de usos da língua aos falantes de línguas de herança, fazendo um movimento contrário ao posicionamento do Estado brasileiro de reprimir e silenciar todas essas línguas durante a campanha nacionalista.

As famílias plurilingues lidam com suas escolhas pautadas nem sempre em decisões conscientes, mas, muitas vezes, com base em ideologias linguísticas que são permeadas por crenças que podem ou fomentar o bilinguismo ou impedir que os filhos cresçam em contato com mais de uma língua, levando a nova geração ao monolinguismo (SPINASSÉ, 2021). Além das crenças já mencionadas que permeiam as línguas de herança, também fatores históricos influenciam nas escolhas dos falantes quanto à língua da qual se valem. A Campanha de Nacionalização da Era Vargas também contribuiu para a instauração desse estigma de “língua menos importante”. Entre 1937 e 1945, no governo de Getúlio Vargas, foi elaborado um projeto de nacionalização que incluía a proibição da fala em idiomas

que não fossem o português, até o reconhecimento dos símbolos nacionais por todos os brasileiros. A língua é um aspecto cultural muito forte, que traz consigo a ideia de pertencimento, e, por isso, foi um dos alvos principais do governo autoritário de Vargas. O trecho a seguir foi enviado pela Agência Nacional para o jornal *O Taquaryense*, em abril de 1940: “O que constitui a nacionalidade é propriamente a língua nacional. A morte de uma nação começa sempre pelo apodrecimento de sua língua” (WERLE, 2018, p. 218).

A significativa quantidade de imigrantes alemães na região sul do Brasil fez com que grande parte dos esforços da Campanha de Nacionalização fossem direcionados para os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul durante o Estado Novo. Segundo Werle,

Apesar de atingir italianos, japoneses e alemães, os últimos foram o grupo étnico mais perseguido, em razão da ideia de enquistamento provocada através das sociedades germânicas, da manutenção do idioma e dos casamentos intraétnicos estimulados pelo *Deutschtum*³⁶. (WERLE, 2017, p. 3)

De acordo com Werle (2018), a campanha foi intensificada com o alinhamento brasileiro aos Aliados após o afundamento de navios brasileiros e a declaração de guerra entre Brasil e Alemanha em 1942. A campanha tinha como ideia principal dissolver a possibilidade de formação de quistos étnicos nas regiões marcadas pela imigração no país. Diversas escolas em municípios vizinhos foram fechadas, como lemos na nota publicada em setembro de 1940 no semanário sul rio-grandense, *O Taquaryense*, encontrada no texto de Werle:

“Pelo Dr. Secretario da Educação foi mandada fechar no município de Estrella uma escola particular, cujo professor não ensinava o vernáculo sob a fútil allegação de que os alumnos choravam, quando o professor pretendia ensinar-lhes o portuguez.” (SEMANÁRIO O TAQUARYENSE³⁷, 1940, apud WERLE, 2018, p. 215)

Esta nota de jornal permite refletir o quanto a língua é, também, um instrumento de acolhimento, tanto para as crianças que estão ingressando na escola como para as famílias que tentavam estabelecer relações sociais no local onde

³⁶ O conceito de *Deutschtum* expressa “uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã.” (WERLE, 2017, p.3)

³⁷ “O *Taquaryense*” é um jornal de cunho familiar, o segundo jornal mais antigo do Rio Grande do Sul que continua em circulação, fundado em 31 de julho de 1887. (WERLE, 2018)

moravam. De acordo com Werle (2018), a Campanha de Nacionalização reverberou sobre o cotidiano dos imigrantes alemães e seus descendentes, e aprender uma nova língua via imposição certamente foi uma tarefa tortuosa para aquelas crianças.

Muito além da escola, a ideia de homogeneizar a população através da nacionalização também adentrou os locais de cultos religiosos, entretenimento e o ambiente doméstico dos descendentes de imigrantes, reprimindo, assim, sua cultura, manifestada, majoritariamente, através da linguagem. Segundo Werle,

A Campanha de Nacionalização proibiu deliberadamente as manifestações culturais de caráter étnico nas regiões marcadas pela imigração, apesar das resistências e táticas constituídas para driblar situações conflituosas com os agentes do governo. Para os imigrantes alemães e seus descendentes, o momento que se seguiu ao fim da Campanha ficou por certo tempo relacionado ao medo e ao trauma do autoritarismo a que se davam as ações. (WERLE, 2018, p. 220)

A lembrança das proibições e perseguições às quais foram submetidos os falantes de Hunsrückisch e de outras línguas de herança no referido período reavivam episódios que envolvem vergonha e constrangimento, situações nas quais as pessoas falantes da língua de imigração passavam por constantes humilhações. Não utilizar mais o idioma Hunsrückisch pode ser, para os descendentes das pessoas perseguidas, uma forma de apagar ou “abafar” o passado de humilhações. A forma como foi imposta a busca pela identidade nacional homogênea é o que perturbou, e até onde é possível perceber, traumatizou os descendentes de imigrantes alemães. Segundo Werle (2018), a introdução de símbolos nacionais e do idioma português nas escolas não foi rejeitada pelo grupo de imigrantes alemães e seus descendentes. Porém, a forma abrupta como ocorreu não deu margem para uma adaptação que viria a acontecer de forma mais sutil, por meio do contato social desses sujeitos com outros grupos, buscando e elaborando a sua construção identitária no novo ambiente onde se encontravam inseridos.

A composição de famílias mistas, com pais falantes de línguas de herança diferentes, leva à interação entre os diferentes idiomas, quando assim a família escolhe fazê-lo (conscientemente ou não). Perceber o que motiva a transição entre uma língua e outra é parte deste estudo e foi um dos objetivos a serem alcançados com a realização das entrevistas com as famílias bilíngues na cidade de Feliz.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES DA PESQUISA

Nesta seção serão descritas e caracterizadas as famílias participantes do estudo, que responderam às entrevistas realizadas no âmbito de suas casas. As visitas às residências das famílias participantes foram previamente agendadas por telefone pela pesquisadora, e as famílias foram selecionadas obedecendo a alguns critérios, como: serem moradoras da cidade de Feliz há pelo menos 15 anos, serem falante de Português e Hunsrückisch e terem filhos entre 0 e 15 anos. Procurou-se incluir famílias de diferentes bairros do município de Feliz, contemplando, assim, os bairros Matiel, Picada Cará, Picão, Vila Rica, Bananal, Vale do Lobo, Roncador e o Centro. Ao final da coleta de dados, totalizaram-se 6 famílias moradoras de bairros urbanos e 4 famílias da área rural. Buscando preservar a identidade dos entrevistados, as famílias serão denominadas por números, de acordo com a ordem cronológica em que as entrevistas foram realizadas, (por exemplo: “família 1”), e os sujeitos participantes serão nomeados pela letra inicial do seu nome. A seguir encontra-se a tabela com a listagem das famílias participantes:

Família	Idade dos filhos	Bairro onde reside
1	9 anos	Vila Rica
2	12 anos	Roncador
3	2 anos	Matiel
4	4 anos	Picão
5	10 anos	Centro
6	1 ano e 5 meses	Picada Cará
7	2 anos	Vale do Lobo
8	2 anos e 5 meses	Bananal
9	6 e 2 anos	Picada Cará
10	10 anos	Matiel

A primeira família entrevistada, denominada, neste estudo, de “família 1”, é moradora do bairro Vila Rica e é composta por três integrantes que residem na

mesma casa: o pai, a mãe e a filha de 9 anos. Este bairro integra a área urbana do município, porém, os pais, quando crianças, residiam na área rural. A criança desta família passa meio turno na escola, atualmente no terceiro ano do Ensino Fundamental, e meio turno com a mãe, que trabalha em casa. Além de conviver com a comunidade escolar e a família primária, esta criança também convive com a avó, que também é falante de Hunsrückisch.

A segunda família entrevistada, denominada “família 2”, reside em um bairro rural chamado Roncador, e também é composta por três integrantes: pai, mãe e um filho de 12 anos. Ambos são fluentes em Hunsrückisch, e o referido menino aprendeu as duas línguas simultaneamente. Na casa ao lado, residem os avós, com quem o menino fica no turno oposto ao da escola. Esta família trabalha no ramo da agricultura, e desfrutam de muitos momentos juntos na sua rotina diária.

A terceira família, chamada aqui de “família 3”, é residente do bairro Matiel, composta por três pessoas: o pai, a mãe e um filho ainda bebê, com 2 anos e 1 mês. Nesta família, a mãe é falante de Português e Hunsrückisch, porém o pai apenas entende a variante, mas não tem a habilidade da fala. A criança desta família frequenta a creche em turno integral, mas convive regularmente com os avós maternos e paternos, que são falantes de Hunsrückisch. Com frequência, esta criança é exposta a músicas e diálogos em Hunsrückisch. É importante mencionar que a mãe desta família tem também a habilidade da fala e da escrita em alemão padrão, visto que fez um intercâmbio de um ano na Alemanha há alguns anos.

A quarta família que integra este estudo, denominada “família 4”, reside no bairro Picão, um bairro da área urbana do município de Feliz. É composta, também, por três pessoas: o pai, a mãe e uma filha de quatro anos. Ambos os pais são fluentes em Hunsrückisch, mas a filha é resistente para interagir na língua materna. Esta criança frequenta a escola em turno integral. A mãe, no momento, está gestante, e a menina convive bastante com os avós maternos e paternos, que também são falantes de Hunsrückisch.

A quinta família entrevistada, chamada aqui de “família 5”, reside no centro do município e é composta por quatro integrantes: o pai, a mãe e os meninos gêmeos de 10 anos de idade. A mãe trabalha meio turno como assistente em uma instituição educacional de atendimento a crianças com necessidades específicas, o que permite que os meninos permaneçam meio turno na escola e passem o outro turno

com a mãe. A mãe tem bem desenvolvida a habilidade da fala em Hunsrückisch, porém o pai tem dificuldade em elaborar frases espontâneas, o que faz com que a maioria das interações em família aconteçam em na língua portuguesa.

A sexta família entrevistada, denominada neste trabalho como “família 6”, é moradora do bairro Picada Cará, na área limítrofe entre a área urbana e a área rural do município de Feliz. É composta por três integrantes, a mãe, o pai e uma filha bebê de 1 ano e 5 meses. A criança desta família frequenta a creche em turno integral e ainda não desenvolveu a fala, mas, segundo os pais, compreende quando eles interagem com ela verbalmente e por gestos. Ambos os pais têm pouco desenvolvida a habilidade da fala em Hunsrückisch, mas, em compensação, os avós desta criança são fluentes na língua de herança. Os pais relataram que têm o desejo de que a filha aprenda Hunsrückisch através do contato com os avós.

A sétima família participante deste estudo, aqui denominada “família 7”, reside em um bairro rural denominado Vale do Lobo e é composta por três pessoas: o pai, a mãe, e um bebê de 2 anos. Essa criança permanece na creche até a mãe sair do seu trabalho, por volta das 15 horas. A partir desse horário, a criança fica sob os cuidados da mãe, em casa. Ambos os pais dessa família têm bem desenvolvida a habilidade da fala em Hunsrückisch e relataram interagir nas duas línguas com a criança, falando primeiro em Hunsrückisch e, logo na sequência, repetindo a mesma fala em português. O bebê desta família também tem contato diário com os avós e tios que moram ao lado deles.

A oitava família que integra este estudo, chamada aqui de “família 8”, mora em um bairro rural do município, chamado Bananal, uma das localidades mais distantes do centro. Esta família é composta por três pessoas, o pai, a mãe e uma criança de 2 anos e 5 meses, que permanece na creche em turno integral. Ao lado dessa família, residem os avós paternos, que, assim como os pais, são fluentes em Hunsrückisch. Assim, as interações dessa família acontecem majoritariamente na língua materna.

A nona família entrevistada para este estudo, denominada “família 9”, também reside no bairro Picada Cará e é composta por quatro pessoas: o pai, a mãe, um menino de 6 anos e outro de 2 anos. Até pouco tempo atrás, uma avó residia com eles na mesma casa, porém ela mudou-se recentemente. Ambos os pais têm bem

desenvolvida a habilidade da fala em Hunsrückisch e a mãe também conhece o alemão padrão. As crianças permanecem na escola em turno integral.

A décima e última família entrevistada, chamada de “família 10”, é moradora do bairro Matiel e conta com três pessoas: o pai, a mãe e o filho de 10 anos. A mãe e o pai interagem bem na língua materna, enquanto o filho compreende bem, mas não fala em Hunsrückisch. O menino frequenta a escola no turno da manhã e, à tarde, fica sob os cuidados da mãe, que trabalha meio período.

Todas as famílias entrevistadas têm alguma relação com o dialeto Hunsrückisch, embora nem sempre os pais tenham plenamente desenvolvida a habilidade da fala dessa variante.

5.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Nesta seção, serão analisadas as informações coletadas por meio das entrevistas realizadas com as dez famílias previamente selecionadas, relacionando-as com os aspectos teóricos e históricos já apresentados. As perguntas que compõem as entrevistas atentam para a transição que os falantes fazem de uma língua à outra, onde se mantém o uso do dialeto, os aspectos relacionados à memória e identidade dos falantes e a percepção do dialeto como parte da cultura e da identidade do povo de Feliz.

5.2.1 Transição de uma língua à outra

As questões número 4 e 7 das entrevistas realizadas com as famílias abordam, de forma específica, a temática da transição de uma língua para outra (Português/Hunsrückisch), e as respostas às referidas questões serão analisadas nesta seção.

Total de famílias entrevistadas: 10	
Perguntas	Número de famílias/ respostas
Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português	7 - não percebem 3 - percebem

para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?	
A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua?	3 - simultaneamente 4 - primeiro Hunsrückisch 3 - primeiro Português

Inicialmente é preciso observar que, apesar do multilinguismo presente no Brasil, existe a crença de que no país somente a Língua Portuguesa é a oficial, a aceitável e a que está em uso. Existem inúmeras outras línguas presentes no país, e em muitos casos, a língua materna da população brasileira não é a língua portuguesa; no caso desta pesquisa, é a uma variante da Língua Alemã, o dialeto Hunsrückisch. Como já mencionado anteriormente, na comunidade de Feliz/RS, grande parte das famílias são bilíngues, falantes de Português e Hunsrückisch. A preservação da língua de herança na comunidade bilíngue está diretamente ligada à identidade cultural dessas pessoas.

O processo de mudanças na interação no círculo familiar dos entrevistados trouxe à tona alguns mitos e curiosidades que cercam o aprendizado e o uso do dialeto Hunsrückisch e a Língua Portuguesa, como, por exemplo, de que aprender e falar português é significativamente “mais fácil” e “mais rápido” do que aprender e interagir em alemão. Algumas famílias chegaram a relatar que o aprendizado da Língua Portuguesa é “automático”, enquanto o aprendizado de Hunsrückisch exige dedicação de tempo e empenho por parte da família. Surpreendeu que as mudanças relativas à língua de interação aconteceram não só nas interações diretas com as crianças, mas, também, entre os adultos da família. Ao entrevistar as famílias, de modo geral, fez-se notória a influência da escola sobre o uso de Hunsrückisch nas suas interações cotidianas. A família 1, por exemplo, relatou não só uma refração no uso da Língua Alemã por parte da filha, mas admitiram que toda a família passou a intensificar o uso da Língua Portuguesa nas interações diárias, o que pode ser um aspecto importante a ser considerado.

Ao longo das entrevistas, quando questionadas se percebem quando fazem a troca de um idioma para outro nas suas interações cotidianas, 7 famílias responderam que não percebem, pois isso acontece de forma totalmente

automática. Uma família, que tem pouco desenvolvida a habilidade da fala, respondeu com base nas interações espontâneas dos avós, relatando que, provavelmente, eles também não percebem quando transitam entre os dois idiomas. Os integrantes de uma das famílias entrevistadas relataram que percebem que trocaram o idioma de interação logo após terem concluído a frase, e uma família afirmou que percebem quando escolhem um ou outro idioma para construir a frase que pretendem verbalizar, pois não interagem muito em Hunsrückisch e, quando o fazem, é intencional.

A pergunta de número 7 refere-se à aprendizagem das duas línguas, no caso, Português e Hunsrückisch. Perguntou-se para as famílias entrevistadas se a primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão, e como aconteceu a aprendizagem da segunda língua (simultaneamente ou posteriormente). Três famílias responderam que o aprendizado das duas línguas pela criança aconteceu simultaneamente. A família 1 esclareceu que foi assim porque os pais sempre interagiam com a criança desde bebê em Hunsrückisch, mas, ao mesmo tempo, a criança já estava exposta à programação de televisão e vídeos infantis do Youtube que aconteciam em português. Na família 7 e na família 8, as crianças ainda são muito pequenas, com menos de 3 anos. Elas relataram que o aprendizado das duas línguas está acontecendo simultaneamente, mas que priorizam ensinar Hunsrückisch para as crianças. As mães das referidas famílias explicaram que, primeiramente falam com a criança em Hunsrückisch e, logo na sequência, repetem a mesma fala em Português, para que elas possam fazer a associação dos sentidos atribuídos a cada palavra e aprender os dois idiomas ao mesmo tempo.

Das famílias participantes deste estudo, 4 relataram que as crianças aprenderam a falar primeiramente em Hunsrückisch, depois em Português. Dentre essas, estão a família 2, a família 4, a família 5 e a família 9. A família 2 tem um filho adolescente de 12 anos que fala fluentemente Hunsrückisch, e a mãe justificou a escolha em ensinar primeiro o dialeto porque “alemão é mais difícil que português, por isso tem que aprender logo em casa, desde bebê.” Na família 4, a criança estava aprendendo a falar primeiramente em Hunsrückisch e, quando ingressou na escola, passou a aprender Português. Porém, após algum tempo, passou a apresentar episódios de gagueira, e quando os pais consultaram um médico pediatra, foram

informados por ele de que o motivo poderia ser o bilinguismo por língua de herança, o que supostamente estaria “confundindo” a criança:

A primeira língua foi alemão a gente falou muito com ela desde pequeninha. mas aí ela teve ali uma fase que ela começou a gaguejar muito, e nós falamos com o pediatra isso e ele achou que podia ser por causa das duas línguas, que poderia estar atrapalhando, tipo confundindo ela, o alemão com o português e ela não sabia como usar a palavra correta. (D., mãe da família 4)

Percebemos por meio desta fala que os preconceitos acerca do bilinguismo por língua de herança estão presentes nos mais diferentes âmbitos, inclusive em meio aos profissionais da área da saúde.

Na família 5, que tem meninos gêmeos de 10 anos, os pais relataram que inicialmente procuravam falar só em alemão com as crianças, mas como eles começaram a frequentar a creche com apenas seis meses, logo estavam muito expostos à língua portuguesa. Isso fez com que a aprendizagem das duas línguas fosse concomitante, mas a mãe priorizava interagir em Hunsrückisch com os filhos no ambiente doméstico. Já a família 9 disse ter ensinado às crianças a interagir por meio da fala inicialmente apenas em Hunsrückisch, mas o filho mais velho, ao ingressar na escola com 3 anos de idade, passou a interagir majoritariamente em português também no ambiente doméstico. A família lamentou ter cedido a essa pressão externa pelo uso do português no lugar da língua materna:

Foi alemão, sempre falamos alemão com eles desde pequeninos. Ele falou até os 3 anos, aí começou a ir na escola. Hoje eu fico feliz que ele consegue pelo menos se defender em alemão. Que pena que a gente é que se adapta às crianças, e “concorda” em falar português quando eles começam a falar português. (J., mãe da família 9).

Esta mesma família também relatou um episódio envolvendo a opinião de um profissional da saúde, desta vez uma fonoaudióloga, sobre possíveis dificuldades de fala da criança e seu relacionamento com o bilinguismo por língua de herança:

O nosso [filho] maior foi identificado com uma dificuldade na fala pela fonoaudióloga, aí ela meio que atribuiu isso ao fato dele falar as duas línguas, isso fez a gente diminuir a interação com eles em alemão. (J., mãe da família 9)

Esse relato reforça o quanto uma crença ou afirmação infundada pode interferir na manutenção da língua de herança em meio a uma família.

Já as famílias 3, 6 e 10 afirmaram que as crianças do seu meio aprenderam primeiro a falar em Português e, depois, em Hunsrückisch. Na família 3, a mãe entrevistada relatou que estão ensinando as palavras primeiro em português e que, na sequência, ela repete as mesmas em Hunsrückisch. Segundo ela, a interação espontânea é em português porque o pai da criança não tem muita habilidade de fala na língua de herança. Porém, ela procura expor o filho a um variado leque de situações nas quais é utilizado Hunsrückisch, demonstrando a vontade de manter a língua em uso na sua família:

Mas desde bem bebê eu coloco músicas em alemão pra ele ouvir. Então a aprendizagem aconteceu também através de música, além de pequenas palavras no dia a dia, na hora de comer, de tomar banho, entre outras situações. (M., mãe da família 3)

Na família 10, os pais também já não têm o hábito de interagir frequentemente em Hunsrückisch, e a mãe relatou que a primeira língua aprendida pela criança foi português, pelas interações espontâneas entre o casal e o filho. É importante destacar que a criança desta família percorreu um caminho contrário em relação às demais participantes deste estudo, vindo a ter um contato mais intenso com a língua alemã³⁸ quando ingressou na escola, por meio da disciplina presente no currículo escolar. Segundo a mãe:

A primeira língua que ele aprendeu foi português. Depois, a gente falando com ele, ele aprendeu um pouco, mas aprendeu mesmo na escola, com a disciplina de alemão. Mas a gente percebe que o alemão ensinado na escola é diferente do falado em casa, às vezes ele vem com uns temas de alemão e eu não reconheço as palavras, aí olhando o que elas significam eu consigo achar um termo equivalente no alemão que falamos em casa, mas a palavra é diferente. (A., mãe da família 10).

A transição de um idioma para outro durante as interações diminuiu entre as famílias mencionadas, porque, aos poucos, a língua de herança está perdendo seu espaço de uso também no ambiente doméstico. Aparentemente, por praticidade, parte das famílias têm optado por interagir de imediato com as crianças em português, visto que em algumas situações o pai não tem a habilidade da fala em

³⁸ Língua considerada padrão.

Hunsrückisch. Outra parcela das famílias foi influenciada por crenças e opiniões de profissionais da saúde que as levaram a diminuir as interações na língua materna, o que, a longo prazo, afetou e influenciou negativamente a manutenção do Hunsrückisch nesses ambientes.

5.2.2 Contextos de uso do dialeto

Nesta seção, foram analisados os contextos e situações nas quais a língua de herança continua presente nas famílias da cidade de Feliz, com base nas respostas das famílias entrevistadas. As questões 1, 2, 3 e 11 do questionário de entrevista são as que mais se atêm a essa temática, como podemos ver na tabela a seguir:

Total de famílias entrevistadas: 10	
Perguntas	Número de famílias/ respostas
A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?	5 - sim, falam sempre 5- em situações específicas 1 - responde sempre em Hunsrückish 3 - respondem em Português 2 - às vezes em Português, às vezes em Hunsrückish 3 - ainda não falam
A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar?	5 - sim 3 - não 2 - às vezes
Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?	3 - não tem momento específico 2 - com os avós 3 - no momento das refeições 1 - na hora do chimarrão 1 - quase não interagem em Hunsrückish
Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?	2 - com os avós 3 - sempre 2 -nas refeições 1 - palavras soltas 1 - quase não fala em Hunsrückish

	1 - somente na escola (alemão padrão)
--	---------------------------------------

A pergunta 1 questionava se a família costuma falar alemão em casa e se a criança, quando abordada em alemão pela família, responde também em alemão. Cinco famílias responderam que sim, que falam Hunsrückisch em suas interações cotidianas. A outra metade das famílias respondeu que se vale da língua de herança em situações limitadas do seu dia a dia. As famílias 3, 4, 5, 6 e 9 relataram que as interações em alemão acontecem com mais frequência e intensidade quando se encontram na companhia dos avós ou de outras pessoas mais velhas da comunidade. A família 10 revelou que os pais procuram falar em Hunsrückisch quando se trata de um assunto que eles não gostariam de compartilhar com o filho de 9 anos.

Quanto ao fato de as crianças responderem em Hunsrückisch ou em português, apenas a família 2 afirmou que o filho de 12 anos sempre responde em alemão quando abordado na língua de herança. As famílias 4, 5 e 10 disseram que as suas crianças respondem em português quando são abordadas em Hunsrückisch, porque entendem bem o idioma mas têm pouco desenvolvida a habilidade da fala. As famílias 1 e 9 disseram que isso é variável, às vezes as suas crianças respondem em alemão, outras vezes optam por responder em português. Nas famílias 6, 7 e 8 as crianças ainda são muito pequenas, com menos de 2 anos e meio, e, devido a isso, tem limitado seu poder de resposta verbal. Em contrapartida, as mães dessas famílias afirmaram que as crianças compreendem bem as indagações feitas em Hunsrückisch e que já balbuciam algumas palavras. Segundo a mãe da família 8, o bebê do casal tenta pronunciar palavras em Hunsrückisch, indicando que esta será a primeira língua dele: “Algumas coisas ele tenta falar, como para água ele fala “va”, que a gente sabe que é pra ser “vása”³⁹, então percebemos que ele está tentando falar em alemão.” (G., mãe da família 8)

Já a mãe da família 7, que tem um bebê de 1 ano e 4 meses, afirmou que a criança tenta balbuciar palavras nos dois idiomas, ou seja, está aprendendo os dois simultaneamente:

³⁹ “Água” em Hunsrückisch.

Ele tem um ano e quatro meses, ele entende o que a gente fala e tem algumas palavras que ele já fala, papai e mamãe, vovô e vovó em português, e outras em alemão, como “uf” para “abrir”, “ap mahã” para “tirar”, aí ele mistura português e alemão. Então ele fala um pouco dos dois. (K., mãe da família 7)

Na pergunta 2 foi questionado se a família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar e por quê. Das entrevistadas, 5 famílias disseram que sim, que procuram interagir em Hunsrückisch mesmo fora do ambiente doméstico. A família 2 disse que a escolha por continuar falando em Hunsrückisch mesmo quando os integrantes não se encontram inseridos no ambiente doméstico está relacionada com o respeito que eles têm pelas pessoas mais idosas, visto que convivem com um grande número de pessoas mais velhas no seu bairro (avós, vizinhos, amigos e colegas de trabalho). A família 3 disse que escolhe continuar falando em Hunsrückisch fora de casa para não perder o hábito de interagir na língua materna, algo que era comum em meio aos seus antepassados. A família 7 afirmou que interage em Hunsrückisch mesmo fora do âmbito doméstico, visto que, para os integrantes desta família, essa é a língua de interação considerada “natural”. Na opinião destes entrevistados, português o filho irá aprender por meio do convívio com outras pessoas:

Sim, quando a gente sai, igual a gente fala em alemão com ele, mesmo com outras pessoas junto. A gente faz isso porque queremos que ele aprenda alemão, eu acho importante, português ele vai aprender de qualquer jeito, indo na escola, assistindo TV... (K., mãe da família 7)

Quando questionada sobre o uso do dialeto Hunsrückisch fora de casa, a família 8 também afirmou que interage na língua de herança em todas as situações. É importante destacar que a mãe desta família enfatizou que, quando o filho de 2 anos e 4 meses é abordado por pessoas estranhas em Hunsrückisch, ele tende a ser mais receptivo e simpático do que quando é abordado em português. A mãe, por conta própria, associou essa reação a uma possível identificação da língua materna com algo íntimo e seguro:

Quando as pessoas abordam ele falando em alemão, ele se abre todo para as pessoas, ele sorri e é bem receptivo. Mas se falam em português com ele, ele fica mais tímido. Eu acho que ele identifica a língua alemã como uma coisa “boa”, uma coisa familiar. (G., mãe da família 8).

A associação da língua materna com algo positivo e a demonstração de afinidade do bebê com as pessoas que o abordam em Hunsrückisch são sinais claros da relação da língua com a identidade dos falantes. A família 9 também afirmou que interagem em Hunsrückisch fora do ambiente doméstico, em parte porque convivem com outras pessoas, fora de casa, que também falam em alemão:

A gente usa a língua alemã fora de casa também, por causa das pessoas de mais idade com que convivemos, os padrinhos deles também falam alemão, aí a gente usa fora de casa também. (J., mãe da família 9)

As famílias 5 e 6 responderam dizendo que poucas vezes estimulam as crianças a usar a língua materna fora do contexto doméstico, apenas quando estão interagindo com os avós, que residem em outras casas. Já as famílias 1, 4 e 2 relataram que não estimulam as crianças a usar a língua materna fora de casa, porque nem os pais têm o hábito de falar em Hunsrückisch fora do ambiente doméstico, ou porque têm a habilidade da fala pouco desenvolvida.

Assim, quanto ao uso da língua de herança fora do lar, pode-se dizer que há um equilíbrio entre o número de famílias que costumam interagir em Hunsrückisch e as que não o fazem ou falam muito pouco fora das suas casas.

Na questão 3 as famílias foram indagadas sobre em quais situações mais falam alemão com as crianças. Três famílias disseram que não tem um momento específico, pois interagem em Hunsrückisch o tempo todo, de forma natural.

Duas famílias relataram que não têm um momento específico, mas que intensificam sua interação em Hunsrückisch quando estão na presença dos avós. Outras duas famílias disseram intensificar suas interações em Hunsrückisch no momento em que se reúnem para uma refeição, ou, no caso da família 3, que tem uma criança muito pequena, no momento de oferecer os alimentos para o bebê. A família 4 disse que não tem um momento específico, pois quase não interage em Hunsrückisch, visto que o pai da criança não tem a habilidade da fala, apenas compreende o dialeto. Já a família 9 disse que as interações em Hunsrückisch acontecem majoritariamente à noite, quando os integrantes encontram-se reunidos para tomar chimarrão.

É possível perceber pelas respostas das famílias que as interações em Hunsrückisch estão mais presentes nas situações cotidianas e íntimas das famílias,

como por exemplo, o momento das refeições. Isso reforça a ideia de intimidade já sugerida pela expressão “materna” de “língua materna”.

Na pergunta de número 11, as famílias foram indagadas sobre em quais situações do seu dia a dia as crianças desta família usam a língua alemã. A família 1 disse que a criança usa o dialeto somente em casa, porém, mais especificamente, quando está na presença dos avós. A família 2, na qual se encontra inserido o menino de 12 anos fluente em Hunsrückisch, relatou que se vale da língua de herança em todas as suas interações, exceto no momento de ajudar o filho com as tarefas de casa enviadas pela escola:

Sempre, em todas as situações. Tem momento que ele tem que falar português e nós também, no tema da escola, por exemplo. Aí eu ajudo ele em português, tem que fazer textos, responder perguntas, aí usamos português. (R., mãe da família 2)

A família 8 afirmou que, apesar de seu filho ser ainda muito pequeno e não falar, procura usar o Hunsrückisch em todas as situações de interação com a criança. A família 7 afirmou valer-se do Hunsrückisch em todas as interações, e que provavelmente isso vá se estender ao seu filho que ainda está aprendendo a falar.

As famílias 3 e 9 também relataram que não tem um momento em específico para interagir em Hunsrückisch, mas que a criança usa a língua de herança com mais frequência durante as refeições. A família 4 disse que a criança usa pouco o dialeto Hunsrückisch, visto que prefere falar em português e assim interage na maioria das vezes. A família 5 disse que as crianças só falam palavras soltas em Hunsrückisch, e que isso acontece principalmente no momento das refeições. A família 8 enfatizou que a criança ainda não fala, mas que provavelmente só irá interagir com os avós, visto que o pai não tem desenvolvida a habilidade da fala. A família 9 também disse que não há uma situação específica, pois as crianças desta família oscilam muito nas interações entre português e Hunsrückisch. Somente a família 10 respondeu que a criança faz uso de alemão apenas na escola, especificamente na disciplina de língua alemã, presente no currículo escolar da rede municipal de ensino de Feliz.

Pelas respostas das famílias, fica evidente que a língua de herança está mais presente nas interações no âmbito familiar, como nas refeições, no momento de ensinar algo novo relacionado à rotina dos filhos (no caso da alimentação dos

bebês), na hora de compartilhar o chimarrão ao final do dia e nas interações com os avós.

As famílias que interagem em Hunsrückisch para além do limite de suas casas o fazem em respeito às pessoas mais velhas com quem convivem, visto que essas preferem interagir em Hunsrückisch, e, também, para não perderem o hábito de conversar na língua de herança. Porém, comparando algumas respostas, tem-se a impressão de que essas interações em Hunsrückisch fora do ambiente doméstico acontecem apenas entre os membros da família em questão, e, quando estes se dirigem às outras pessoas ao seu redor, o fazem em português.

Por meio das respostas das famílias, é possível perceber que as crianças, em relação aos adultos, estão utilizando o dialeto Hunsrückisch em situações mais específicas e menos frequentes do que a geração que as antecede. Uma evidência disso é o fato de que apenas uma família afirmou que o filho costuma sempre responder em alemão quando abordado na língua de herança, e três afirmaram que as crianças respondem em português porque tem pouco desenvolvida a habilidade da fala em Hunsrückisch. As outras famílias participantes têm filhos ainda bebês, que não respondem verbalmente.

Algumas crianças participantes deste estudo limitam o uso do Hunsrückisch à pronúncia de palavras soltas, em momentos específicos, sinalizando que o seu vocabulário e o poder de interação na língua de herança são bastante limitados em relação à geração anterior, e que os contextos de uso e situações nas quais o dialeto Hunsrückisch está presente estão cada vez mais limitados.

5.2.3 Onde se mantém o dialeto: memória e identidade nas interações na língua de herança.

Nesta sessão, serão analisadas as questões pertinentes à memória e identidade relacionadas às interações na língua de herança, com base nas respostas das famílias participantes deste estudo. As questões 5, 10, 12, 13, 15, 16 tratam mais especificamente deste assunto, como é possível observar na tabela a seguir:

Total de famílias entrevistadas: 10

Perguntas	Número de famílias/ respostas
No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?	4 - com a mãe 2 - com avós 4 - turno integral na escola
Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?	Todos têm contato com os avós. Além disso: 6 - tios e primos 2 - amigos e vizinhos
Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?	10 - sim
Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?	10 - sim 3 - hinos religiosos 1 - grupo de danças folclóricas alemãs 1 - comércio 2 - interações entre pessoas mais idosas 3 - apenas no âmbito doméstico
Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?	10 - diminuindo o número de falantes
Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?	6 - não percebem incentivo 2 - em parte 2 - percebem incentivo 2 - percebem pela inclusão do alemão padrão no currículo escolar

Na questão número 5, as famílias foram indagadas sobre com quem as crianças da família ficam no turno oposto à escola.

Das famílias entrevistadas, 4 responderam que a criança permanece sob os cuidados da mãe no turno oposto ao da escola. Destas 4, duas mães alegaram interagir majoritariamente em Hunsrückisch com as crianças ao longo desse

período. A mãe da família 1 relatou que se recorda de muitas brincadeiras e momentos significativos com a filha em que havia a presença da língua materna, situações nas quais ela aprendeu a falar e pronunciou suas primeiras palavras, por exemplo.

A família 2 alegou que a criança permanece na companhia dos pais e avós no turno oposto ao da escola, inclusive participando das atividades relacionadas ao cultivo de morango na sua propriedade. A família 3 afirmou que, ao buscar o filho na creche, deixa-o sob os cuidados da avó na parte da tarde; essa avó também interage com a criança em Hunsrückisch. As demais famílias entrevistadas (família 4, 6, 8 e 9) relataram que as crianças permanecem na escola em turno integral.

Na questão de número 10, perguntou-se aos entrevistados com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária. Unanimamente, as famílias responderam que as crianças têm contato com os avós e interagem com a comunidade escolar, visto que todas estão frequentando escola ou creche. Seis famílias relataram que suas crianças convivem também com tios e primos, porém estes, nem sempre falantes de Hunsrückisch. A família 7 afirmou que, mesmo na companhia de primos que não falam Hunsrückisch, continua interagindo com o seu filho na língua de herança:

Ele interage com os avós, que moram perto, os dindos (tios) e primos. A minha sobrinha de três anos, só fala em português, ela brinca com o meu filho, aí pra ela as vezes eu tenho que traduzir, porque eu continuo falando alemão com o meu filho, aí eu explico pra ela. (K., mãe da família 7)

A família 9 e a família 10 afirmaram que as crianças convivem também com os seus amigos, mas que nessas interações não se valem do dialeto Hunsrückisch:

Em casa a gente tenta se policiar pra usar a língua alemã, mas com os amigos dele, eu acho que ele não usa nunca. (A., mãe da família 10)

As famílias 1 e 10 relataram que, além das pessoas já mencionadas, os filhos convivem também com os vizinhos do condomínio e da rua onde residem, e com colegas de cursos particulares que frequentam (aulas de ballet, escolinha de futebol, curso de inglês). As famílias afirmaram que, nesses momentos, interagem exclusivamente em português.

Na pergunta de número 12, as famílias foram questionadas se acreditam que manter viva a língua alemã ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz. As famílias foram unânimes ao responder que sim, e que consideram isso algo muito importante. A família 1 justificou sua resposta dizendo que o dialeto Hunsrückisch está diretamente relacionado com as origens do povo felizense: “Com certeza, porque tem tudo a ver com as nossas origens, deveria ser preservado.” A família 2 discorreu sobre as memórias construídas em família, por meio da língua de herança: “Sim, todas as lembranças da família são passadas em alemão. O avô explica a bíblia em alemão, isso é muito importante e a gente sempre se lembra disso que ele explica.” (R., mãe da família 2)

A família 3, ao dizer que a língua ajuda na preservação da memória e da identidade do povo felizense, também acrescentou que deveria ser mais incentivado o uso do dialeto Hunsrückisch no contexto do município:

Sim, isso é uma característica daqui, assim como o Festival do Chopp. Mas a língua deveria vir na frente e ser incentivada, porque iniciou com os imigrantes que falavam alemão né. (M., mãe da família 3)

Esta família dá a entender que a língua é menos prestigiada em relação a outras manifestações relacionadas à cultura germânica que são enfatizados no município de Feliz, como por exemplo, as festas e a produção cervejeira.

As famílias 4 e 6 não souberam justificar sua resposta, apenas disseram que acreditam que a manutenção da língua ajuda sim a preservar a memória e a identidade do povo de Feliz.

A família 5 enfatizou que o dialeto Hunsrückisch representa o povo felizense e está diretamente relacionado com a imagem construída sobre as pessoas do município: “Eu acho que sim, porque nós somos a cultura alemã, quando as pessoas pensam na Feliz imaginam o que? As pessoas de origem alemã!” (V., mãe da família 5) Já a família 7 justificou a importância da manutenção da língua pelo fato de ser uma herança dos antepassados:

Sim. É bem importante isso aí. Se a gente não continuar ensinando os filhos a falar, alemão, daqui uns anos ninguém mais vai falar, porque isso é uma coisa que herdamos dos nossos avós. As pessoas mais velhas vão morrendo e a língua vai morrer junto. Não vai mais ter cultura alemã aqui, vão dizer que a Feliz tem origens alemãs mas ninguém mais vai falar alemão. (K., mãe da família 7)

Percebe-se que as famílias relacionam preservação da língua com “riqueza” a ser preservada. A família 8 mencionou a língua de herança como parte da cultura; nesse momento, a pesquisadora reformulou a pergunta, questionando se a família percebe, então, a língua como parte integrante da cultura, e eles responderam que sim.

A família 9 fez uma interessante associação entre a língua de herança e a relação de intimidade com os parentes mais próximos (com quem interagem em Hunsrückisch) bem como com a sua identidade:

Sim, muito, que nem eu falar português com a minha mãe é estranho, eu só falo alemão com ela. Se eu falo português, parece que estou falando com uma pessoa estranha. Nós temos esse vínculo com a língua alemã, isso tem a ver com a nossa identidade. (j., mãe da família 9)

É possível perceber que, em meio aos entrevistados, há uma relação de intimidade com a língua de herança, e a escolha por um idioma ou outro depende também de quem é o seu interlocutor no momento da interação.

A família 10, por sua vez, atribuiu a importância da manutenção da língua aos fatos históricos envolvidos: “Com certeza, ajuda muito. Faz parte da nossa história.”

A questão 13 tinha o intuito de descobrir se as famílias entrevistadas consideram a língua alemã parte importante da história de Feliz, por que e em quais situações sociais da comunidade ela está presente. Todas as famílias responderam afirmativamente, concordando que o dialeto Hunsrückisch é parte importante da história de Feliz e que o local onde mais acontecem interações em Hunsrückisch é no âmbito doméstico. A família 1 complementou sua resposta dizendo que é uma parte muito significativa da história de Feliz, que corre o risco de ser esquecida se as novas gerações não falarem mais Hunsrückisch, e complementou com um relato de experiência pessoal:

Se as pessoas não falarem mais alemão, essa parte da nossa história vai ser esquecida; Feliz é uma região de alemães, e é bem importante. Está presente nas famílias, entre amigos que falam, por exemplo, nos bares. Que nem eu (pai), vou no bar do João e só falo alemão com ele, eu sei que ele entende. Mas a gente já teve problema com isso, porque ali no morro das batatas as vezes eu ia no bar, e também falava alemão com o pessoal lá, mas aí uma família veio morar lá e o homem era um moreno. Ele vinha também no bar e um dia ele disse que nós não devíamos falar alemão, porque aqui é Brasil e tinha que falar português. Mas nós na nossa mesa

tinha o nosso assunto e não era sobre ele que a gente estava falando, mas ele se incomodou com isso. Nesse bar tem pessoas mais velhas, que nem o meu pai, pessoas que só entendem alemão, elas nem falam português. Aí explicamos pro cara que ali o ambiente é esse, as pessoas falam alemão. (A., pai da família 1)

As famílias 2, 8 e 10 percebem a presença do dialeto Hunsrückisch nos cantos da igreja, ao longo das celebrações religiosas, e também nos encontros de amigos próximos, onde ambos falam a língua de herança.

É um fator importante para a história da Feliz, por causa da história da imigração aqui né. Na igreja está presente, tem os cantos em alemão. Quando as pessoas se reúnem em festas e eventos nas sociedades, principalmente no interior, o pessoal escolhe falar alemão, quando encontram amigos, pessoas próximas que também falam, nessas situações a língua continua presente. (G., mãe da família 8)

A família 3 afirmou que, além de estar presente no âmbito familiar, o dialeto Hunsrückisch está presente em meio aos integrantes do grupo de danças alemãs de Feliz, pessoas com quem essa família tem contato.

A família 5 relatou que percebe a presença da língua de herança em ambientes como o mercado, em conversas entre pessoas mais idosas, na escola de educação especial onde a mãe desta família trabalha e, também, na escola regular, referindo-se aqui à disciplina de alemão presente no currículo.

A família 6 disse que percebe a presença do dialeto Hunsrückisch apenas em meios nos quais interagem as pessoas de mais idade. Já a família 7 pontuou as interações no âmbito doméstico, assim como a família 9.

A partir das respostas das famílias, pode-se constatar que elas valorizam a língua de herança como um artefato histórico e cultural, e atribuem à língua de herança importantes questões relacionadas às memórias e à identidade dos falantes. Também é possível dizer que atribuem um maior número de interações na língua de herança aos ambientes onde encontram-se pessoas mais idosas, novamente fazendo relações com a preservação da memória e da identidade do povo a partir da perpetuação das brincadeiras e ensinamentos em Hunsrückisch.

Percebe-se, a partir das respostas, que as crianças que permanecem com os avós ou com os pais que têm o hábito de interagir em Hunsrückisch têm mais facilidade de continuar interagindo espontaneamente na língua de herança. Isso acontece possivelmente porque essas crianças constroem memórias afetivas

significativas envolvendo o dialeto, além de terem a oportunidade de praticar o idioma diariamente por um período de tempo maior do que as crianças que permanecem em turno integral na escola.

Todas as famílias disseram considerar verdadeira a relação entre a língua de herança, a memória e a identidade do povo felizense. Entre os argumentos apresentados pelos entrevistados, há a alegação de que o Hunsrückisch está diretamente relacionado com a origem do município de Feliz, por causa dos imigrantes que deram origem à primeira vila, e que a imagem construída acerca do povo felizense tem como base a cultura e a língua alemã. Ao mencionarem lembranças de brincadeiras em família e ensinamentos bíblicos repassados em Hunsrückisch, as famílias também evidenciaram a importância da língua de herança na construção da identidade e memória da população.

Na questão 15 das entrevistas, perguntou-se se aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade de Feliz ou se mudaram as situações em que a língua é utilizada. Todas as famílias afirmaram que, na percepção delas, o número de falantes está diminuindo. As famílias 4, 6, 8 e 10 complementaram sua resposta dizendo que lhes parece que só as pessoas mais idosas continuam a manter viva a língua de herança.

Comparando com os últimos anos, acho que está diminuindo. Falantes mesmo, só as pessoas de mais idade. A minha faixa etária⁴⁰ já são só algumas pessoas que falam, e os nossos filhos, já se percebe que não usam mais a língua no dia a dia. (A., mãe da família 10)

A família 1 observou que o que contribui para a redução do número de falantes de Hunsrückisch no município é a rotina escolar das crianças desde tenra idade:

Tem isso também de ir pra creche, quem vai de bebê pra creche eu acho que os pais não conseguem, só falando de noite com a criança, manter a língua alemã. Aí se perde. Por isso seria positivo ter profes que falam alemão com os bebês. (A., pai da família 1)

As famílias 3 e 9 fizeram as seguintes observações, relacionadas à valorização da língua de herança:

⁴⁰ 35 anos de idade.

Eu acho que diminuiu bastante. Até porque as famílias mudaram, estão vindo famílias de outros lugares, ou os filhos não se interessaram em aprender, muitos se interessaram só pelo inglês porque pensaram “que que eu quero com alemão?” não enxergaram isso como algo útil, aí deixaram. Não viram isso como um patrimônio. (M., mãe da família 3)

As pessoas têm vergonha de falar, porque o alemão sempre foi taxado como língua menos culta, de pessoas grosseiras. As pessoas só se dão conta que isso é um algo a mais quando já são adultas, aí não conseguem falar mais. (C., pai da família 9)

As referidas famílias apontaram um aspecto interessante relacionado ao diferente nível de prestígio atribuído ao bilinguismo por línguas de herança e ao bilinguismo pela aquisição de uma língua estrangeira, como no caso citado, a língua inglesa. Segundo as famílias entrevistadas, tratando-se de uma língua de herança, não há a percepção de que se trata de um patrimônio cultural ou até mesmo um diferencial no currículo do falante.

Como mencionado ao longo deste estudo, o bilinguismo por língua de herança é permeado por estereótipos: o dialeto de herança é visto como algo usado por pessoas menos cultas. Também algumas crenças podem dificultar a preservação da língua.

A família 5 ressaltou que as mudanças nas relações de trabalho também contribuíram para a diminuição do número de falantes de Hunsrückisch no município de Feliz, assim como a não identificação das pessoas que vêm de outras cidades com o dialeto Hunsrückisch, fazendo com que menos pessoas falem:

Diminui eu acho, ainda mais com o pessoal que está vindo de fora. Mas pode ser que mudou também as situações onde a língua é utilizada, que nem o pessoal do interior vem pra trabalhar nas firmas, no centro e nas grandes cidades, aí acabam falando em poucos momentos. O pessoal que vem de fora, eles não vão falar, eles não sabem e não vão querer falar, porque eles não tem nada a ver com isso. (V., mãe da família 5)

As famílias 2 e 7 não souberam explicar por que acreditam que o número de falantes de Hunsrückisch está diminuindo, apenas afirmaram que o percebem nos diferentes meios sociais dos quais participam.

O fato de haver redução no número de falantes de Hunsrückisch influencia na preservação da memória dos sujeitos de Feliz; as gerações futuras terão menos (ou nenhuma) experiência envolvendo a língua de herança. Da mesma forma, a identidade do povo de Feliz também passará por mudanças com a diminuição ou

erradicação de falantes de Hunsrückisch, visto que o conhecimento e a habilidade de se comunicar na língua de herança não serão mais características das pessoas desse local.

Na pergunta 16 as famílias foram questionadas se percebem que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz ou não, e como/onde percebem isso. Das 10 famílias participantes deste estudo, seis relataram que não percebem um incentivo em relação à manutenção da língua, duas afirmaram que sim, percebem que a manutenção da língua de herança é incentivada, e duas disseram que percebem um pouco de incentivo. As famílias 4 e 8 são as que disseram que percebem um singelo incentivo para a manutenção do dialeto Hunsrückisch na comunidade. Afirmaram que ter a disciplina de língua alemã na creche e na escola é uma forma de incentivo, porém ainda bem menos significativo do que o destaque atribuído a outros aspectos, como as danças e a produção cervejeira.

Em partes né, na escola é incentivada, com essa aula de alemão. Mas fora da escola, até tem as aulas de alemão pelo município, né, eu acho. Isso seria um jeito de incentivar, ter aula para toda a população que se interessasse. (D., mãe da família 4)

Eu acho que a manutenção é um pouco incentivada, mas não muito. Não acontece nada assim pra dizer, olha só, como está sendo preservada a língua alemã, não tem nada assim pra ser mostrado. Como por exemplo, olha o Festival do Chopp de Feliz, quanta divulgação é feita sobre isso, o município aparece por cusa disso, mas o mesmo não acontece em relação à língua, ela não ganha toda essa atenção. (G., mãe da família 8)

As famílias 6 e 10 afirmaram perceber um incentivo para a manutenção da língua de herança no município; consideram muito eficiente a inclusão da disciplina de língua alemã no currículo escolar e, também, a oferta do curso para a população interessada⁴¹: “Eu acho que é incentivada sim, através do curso ofertado à população, as aulas na escola, isso eu acho que é uma forma de incentivar a manutenção da língua no nosso município.” (A., mãe da família 10)

Já as famílias 1, 2, 3, 5, 7 e 9 disseram que não percebem nenhum incentivo relacionado à manutenção do dialeto Hunsrückisch no município. As famílias 1 e 7 responderam que ter a disciplina de língua alemã no currículo escolar não é uma medida eficiente, se isolada, e que os pais deveriam continuar incentivando os filhos

⁴¹ Na realização da última entrevista descobriu-se que existe um curso de alemão ofertado para a população interessada, mas que foi pouco divulgado.

a interagirem em Hunsrückisch no ambiente doméstico. As famílias 2 e 9 disseram que a língua não é incentivada, se comparada às danças alemãs e ao festival do chopp: “Não tem tanto incentivo como outras coisas, tipo as festas de cerveja. A gente vê as crianças desfilando com a roupinha de alemão mas não sabe falar nenhuma palavra!” (R., mãe da família 2)

Ao analisar as respostas das famílias entrevistadas, é possível concluir que elas não percebem medidas eficazes de manutenção da língua no município, bem como não consideram a inclusão da disciplina de Língua Alemã no currículo escolar uma medida eficaz neste sentido. Elas afirmam que o dialeto Hunsrückisch não recebe a devida atenção e importância no contexto do município, se comparado às festas alusivas à cultura germânica e à produção de cervejas artesanais. Considerando essas percepções das famílias, pode-se dizer que aspectos importantes relacionados à memória e identidade do povo de Feliz estão sendo subestimados enquanto a língua de herança não está no enfoque das políticas, promoções e eventos do município.

5.2.4 Dialeto como parte da cultura e identidade

Nesta seção, serão analisadas as questões que exploram as percepções das famílias sobre o dialeto Hunsrückisch como parte da cultura e da identidade do povo felizense. Essa temática é abordada nas questões 6, 8, 9 e 14, de acordo com a tabela a seguir:

Total de famílias entrevistadas: 10	
Perguntas	Número de famílias/ respostas
Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?	3 - sim 3 - não 4 - em parte
Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?	7 - orgulho em “ser alemão” 1 - vínculo com avós 1 - não cair no esquecimento 1 - acreditam ser mais difícil que outro idioma

Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?	10 - sim
Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?	2 - professoras na educação infantil que falem Hunsrückish 3 - manter o alemão padrão na escola 3 - interagir no ambiente doméstico 1 - ampliar o curso de alemão ofertado à população 1 - promover eventos

Na pergunta 6, perguntou-se se, levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, a família diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais. Das 10 famílias entrevistadas, 3 disseram que o uso do dialeto Hunsrückisch não é estimulado, 3 afirmaram que sim, considerando a disciplina de língua alemã na escola um incentivo.

A família 2 realizou uma observação sobre a liberdade de falar Hunsrückisch hoje nos diferentes meios, em comparação com a sua época de infância, quando eram proibidos a interagir por meio da língua de herança:

Acho que é estimulado. No meu tempo a gente foi proibido de falar na escola, nós tinha que ajoelhar em cima de milho porque não podia falar em alemão e a gente não sabia falar quase nada em português. Isso foi em 1988, no sexto ano. Eles proibiram porque diziam que a gente tinha que aprender brasileiro. Mas hoje eu acho que é estimulado. (R., mãe da família 2)

As famílias 3, 5, 9 e 10 disseram perceber um certo incentivo neste sentido, mas enfatizaram que é preciso considerar também o contexto onde a família está inserida:

Depende. Varia também de onde a família está inserida, como a nossa, está rodeado por pessoas com mais de 30 anos, nossos filhos são estimulados a usar a língua alemã. Agora se nós estivéssemos no meio de pessoas mais novas, que só falassem português, talvez também não seriam estimulados. (J., mãe da família 9)

Considerando as respostas anteriores, relacionando a língua de herança com a preservação da memória do povo de Feliz e enaltecendo sua importância histórica, entende-se que as famílias percebem o dialeto Hunsrückisch como parte integrante

da cultura e da identidade do povo felizense. Em contrapartida, afirmam que nem sempre as interações na língua de herança são incentivadas desde a infância, variando de acordo com o contexto onde os falantes estão inseridos.

Na pergunta 8, indagou-se às famílias por que escolheram continuar falando em alemão, inclusive com as crianças. Sete famílias associaram o hábito de continuar falando em Hunsrückisch à cultura e ao orgulho de ser de origem alemã. Uma família disse que tem o desejo de que seu filho aprenda o idioma para manter o vínculo com a bisavó, que só interage em Hunsrückisch. A família 10 afirmou que continuam falando para que a língua não caia no esquecimento, associando-a a uma tradição importante na comunidade. A família 3 respondeu que consideram a língua alemã mais difícil do que inglês, por exemplo, e que, por isso, escolheram continuar falando na língua de herança com o filho.

É possível perceber, por meio das respostas, uma forte identificação dos entrevistados com a ideia de “ser alemão”, e a valorização desse aspecto como algo profundamente positivo, enfatizando que os entrevistados relacionam a sua identidade com a língua e a cultura germânica.

Na questão 9, indagou-se às famílias se elas julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz. Todas as famílias entrevistadas responderam que sim, associando novamente a preservação da língua de herança a palavras como “cultura” e “tradição”.

Na pergunta de número 14, as famílias foram indagadas sobre como poderia ser feita a preservação da língua de herança no contexto do município de Feliz. Duas famílias disseram que, se as professoras na creche ou na escola soubessem falar em Hunsrückisch, poderiam interagir com as crianças na língua de herança, o que seria uma boa medida para auxiliar na preservação da língua. Três famílias disseram que manter a disciplina de língua alemã na escola também é uma medida eficiente. Outras três famílias disseram que os pais incentivarem os filhos a interagir em Hunsrückisch em casa é a medida mais eficaz para a preservação da língua. Também foram mencionadas como medidas positivas para a preservação do dialeto Hunsrückisch as seguintes ações: ampliar as vagas do curso de alemão ofertado à população, incluir a disciplina de alemão também nas escolas estaduais, promover saraus com apresentações das crianças, que têm a disciplina de alemão na escola,

abertos à comunidade, e promover encontros de falantes de Hunsrückisch para discutir assuntos diversos, de modo que a língua fosse colocada em uso.

Ao analisar as respostas e sugestões das famílias visando promover a manutenção do dialeto Hunsrückisch na comunidade de Feliz, percebe-se a importância atribuída à língua de herança enquanto um aspecto cultural e identitário. Embora nem sempre o uso da língua de herança seja estimulado desde a infância, os falantes entrevistados percebem que o dialeto é um artefato cultural que integra a cultura e compõe a identidade do povo de Feliz.

6 CONCLUSÃO

Como já exposto anteriormente, este estudo teve origem em motivações pessoais a partir da relação da pesquisadora com o dialeto Hunsrückisch, visto que esta língua de herança sempre esteve muito presente em suas vivências e interações cotidianas. Em parte, o que motivou este estudo foi o desejo da pesquisadora de que a variante Hunsrückisch seja preservada e tenha seu uso estimulado no município de Feliz, evitando, assim, que venha a se extinguir na sua comunidade de origem. Assim como para Santaella (2003) o termo cultura, em todos os seus sentidos, é uma metáfora vinda da palavra latina *cultura*, que significa “o ato de cultivar o solo” também a língua, parte integrante da cultura, precisa ser cultivada para que possa continuar existindo. Como Altenhofen também mencionou, ela precisa ser plantada e replantada para continuar viva. Por não se tratar de algo biológico, mas de uma criação humana, precisa haver um movimento para que permaneça na sociedade. Por meio dos dados coletados nas entrevistas com as famílias falantes de Hunsrückisch, constatou-se que a língua de herança vem perdendo espaço nas interações cotidianas e nos meios sociais.

Nas entrevistas com as famílias participantes deste estudo, quem respondeu às perguntas da entrevistadora foram pais de crianças, que se encontram em uma faixa etária entre 25 e 50 anos. Dentre estes, a maioria disse não perceber quando fazem a transição de um idioma para outro, visto que, na grande maioria das famílias, as interações em Hunsrückisch acontecem de forma natural e fluente. Porém, tratando-se da geração seguinte, os filhos dos entrevistados, estes já não têm a mesma espontaneidade e familiaridade com o dialeto. Apenas uma criança, de uma família entrevistada, interage espontaneamente em Hunsrückisch com as pessoas com as quais convive. Curiosamente, essa família reside na área rural do município, e a criança passa um longo período do dia com os avós, que só falam em Hunsrückisch. Ao longo das entrevistas, percebeu-se que as crianças que residem no interior do município tendem a interagir mais em Hunsrückisch do que as que moram na área central. Conforme informações encontradas nos estudos de Neto e Bezzi (2008), com a ascensão do conceito de Geografia Cultural, passou-se a considerar como objeto de estudo não mais os indivíduos isolados ou suas características pessoais, mas as comunidades de pessoas que estão ocupando um

determinado espaço. Assim, pode-se concluir que, o local onde os falantes de Hunsrückish estão inseridos também tem influência sobre a cultura desse grupo de pessoas, bem como, está diretamente relacionado com a manutenção da língua, que só faz sentido dependendo do espaço onde as pessoas se encontram.

Constatou-se, por meio das entrevistas, inclusive entre as famílias moradoras da área rural, que as crianças tendem a diminuir as interações em Hunsrückish quando passam a frequentar a escola, e, da mesma forma, os pais tendem (na sua maioria) a espaçar mais as interações na língua de herança no ambiente doméstico, cedendo a uma pressão externa para usar mais a língua portuguesa em suas interações cotidianas. Algumas famílias justificaram a diminuição das interações em Hunsrückisch pelo ingresso das crianças no ambiente escolar. Porém, não só pelo fato de então se encontrarem mais frequentemente expostas à língua portuguesa, mas também por alguns mitos que permeiam o bilinguismo.

Profissionais da saúde (um pediatra e uma fonoaudióloga) asseguraram para duas famílias que dificuldades na pronúncia de alguns fonemas e episódios de gagueira estavam diretamente relacionados ao fato de as crianças serem falantes de uma língua de herança. Contraditoriamente, ao final das entrevistas, constatou-se que as crianças que se mantiveram mais fluentes na língua de herança são aquelas que aprenderam os dois idiomas simultaneamente, desde tenra idade. As crianças cujas famílias restringem as interações em Hunsrückisch a determinados momentos, muito específicos, não têm a habilidade da fala tão bem desenvolvida, tratando-se da língua de herança. Uma das famílias relatou que, espontaneamente, diminuíram as interações em Hunsrückisch quando a filha ingressou na escola, por medo de a criança se confundir no momento de fazer registros escritos, fazendo troca de letras, como, por exemplo, o “p” pelo “b”. Porém, ao longo da pesquisa de revisão teórica para este estudo, não foram encontradas evidências de que pessoas bilíngues por língua de herança encontrem dificuldades no momento da alfabetização. Isso permite a conclusão de que o bilinguismo por língua de herança também é permeado por diversos mitos, hipóteses sem comprovação e até mesmo sendo alvo de preconceitos linguísticos.

Além das crenças e estereótipos, os preconceitos e os diferentes níveis de prestígio circundam as famílias bilíngues. Parte dos pais entrevistados com até 40 anos relatou que, quando mais jovens, vislumbravam a língua de herança

permeados por estereótipos, como sendo uma língua inferior, referindo-se a ela como uma “língua de colono”, e que, em algum momento, já sentiram vergonha de falar Hunsrückish. As línguas de herança eram anteriormente chamadas de línguas minoritárias, termo associado ao prestígio que essas línguas tinham em meio a comunidade, de acordo com Fritzen a Maas (2012). Nas famílias entrevistadas, também percebemos diferentes níveis de prestígio atribuídos à língua de herança e às línguas estrangeiras. Isso ficou mais evidente na família na qual o filho frequenta a aula particular de inglês mas os pais não interagem com ele em Hunsrückish.

Os mesmos pais relataram ter sentido vergonha de falar Hunsrückish disseram que, atualmente, percebem a língua de herança como um adicional e um artefato cultural, mas em função do desuso, muitos acabaram perdendo a fluência no idioma. A tardia percepção da língua materna como uma verdadeira herança cultural, uma riqueza a ser preservada, contribuiu para que ela fosse perdendo espaço entre os falantes dessa geração. Daí a justificada importância de abordar, também na escola, as línguas de herança como um verdadeiro patrimônio cultural a ser preservado, enfatizando e valorizando as variações linguísticas desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Além dos preconceitos e estereótipos, o que notoriamente influencia a manutenção ou não da língua de herança é a rotina da família em questão e a rede de apoio da qual dispõem. Crianças que têm a possibilidade de permanecer meio turno com a família, sob os cuidados dos avós, por exemplo, tendem a continuar usando a língua de herança no seu dia a dia. Segundo a análise dos dados coletados, crianças que permanecem um longo período do dia com “pessoas estranhas” passam a interagir mais em português, visto que essa é a língua de interação destas pessoas externas à família. Entre as crianças das famílias entrevistadas, a metade permanece em turno integral na escola. As famílias com crianças bem pequenas, que ainda estão aprendendo a falar, relataram que buscam ensinar o dialeto para os seus filhos, falando primeiro em Hunsrückish, depois em português, e que repetem os enunciados quantas vezes for necessário, até que a crianças compreendam a equivalência entre as palavras e as memorizem. Essa informação sinaliza que ensinar uma criança a falar em dois idiomas, simultaneamente, demanda muito tempo e paciência por parte das famílias, o que nem sempre é viável, considerando as rotinas permeadas por muitas tarefas. Dessa

forma, as relações de trabalho, a estrutura familiar e o contexto em que estão inseridas as famílias influencia diretamente na identidade e na preservação da memória dos falantes de Hunsrückisch na cidade de Feliz.

Parte significativa das famílias entrevistadas considera que a forma mais eficaz de preservar o uso do dialeto Hunsrückisch em meio à comunidade felizense é mantendo as interações no cotidiano dos lares, entre os membros da família. As famílias percebem o dialeto Hunsrückisch como um artefato cultural e histórico da comunidade, e consideram importante a manutenção da língua no município de Feliz, considerando os fatos históricos envolvendo a imigração germânica. De acordo com Hall (1997), a cultura é um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis da mudança histórica da contemporaneidade. Ao preservarem a língua de herança, as famílias entrevistadas entendem que está sendo preservada também a cultura do local. Ainda segundo o mesmo autor, a cultura consiste em um conjunto de significados partilhados por um determinado grupo e tem assumido um papel muito significativo quanto à estrutura e à organização da sociedade contemporânea. A língua é parte desses significados partilhados, que faz e atribui sentidos para o grupo de falantes que dela se vale. As famílias relataram que o uso da língua de herança predomina no ambiente doméstico, mas que percebem a presença do dialeto Hunsrückisch também em outros meios sociais. Foram citados os cantos entoados nas celebrações religiosas na igreja, as rodas de conversa com pessoas mais idosas nas festas e clubes sociais, encontros casuais no mercado e outros estabelecimentos comerciais, quando ambos sabem que o seu interlocutor também é falante de Hunsrückisch.

Visto que é perceptível que o número de falantes e as situações de interação na língua de herança estão se tornando mais raras com o passar das gerações, faz-se necessário pensar em alternativas e medidas visando a preservação do dialeto no contexto do município de Feliz e, conseqüentemente, o resgate e preservação da identidade destas pessoas. Na tentativa de preservar a sua identidade cultural como teuto-brasileiros, os moradores de Feliz vestem roupas típicas de origem germânica em seus eventos culturais, roupas estas originárias de diferentes regiões da Alemanha. Porém a linguagem também é parte importante da cultura, e como lê-se em Hall (2002), é a linguagem que atribui sentido, porém, os significados só podem ser partilhados pelo

acesso comum à linguagem, que funciona como sistema de representação. O acesso comum ao dialeto Hunsrückisch faz com que os falantes compartilhem significados, e dependendo do momento e do seu interlocutor, os falantes de Hunsrückisch usam o dialeto. Ainda segundo Hall (2000), as identidades sociais são construídas no interior da representação, por meio da cultura, sendo assim, a relação entre língua e identidade especialmente estreita.

Como lê-se em Charaudeau (2009), a identidade pode ser definida como um “tomar consciência” de si, diante da percepção de diferença entre o “eu” e o “outro”, identificar-se como aquilo que o outro não é seria o princípio do reconhecimento da sua própria identidade. Ao longo das entrevistas, percebeu-se o desejo das famílias de serem reconhecidas e de identificarem a si mesmas como *alemães*, com frases do tipo “somos um povo de origem alemã, se a gente quer ser alemão, precisamos manter a língua alemã” (família 1). Enquanto a identidade social dá o direito à fala, a identidade discursiva diz respeito ao papel que o sujeito está desempenhando no momento da sua interação.

Uma alternativa para a preservação do dialeto Hunsrückisch no município de Feliz seria buscar desenvolver políticas a nível de município para resgatar o uso do dialeto Hunsrückisch na comunidade, que tanto enaltece e valoriza o seu passado envolvendo a imigração por meio de festas e eventos envolvendo a cultura germânica.

Visando essa importância atribuída à cultura germânica no município de Feliz, no desenvolvimento de um estudo futuro poderia se adentrar o ambiente escolar e direcionar a pesquisa às percepções dos professores e da comunidade escolar no que tange a preservação da língua de herança no município. Nesta ocasião seria importante atentar novamente para as diferenças existentes entre o contexto da área rural e urbana, bem como a área de formação dos professores e os diferentes níveis de ensino (anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental).

Compilando as sugestões das famílias entrevistadas e as reflexões da pesquisadora acerca da manutenção da língua de herança no município, poderia se sugerir para a administração municipal, primeiramente, incluir o dialeto Hunsrückisch no currículo das escolas municipais. Considerando possíveis medidas para além do âmbito escolar, seria muito significativo ampliar a oferta de vagas no curso de alemão oferecido gratuitamente à população e divulgar mais amplamente essa

oferta, visto que muitas famílias, incluindo a pesquisadora, não sabiam da existência deste curso. Assim, também seria possível pensar em oferecer um curso de Hunsrückisch concomitante ao alemão padrão, buscando identificar as semelhanças e diferenças entre as variedades do idioma e aproximando, assim, os falantes de Hunsrückisch com a escrita do dialeto.

Além das sugestões já mencionadas, outra possibilidade de promover a prática e o uso da língua de herança além do ambiente familiar seria por meio da organização e promoção de concursos de músicas com letras em alemão e saraus de poesia. Assim, além de prestigiar e valorizar aspectos como a arquitetura, as danças e a música, também a língua seria contemplada com o prestígio e a devida atenção dignos de uma manifestação cultural, histórica e identitária tão repleta de significados. Entretanto, buscar soluções que valorizem o dialeto alemão foge às pretensões deste estudo, o qual, entretanto, pode servir de norte para pensar alternativas viáveis e eficientes da preservação do Hunsrückisch e, conseqüentemente, da valorização da memória e da identidade de Feliz.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen**. Stuttgart: Steiner. 1996.

ALTENHOFEN, Cléo V; Morello Rosângela [et al.]. **Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil** – Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

AMSTAD, Theodor. **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul - 1824-1924** / Tradução de Arthur Blasio Rambo. - São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAGNO, M. **Português ou Brasileiro?** São Paulo: Parábola Editorial, 2001. 184 p.

BEZZI, M. L.; BRUM NETO, Helena . **A materialização da cultura no espaço: os códigos culturais e os processos de identificação**. Geografia (Rio Claro. Impresso), v. 33, p. 1-20, 2008. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/3061>> Acesso em: 17 mar 2023.

BEZZI, M. L.; BRUM NETO, Helena . **A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho**. RA' EGA (UFPR), v. 17, p. 17-30, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/11862>> Acesso em 22 mar 2023.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. Editora Contexto, 2014.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 2008.

BROWN, D. M. B; Altarriba, J. **Code-switching and code-mixing in bilinguals: cognitive, developmental, and empirical approaches**. Department of Psychology University at Albany, State University of New York Albany, New York, 2007.

CANDAU, V. M. F. **Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos, Educação e Sociedade**, Campinas, v.33, n.118, p.235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 jul. 2021.

CAVALCANTI, Marilda. **Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil**. DELTA, São Paulo. Vol. 15, no. especial, p.385-417, 1999.

CHOMSKY, Noam. **Language and Mind**. Cambridge University Press; 3ª ed. 2006.

CUNHA, Jorge Luiz da. **A COLÔNIA ALEMÃ DE SÃO LEOPOLDO: a primeira fase da colonização alemã no Rio Grande do Sul.** REVISTA ACADÊMICA LICENCI&ACTURAS, v. 5, p. 37-43, 2017. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/127/129>. Acesso em: 31 mar. 2023.

CUNHA, Jorge Luiz da. **Imigração e identidade familiar.** Revista História: Debates e Tendências, v. 2, p. 225-237, 2019. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/9427/114114595>. Acesso em: 31 mar. 2023.

DIAS, C. **Pesquisa qualitativa: características gerais e referências.** 2000. Disponível em: <https://www.freewebs.com/linstcl/qualitativa.pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.

DREHER, Martin N. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças.** São Leopoldo: Oikos, 2014.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura.** São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FLORES, Cristina; PFEIFER, Silvia Melo. **O conceito “Língua de Herança” na perspectiva da Linguística e da Didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha,** 2014.

FRITZTEN, M. P.; NAZARO, A. C. de S. **Línguas adicionais em escolas públicas: discussão a partir de um cenário intercultural.** Educ. rev. vol. 34, Belo Horizonte, 2018 Epub Apr 12, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/BMg9yGxVfw4tpCm3wsPJtyK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2022.

GERTZ, René E. **Brasil e Alemanha: os brasileiros de origem alemã na construção de uma parceria histórica.** Textos de Historia (UnB), v. 16, p. 19-49, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/28024>. Acesso em: 18 mar. 2023.

GERTZ, René E. **Imigração, história, literatura: a Segunda Guerra Mundial no Rio Grande do Sul.** REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, v. 152, p. 97-113, 2017.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GROSJEAN, F., Brito de Mello, H. A., & Karen Rees, D. (2017). **Bilingüismo Individual.** Revista UFG, 10(5). Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48213>. Acesso em: 22 set. 2021.

GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2008.

HELENA, Lúcia. (org.). **Literatura, intelectuais e a crise da cultura**. Contra Capa Livraria/ CNPq 2007.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504477/mod_resource/content/1/HOBSBAWM%2C%20E.%20Inven%C3%A7%C3%A3o%20das%20tradi%C3%A7%C3%B5es.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 24 mar 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidade. História e fotos**. Feliz/RS. Disponível em:
https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/feliz/his_orico. Acesso em: 12 out. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidade. História e fotos**. São Sebastião do Cai/RS. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/sao-sebastiao-do-cai.html>. Acesso em: 26 out. 2022.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIA, Cristine Fortes ; RADÜNZ, ROBERTO. **Os processos migratórios dos séculos XIX e XX: diálogos entre o saber acadêmico e a Educação Básica**. Educar em Revista, v. 1, p. 257-272, 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/LnPWPCGh7wP6pjr7Vg5zWqc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2023.

LIDDICOAT, A. Bilingualism an Introduction. In: **Bilingualism and bilingual Education**. NLIA Occasional Paper No 2: see ED 355 759. 1991.

LOPES, Gabriela Hoffmann. **Articulação entre língua e cultura: análise de material didático para ensino de alemão como língua estrangeira**. 2023. 193 f. Tese (Doutorado em Processos e Manifestações Culturais) - Universidade Feevale, Porto Alegre, 2023.

MANÉ, D. **As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico**. *Via Litterae (ISSN 2176-6800): Revista De Linguística E Teoria Literária*, 4(1), 39-51. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/5335>. Acesso em: 13 nov. 2022.

MEISEL, Jürgen M. **First and second language acquisition**. Cambridge University Press, 2011.

Mozzillo, I.; Spinassé, K. P. **Famílias em situação plurilíngue: ideologias linguísticas**. Gragoatá, Niterói, v.26, n.54, p. 294-325, 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i54.46372>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MÜGGE, Ernani. MÜGGE, Miquéias Henrique. **APRESENTAÇÃO**. *Revista Práxis*, 1, 02–04. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.2456>. Acesso em: 25 out. 2022.

NEUMANN, Rosane Marcia. **Imigração e identidade étnica: a construção do “ser alemão” no Sul do Brasil**. História: Debates e Tendências, vol. 14, núm. 1, janeiro-junho, 2014, pp. 94-107. Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, Brasil

PEREIRA, C. S. **O r-tepe /r/ na fala de usuários descendentes de falantes de Hunsrückisch: um preconceito linguístico com essa variante fonológica na língua portuguesa brasileira na comunidade escolar de Feliz**. Sociodialeto, v. 9, p. 324-353, 2019. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/153/137>. Acesso em: 16 mar. 2023.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Prefeitura Municipal de Feliz. **Histórico. Feliz: terra da alegria e da qualidade de vida**. Disponível em: <https://www.feliz.rs.gov.br/site/historico#:~:text=Cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20Munic%C3%ADpio%20de%20Feliz,chamar%2Dse%20%22Feliz%22>. Acesso em: 12 out. 2022.

BRASIL. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)**. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil>. Acesso em: 28 out. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROTERMUND, Wilhelm. **Os dois vizinhos e outros textos**. Tradução de Martin Norberto Dreher - São Leopoldo: SINODAL. Porto Alegre. Edições EST, 1997.

SCHRÖDER, Ferdinand. **A imigração alemã para o sul do Brasil até o ano de 1859**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

SPINASSÉ, Karen Pupp; MOZZILLO, Isabella. **Famílias em situação plurilíngue: ideologias linguísticas**. Gragoatá, Niterói, v.26, n.54, p. 294-325, jan.-abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i54.46372>. Acesso em: 22 nov. 2022.

TRAMONTINI, M. J.. **A escravidão na colônia alemã - São Leopoldo, primeira metade do século XIX**. In: Primeiras Jornadas de História Regional Comparada - Rio Grande do Sul, Uruguay, Corrientes, Santa Fé, Entre Rios, Cordoba e Misiones, 2000, Porto Alegre. Anais das Primeiras Jornadas de História Regional Comparada, 2000. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s5a3.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.

VEIGA, Maurício B. **Arquitetura neoenxaimel em Santa Catarina: a invenção de uma arquitetura típica**. Revista Confluências Culturais, v. 3, n. 1, p. 81-98, março de 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-13022014-151829/pt-br.ph>. Acesso em: 23 mar 2023.

WEIMER, Günter. **A arquitetura da imigração renana no Rio Grande do Sul**. Revista Redes, Santa Cruz do Sul, RS, v. 6, n.1, p. 7-23, 2001. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/10866>. Acesso em: 22 mar 2023.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da imigração alemã**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WEISSHEIMER, Egidio. **Os pioneiros da Picada Feliz**. 2010. Porto Alegre/RS.

WERLE, Bibiana. **O trato brasileiro com o diferente: a questão dos imigrantes alemães durante o Estado Novo**. SEMINA (UPF), v. 16, p. 1-19, 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/ph/article/iew/8182>. Acesso em: 18 mar 2023.

WERLE, Bibiana. **NARRATIVAS SOBRE A CIDADE: lembranças e esquecimentos sobre grupos étnicos numa cidade do Rio Grande do Sul**. Outros Tempos (Online), v. 15, p. 209-224, 2018. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/63. Acesso em: 18 mar 2023.

ANEXO A - ENTREVISTAS COM AS FAMÍLIAS PARTICIPANTES DO ESTUDO

FAMÍLIA 1

NOME DA CRIANÇA: F. B.

IDADE: 9 anos

BAIRRO: Vila Rica/Feliz

PAIS ENTREVISTADOS: A. e J.

A família entrevistada disse que a sua filha, Francine, de 9 anos, começou a frequentar a creche aos 3 anos e meio, e até então, eles falavam só alemão com ela, em casa. Porém, ela já estava habituada com a língua portuguesa também, pelo fato de assistir TV e vídeos no Youtube em português.

A família relatou que quando começou a ir na escola, a menina “travou” no Português e eles decidiram parar de falar com a criança, para ela não se confundir trocando palavras na fala e letras na escrita.

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

Sim, ela entende tudo. Ultimamente a gente troca bastante, fala alemão e às vezes português, pra não falar só alemão com ela (a filha Francine). Às vezes ela responde em alemão e às vezes em português.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

Geralmente não, a turma fora de casa não fala alemão, daí a gente escolhe falar português e ela também. Às vezes parece que a gente fala alemão pra excluir quem está ao redor, mesmo que não é isso, mas parece. Aí fora de casa preferimos não falar alemão.

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

Em casa só, eu (pai) falo às vezes no trabalho quando eu sei que meu cliente fala alemão. Mas com a Francine é só em casa.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

Isso é automático, a gente não cuida disso. Mas a gente fala sem dificuldade os dois idiomas. A gente tava incentivando a Francine a falar alemão, mas aí por

causa da escola, começamos a falar mais português, agora a troca é automática. Na rua também, com amigos e conhecidos, é automático.

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Ela fica comigo (mãe). Aí eu falo as duas línguas com ela.

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Iah, que nem, eles têm alemão nas escolas municipais, mas nas estaduais não. A Francine está na estadual, aí não percebe esse incentivo por parte da escola. Não acho que em outros lugares seja estimulado.

7. A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

Ela aprendeu as duas ao mesmo tempo, porque mesmo nós falando só alemão ela assistia TV, aí era português, olhava videozinhos, mas nós só falava alemão com ela antes dela ir pra creche. Ela foi com três anos pra creche, aí ela já falava as duas línguas. Nós sempre incentivamos o alemão, mas aí ela começou a trocar o “p” pelo “b”, o “t” pelo “d”, isso na escola, aí nós achamos melhor parar de falar tanto alemão. No português ela estava bem perdida.

8. Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?

Do meu ponto de vista isso é um orgulho, é uma coisa a mais que tu tem. É uma cultura, a gente é alemão e se orgulha. Se a gente se considera alemão, temos que continuar falando. Que nem os nossos vizinhos, os dois falam alemão mas os filhos, ti khéna conics⁴², eles não falam.

9. Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?

10. Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?

No ballet, ela vai às segundas e quartas, com os dois vizinhos da frente ela brinca, os avós, que agora a vó já fala menos alemão por que os netos tem namoradas brasileiras, aí a vó começou a conversar mais em português. Mas as

⁴² Eles não sabem nada.

vezes a vó fala alemão com a vó e de vez em quando a Francine responde em alemão, mas na maioria das vezes responde já em português.

11. Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?

Só em casa, com nós e às vezes com a vó.

12. Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?

Com certeza, porque tem tudo a ver com as nossas origens, deveria ser preservado.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

Sim é importante, se as pessoas não falarem mais essa parte da nossa história vai ser esquecida, Feliz é uma região de alemães, e é bem importante. está presente nas famílias, entre amigos que falam, por exemplo nos bares. Que nem, eu (pai) vou no bar do João e só falo alemão com ele, eus ei que ele entende. Mas a gente já teve problema com isso, porque ali no morro das batatas as vezes eu ia no bar, e também falava alemão com o pessoal lá, mas aí uma família veio morar lá e o homem era um moreno. Ele vinha também no bar e um dia ele disse que nós não devia falar alemão, porque aqui é Brasil e tinha que falar português. Mas nós na nossa mesa tinha o nosso assunto e não era sobre ele que a gente tava falando, mas ele se incomodou com isso. Nesse bar tem pessoas mais velhas, que nem o meu pai, pessoas que só entendem alemão, elas nem falam português. Aí explicamos pro cara que ali o ambiente é esse, as pessoas falam alemão.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

É importante sim, as pessoas deveriam continuar falando alemão em casa principalmente. Antigamente se conseguia até emprego mais fácil na feliz se a pessoa sabia falar alemão, os comércios pediam isso. Acho que o negócio é conversar com as crianças em casa, como nós fizemos, pra aprender as duas línguas. Nós adultos não vamos mais desaprender isso, mas os jovens podem esquecer ainda se não usarem o alemão.

Talvez as profes que sabem falar alemão com os pequenos, poderiam falar, isso também incentiva, na creche e na escola. Ter o alemão como uma matéria da escola também é bom, mas é importante falar.

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?

Isso cada dia diminui, as pessoas tão deixando automático isso aí, isso é normal, isso não tem como. É uma pena né, a juventude está deixando de falar, meus sobrinhos por exemplo, poucos falam. Só os mais velhos continuam falando, os pequenos tão deixando. As pessoas não se preocupam com isso, acham que aqui é Brasil e daí não precisa falar.

Tem isso também de ir pra creche, quem vai de bebê pra creche eu acho que os pais não conseguem, só falando de noite com a criança, manter a língua alemã. Aí se perde. Por isso seria positivo ter professoras que falam alemão com os bebês.

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Não acho que é muito incentivado. Tem na escola mas acho que não existe incentivo. Eu acho que deveria ser mais incentivado, como nas festas da Feliz incentivam a usar o traje típico alemão, poderiam incentivar por exemplo a recitar versos ou cantar músicas em alemão. Que nem essas gurias que tão concorrendo pra rainha aqui na Feliz, quantas dessas será que sabem falar alemão? Deveriam perguntar se sabem falar, já que vão representar a Feliz. Deveriam saber falar.

Eu me orgulho de ser alemão, é uma pena que não é incentivado a manter a língua.

FAMÍLIA 2

NOME DA CRIANÇA: G.

IDADE: 12 anos

BAIRRO: Roncador/Feliz

PAIS ENTREVISTADOS: R.

A mãe entrevistada disse que desde que o filho nasceu, interação com ele em alemão.

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

Sim, direto. Ele responde em alemão.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

Sim, sempre. Principalmente com os avós, *vestã*⁴³? Ou quando sabemos que as outras pessoas também falam em alemão, em respeito aos mais velhos, aí incentivamos.

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

Quando a gente quer explicar alguma coisa *da vida*, um ensinamento que a gente teve de casa, algo que a gente quer manter vivo, aí explicamos em alemão. Ti solã óh lénã. ⁴⁴Eu fico feliz quando alguém fala em alemão com a gente.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

Já é automático, a gente não se dá conta. As vezes tem visita, ontem tinha mesmo tinha, ela é brasileira e o marido fala em alemão, aí nós começamos a misturar até que me dei conta e falei pra ela que não era por mal. Mas ela tem vontade de aprender, quem sabe com o marido ela vai aprender. Assim o namorado da minha sobrinha esses dias, ele é brasileiro, e de repente ele respondeu “io” durante uma conversa. Aí ele mesmo se achou que tava falando em alemão!

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Ele fica em casa, com nós, a gente tá na roça daí estamos perto.

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Acho que é estimulado. No meu tempo a gente foi proibido de falar na escola, nós tinha que ajoelhar em cima de milho porque não podia falar em alemão e a gente não sabia falar quase nada em português. Isso foi em 1988, no sexto ano. Eles proibiram porque diziam que a gente tinha que aprender brasileiro. Mas hoje eu acho que é estimulado.

⁴³ “Sabe”?

⁴⁴ É para eles aprenderem também.

7. A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

Foi alemão. Alemão tem que aprender logo porque é mais difícil que o brasileiro, depois o outro é mais fácil. Quem fala alemão tem dificuldade de escrever em português. Mas a criança que lê bastante não tem tanta dificuldade.

8. Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?

Eles tem que aprender, nós somos alemães, isso é importante. Quanto mais línguas prende, melhor é. Eu gosto que ele aprende inglês na escola também.

9. Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?

Com certeza. O Geovane fez um vídeo de homenagem pro aniversário do município falando em alemão, ele fala normal assim como português.

10. Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?

Avós, tios, primos, todos falam em alemão.

11. Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?

Sempre, em todas as situações. Tem momento que ele fala português e nós também, no tema da escola por exemplo, aí eu ajudo ele em português, tem que fazer textos, responder perguntas, aí usamos português.

12. Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?

Sim, todas as lembranças da família são passadas em português. O avô explica a bíblia em alemão, isso é muito importante e a gente sempre se lembra disso que ele explica.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

Com certeza. Nos cantos da igreja por exemplo, tem muitas em alemão, eu adoro isso.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

É importante, mas os pais têm que ajudar, quando o meu começou na escola ele tentou falar só português com a gente, mas nós dizia que não entendia e pedia pra ele explicar. Acho que, quando a professora sabe falar alemão, também seria bom se elas falassem com a criança às vezes em alemão.

Quando só um dos pais fala, é importante que não se deixe perder também. Daí a pouco o pai ou a mãe também aprende! Às vezes o comércio pede que a pessoa fale em alemão, aí já é uma coisa a mais que a pessoa tem, até pra conseguir emprego.

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?

Diminuiu

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Não tem tanto incentivo como outras coisas, tipo as festas de cerveja. A gente vê as crianças desfilando com a roupinha de alemão mas não sabe falar nenhuma palavra!

Poderiam fazer concursos com as crianças, tipo gincana envolvendo a língua, até mesmo na escola. Ou nas festas mesmo, fazer competições com a língua alemã. Também poderiam oferecer o curso de alemão para a comunidade. Mas acho que muito está se perdendo por preguiça das famílias, porque qualquer assunto, ensinar não é fácil.

FAMÍLIA 3

NOME DA CRIANÇA: V.

IDADE: 2 anos

BAIRRO: Matiel/Feliz

PAIS ENTREVISTADOS: M.

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

Sim nós falamos, mas mais com os avós. O meu marido não costuma falar, ele mais entende só. O Vicente fala pouco ainda, mas fala técxie, háis, nána⁴⁵.

⁴⁵ "Coberta", "quente" e "dormir".

Quando eu falo com ele em alemão, eu percebo que ele entendeu. E eu sempre falo a palavra em alemão e logo em seguida eu falo em português, pra ele aprender a palavra nas duas línguas.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

Sim, pra não se perder essa cultura. Eu acho importante isso.

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

Na hora de comer a gente fala bastante, que a comida esta quente, por exemplo.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

Isso já é automático, mas com ele (o menino V.) eu tento cuidar pra não acabar falando só em Português. Aí eu me forço a falar em Alemão, mas com os outros da família isso é mais automático. Eu quero que ele aprenda aí eu cuido.

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Fica com a vó, a minha mãe. Ela fala alemão também com ele.

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Acho que na creche é estimulado, porque eles têm a disciplina de alemão. E fora da escola, acho que os eventos valorizam a cultura, mas não se vê nada direcionado para a língua em si. Acho que não tem nem curso né, de alemão? O Vale Real tem, para quem mora lá, de graça.

7. A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

Foi português. Conforme ele foi crescendo, a gente começou a falar em alemão, mas o pai não fala. Mas desde bem bebê eu coloco músicas em alemão pra ele ouvir. Então a aprendizagem aconteceu também através de música, além de pequenas palavras no dia a dia, na hora de comer, de tomar banho, entre outras situações.

8. Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?

Eu escolhi porque eu acho importante pra ele, inclusive se ele quiser fazer um intercâmbio depois, como eu também fiz, e eu acho que alemão é mais difícil do que o inglês, então eu quero que essa língua ele já saiba pra facilitar depois, aí ele só precisa se preocupar em aprender inglês.

9. Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?

Sim, pra isso não se perder, assim como as outras tradições, e deveria ser incentivado não só na escola, até pros adultos. Porque a gente tem o nosso alemão aqui, que é diferente do que se aprende na escola, então tem que aprender em casa.

10. Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?

Com os avós e na escolinha. O pai do Fernando (pai da criança) entende alemão e comigo ele fala, porque sabe que eu entendo e falo também. Aí com o Vicente ele também fala em alemão.

11. Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?

Na hora de comer, no banho, nas brincadeiras do dia a dia.

12. Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?

Sim, isso é uma característica daqui, assim como o Festival do Chopp. Mas a língua deveria vir na frente e ser incentivada, porque iniciou com os imigrantes que falavam alemão né.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

Sim. Nas famílias, no grupo de danças alemãs e na escola daí, na disciplina de alemão.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

Sim, poderia ser ofertado o curso de graça para a comunidade.

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada? Eu acho que diminuiu bastante. Até porque as famílias mudaram, estão vindo

famílias de outros lugares, ou os filhos não se interessaram em aprender, muitos se interessaram só pelo inglês porque pensaram “que que eu quero com alemão?” não enxergaram isso como algo útil, aí deixaram. Não viram isso como um patrimônio. Muitos entendem mas não falam.

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Não vejo isso sendo incentivado, infelizmente. Se as famílias não incentivam, então isso se perde. Fora de casa não tem incentivo.

FAMÍLIA 4

NOME DA CRIANÇA: V.

IDADE: 4 anos

BAIRRO: Picão/Feliz

PAIS ENTREVISTADOS: D.

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

A família fala alemão, mas a pequena então, ela entende tudo em alemão mas fala bem pouca coisa, fala mais em português.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

Em família sim, em casa, a gente procura incentivar as duas (línguas), mas é difícil ela falar. Mas quando a gente sai, que nem pra jantar, em festas, a gente fala mais em português.

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

Em casa, geralmente em casa a gente fala muito em alemão, para incentivar ela (a criança). Ela sabe falar uma e outra palavra, mas procura falar mais em português. Mas a gente fala muito em casa, eu e meu marido, mas não tem um momento específico. A Val, a gente fica perguntando, “como se fala isso?” “ah, agora fala isso que tu disse agora, mas em alemão”. As palavras saem um pouco atravessadas, mas sai.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

A gente percebe, quando falou, a gente se dá conta. Mas acontece toda hora.

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Ela tem contraturno na escola, ela fica o dia todo na escola.

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Eu vejo assim, as festas alemãs acontecem no município, mas a língua alemã é difícil da gente ouvir fora de casa. São geralmente sempre as mesmas pessoas falando alemão na rua, no mercado, e cada vez menos gente falando. A gente vê assim, com a bisã a Val fala umas palavras, mas só as pessoas mais velhas ainda fazem questão de falar. Cada vez menos as pessoas falam alemão, eu acho.

7. A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

A primeira língua foi alemão a gente falou muito com ela desde pequeninha. mas aí ela teve ali uma fase que ela começou a gaguejar muito, e nós falamos com o pediatra isso e ele achou que podia ser por causa das duas línguas, que poderia estar atrapalhando, tipo confundindo ela, o alemão com o português e ela não saberia como usar a palavra correta. Aí no mesmo período ela começou a ir na escolinha, e com isso que o pediatra falou a gente ficou só no português, foi só português até passar essa fase, de começar na escola. Depois ela parou de gaguejar, sabe? E acho que foi ali que se perdeu, sabe? Se nós tivesse ficado só no alemão, talvez ela teria continuado a aprender e falar alemão.

8. Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?

Eu acho muito importante saber duas línguas, e como na família nós temos a bisã, que só fala alemão, seria um jeito de manter também o vínculo com ela.

9. Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?

Eu acho sim muito importante, porque tem essa cultura né.

10. Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?

Convive com o tio que fala alemão, com os avós, com a bisa e com o pessoal da escola.

11. Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?

Ela não fala, só com as bisa algumas palavras. A gente que fala com ela, que nem na hora de comer, falamos “vamos comer agora” em alemão, aí ela entende, mas ela não fala nessa hora. Nós poderia pegar mais firme nessa questão de falar alemão com ela, mas como o português tu usa praticamente pra tudo, é no automático, acaba sendo falado em português.

12. Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?

Sim, eu acho que sim.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

Acho que sim. Acho que mais em casa mesmo, nas festa isso não aparece (a língua). A gente fala muito em cultura alemã, mas o falar alemão não aparece muito.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

Que nem ela na escola tem alemão, na creche não tem mais, porque era a partir dos jardins e os jardins agora são na escola. Acho que isso ajuda a preservar, ela inclusive fala muito da aula de alemão na escola, ela gosta muito. Isso eu acho muito importante, desde pequeno ter a aula de alemão.

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?

Com certeza não aumentou, só os mais velhos falam, as crianças cada vez menos. Eu não vejo crianças falando pelo menos. Acho que está diminuindo, isso sim.

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Em partes né, na escola é incentivada, com essa aula de alemão. Mas fora da escola, até tem as aulas de alemão pelo município, né, eu acho. Isso seria um jeito de incentivar, ter aula para toda a população que se interessasse.

FAMÍLIA 5**NOME DAS CRIANÇAS: L. e B. (gêmeos)****IDADE: 10 anos****BAIRRO: Centro/Feliz****PAIS ENTREVISTADOS: V.**

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

Falamos muito pouco, muito pouco! Eu falava né, quando era criança aprendi só a falar em alemão e eu fui pra escola só falando alemão, mal sabia falar português! Mas depois aprendi, e ensinei minha tia a falar português, que ela não sabia falar. Só que agora... Quando os meninos eram pequenos, a gente falava bem mais com eles! Mas agora veio a escola, vem trabalhos em português, aí falamos em português. Na creche eles tinham alemão, mas foram pra estadual (escola)... Textos, músicas, temas, tudo em português. E meu marido também, ele mais entende do que fala, ele não consegue formar frases, aí pra se expressar mais ligeiro ele fala logo em português.

Quando abordados em alemão eles respondem em português, uma e outra palavra específica que eles falam, Por exemplo, "Kraut⁴⁶", eles sempre pedem em alemão, mas aí misturam na frase, falam "Eu quero comer "kraudt". Mas são só algumas palavras bem específicas que eles falam em alemão.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

Mais em casa, ou nos avós então. Mas como eu disse, eles só respondem algumas palavras específicas. Essa vó fala misturado, alemão e português. A gente estimula igual, assim como em casa, mas eles não respondem em alemão.

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

Não tem uma situação específica, mas acho que na hora de comer falamos mais em alemão, porque aí é um momento que estamos todos juntos. Ou tomando chimarrão, nos domingos de manhã.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

⁴⁶ Salada de repolho.

É automático, a gente não percebe. Mas eu falando, os meninos vão entender, meu marido também, eles só não respondem. Então eu falo tudo misturado, minha família entende igual, só não respondem.

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Eles ficam comigo, eu só trabalho fora meio turno.

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Nas escolas municipais sim, mas como os meus estão na escola estadual, não percebo isso. No estado eles tem só a partir do sexto ano a disciplina de inglês, nem tem alemão, que eu também acho fundamental, eles deveriam ter desde o primeiro ano. Na escola municipal tem dança alemã também, o que eu acho bem legal.

7. A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

Foi alemão. mas como foram na creche com seis meses, logo estavam expostos a essa língua. Mas em casa, falamos primeiro em alemão com eles. Aí eles começaram a vir da creche com palavras novas em português, aí eu explicava pra eles como era essa mesma palavra em alemão.

8. Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?

Eu penso que é importante por causa da cultura né, não deveria se perder. Eu vejo que eu estou errada por não ter continuado falando mais com eles, eu deveria falar mais. Seria importante, pro mercado de trabalho também, falar com pessoas que não conseguem falar bem o português, que nós temos ainda pessoas muito idosas que não conseguem falar bem o português, aí é importante ter gente no comércio que falem em alemão.

Tu percebe isso como um bloqueio com o teu marido, tu falar em alemão e ele não?

Não, mas escolho falar com meu marido em português pela praticidade, como temos pouco tempo juntos, às vezes precisamos resolver alguma coisa rápido e

então falo na língua que ele melhor consegue me responder também. Ele sai de manhã e volta às 23:30, não temos muito tempo para resolver as coisas do dia a dia.

Antigamente em casa, todo mundo trabalhava em casa, aí tinham mais tempo para conversar também.

9. Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?

Eu acho que sim, mais ainda pelos idosos ainda. Na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), nós atendemos uma menina que vem do interior de São Vendelino, a mãe dela não entende os recados em português, não adianta escrever na agenda. Aí a nossa secretária manda áudio no whats, em alemão, e fala sempre com ela em alemão. Aí eu penso, se não tivesse ninguém falando alemão na APAE, como seria o atendimento dessa família?

10. Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?

Com os avós que eles têm ainda, os tios, dindos, e a escola.

11. Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?

Só em casa, pra pedir uma coisa pra comer, bem específica, para pedir água, mas bem pouco.

12. Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?

Eu acho que sim, porque nós somos a cultura alemã, quando as pessoas pensam na Feliz, imaginam o que? As pessoas de origem alemã.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

Com certeza, porque quem veio e colonizou foram os alemães, né? Nós viemos deles, eles vieram e fizeram tudo o que fizeram, com certeza é importante e tinha que ser mais preservada por isso. Eu percebo no meu serviço, na APAE, nos mercados, que nem no Hans, lá eu sempre vejo pessoas interagindo em alemão. Em algumas lojas também, quando as pessoas atendem os idosos, eles falam em alemão quando conseguem. Tinha um tempo que o comércio até pedia gente que falasse em alemão para trabalhar.

Um tempo isso foi considerado como uma forma de discriminar as pessoas, optando por admitir preferencialmente funcionários que falassem alemão. O que você acha disso?

Eu não acho que isso é uma forma de discriminação, eu penso nos idosos que só falam alemão e não conseguem se entender muito bem em português. Pelo contrário, isso é uma forma de incluir essas pessoas.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

Eu acho que as escolas estaduais que estão na Feliz também poderiam ofertar a disciplina de língua alemã, não só as escolas municipais. Pelo menos nas escolas que ficam em regiões de descendentes de imigrantes, quem sabe na fronteira seja mais interessante ofertar outro idioma, como o espanhol, poderiam observar isso.

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?

Diminui eu acho, ainda mais com o pessoal que está vindo de fora. Mas pode ser que mudou também as situações onde a língua é utilizada, que nem o pessoal do interior vem pra trabalhar nas firmas, no centro e nas grandes cidades, aí acabam falando em poucos momentos. O pessoal que vem de fora, eles não vão falar, eles não sabem e não vão querer falar, porque eles não tem nada a ver com isso.

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Eu penso assim, nesses dias eu até vi um negócio de aula de alemão, mas acho que era de uma escola particular. Acho que só as pessoas buscando por conta, um curso particular, eu acho que não é incentivado pelo município não. Poderiam conseguir uma verba para ofertar aula com um professor, de graça, para a população. Assim seria um incentivo, além da escola.

FAMÍLIA 6

NOME DA CRIANÇA: C.

IDADE: 1 ano e 4 meses

BAIRRO: Picada Cará/Feliz

PAIS ENTREVISTADOS: G.

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

A mãe do meu marido não fala, só o pai dele. O Matheus, meu marido, ele entende tudo, mas ele não fala. Eu sempre falei com os meus pais, mas agora como não uso direto o idioma, no dia a dia, eu não tenho muita prática, aquela fala bem certa, eu não falo muito bem, mas entendo tudo. A minha avó e a minha mãe conversam bastante em alemão, aí eu entendo. Mas as pessoas que estão comigo, no meu meio, não falam, então não uso. Tem umas coisas que eu só sei o nome em alemão, coisas bem específicas, aí isso eu falo em alemão com o meu marido.

Mas tu pensa em ensinar alemão para a tua filha?

Eu quero ensinar, ela está bastante com a avó, que fala muito em alemão, eu acho importante ela aprender.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

Sim, na medida do possível. Ela começou a ir agora na creche, antes ela tinha uma “tia”, uma mulher que cuidava dela. Essa mulher falava alemão. Mas aí nós pensamos que a Cecília não estava tendo muita interação com crianças, porque nessa tia ela só tinha um coleguinha, aí resolvemos colocar na creche. Agora ela está aprendendo muito mais coisas

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

Eu não falo muito. Eu tenho uma conhecida que fala bastante com o filho, mas eles vivem do lado dos avós e eles só falam alemão, aí já é outra vivência. As pessoas mais do interior, que tem bebê agora, que ainda falam alemão com os filhos. Eu falava tudo em alemão quando era pequena, mas aí comecei a ir na escola e comecei a falar mais em português. Teve uma situação que na prova, eu estava no terceiro ano, que eu não sabia como escrever em português uma certa palavra que eu queria usar, aí escrevi em alemão. A palavra era “vótzie⁴⁷”, e me lembro que a professora me xingou por causa disso. Ela não considerou o conhecimento que eu tinha.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

⁴⁷ “Verruga”, no diminutivo.

Vou falar dos meus pais, eu acho que eles não percebem, misturam mas não se dão conta que estão trocando.

Antes você disse que falava alemão quando era pequena, e hoje não fala mais. Quando tu acha que isso começou a mudar?

Depois que eu fiquei maior, quando comecei a ir na escola. Na escola muitos não falavam, e aí foi se perdendo. Eu falava muito em alemão em casa por causa dos meus avós, aí comecei a ficar mais tempo com outras pessoas, aí mudou.

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Ela fica o dia inteiro na creche, e de noite ela fica com nós (pai e mãe).

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Eu sei que na creche tem aula de alemão, isso é um estímulo ao meu ver. É uma idade boa para aprender.

7. A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

Vai ser português, porque essa língua eu e o pai dela falamos.

8. Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?

Nós vamos tentar ensinar nossa filha, porque a gente vem de origem alemã, é interessante ela saber isso também. Eu acho importante ela pelo menos entender, ela tem o biso e a bisa vivos ainda, e a gente tem que saber mais de uma língua hoje em dia.

9. Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?

Sim é muito importante, por causa da nossa cultura que é de origem alemã;

10. Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?

Com os avós e bisavós, além dos dindos. Mas está mais com os pais, eu e meu marido.

11. Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?

12. Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?

Acho que sim.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

Sim é importante, pra preservar o que já foi feito aqui no município.

As pessoas usam a língua para conversar entre o seu grupo de família e amigos, mas acho que só as pessoas mais velhas mesmo. Os jovens acho que não falam mais tanto.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

Acho que é importante, e para preservar, um jeito é ensinando as crianças em casa, como nós vamos tentar fazer.

Na empresa em que eu trabalhava, por exemplo, eles procuravam pessoas que falassem alemão, porque a empresa mesmo é da Alemanha. Então se tem uma empresa que procura pessoas que falam alemão na Feliz, é importante que as pessoas daqui saibam falar. E o alemão da Alemanha mesmo é bem diferente do falado aqui, porque eu escutava o chefe falar no telefone, por exemplo.

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?

Diminuiu, com certeza. Só as pessoas mais velhas estão falando ainda.

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Na creche, eu percebo que é incentivada com a disciplina de língua alemã. Mas na escola, nem sei se tem alemão na escola para os maiores, deveria ter. Eles já tem mais noção, poderia continuar ali, porque em casa muitos já tem vergonha, pensam que não vão usar essa língua em lugar nenhum, aí já se perde.

FAMÍLIA 7

NOME DA CRIANÇA: B.

IDADE: 2 anos

BAIRRO: Vale do Lobo/Feliz

PAIS ENTREVISTADOS: K.

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

Todos em casa falamos alemão, às vezes é misturado, mas a maioria das coisas é em alemão. Eu sempre falo pra ele as coisas em alemão e logo na sequência falo a mesma coisa em português. Ele tem um ano e quatro meses, ele entende o que a gente fala e tem algumas palavras que ele já fala, papai e mamãe, vovô e vovó em português, e outras em alemão, como “uf” para “abrir”, “ap mahã” para “tirar”, aí ele mistura português e alemão. Então ele fala um pouco dos dois. Como ele vai na creche, quando eu falo uma coisa em alemão e eu vejo que ele não entendeu, eu falo a mesma coisa em português, porque na creche ele também está aprendendo palavras novas todos os dias, e tento ensinar essas mesmas palavras em alemão também. Meu marido com ele fala só alemão.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

Sim, quando a gente sai, igual a gente fala em alemão com ele, mesmo com outras pessoas junto. A gente faz isso porque queremos que ele aprenda alemão, eu acho importante, português ele vai aprender de qualquer jeito, indo na escola, assistindo TV... Eu quando comecei a ir na escola só falava em alemão, inclusive eu ficava de castigo porque a professora me fazia perguntas e eu não entendia o que ela estava me perguntando, porque era em português.

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

A gente fala sempre, o tempo todo. Se estamos no meio de pessoas que não falam alemão, a gente fala igual com ele. Mas se eu falo a mesma palavra em português, pra ele associar nas duas línguas.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

Eu acho que é automático. Não percebemos quando trocamos, até porque tem algumas palavras que a gente não sabe como que é o certo em alemão, outras eu não sei o nome certo em português, então é tudo misturado, sem perceber.

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Ele fica na creche até às 16h, aí eu busco ele e ele fica comigo (mãe)

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Eu acho que na sociedade em geral não é incentivado, e nem em todas as casas. Como por exemplo, o meu irmão e a minha cunhada, os dois falam em alemão, o meu sobrinho, tentavam falar alemão com ele, mas ele foi pra creche e agora é só português, e a minha sobrinha a mesma coisa, agora só português. Os dois estão falando só português com os filhos. Tem a prima do Leandro que tem dois filhos e os dois falam português e alemão, um tem 8 anos outro 3 anos, eles já falam as duas línguas porque os pais falam com eles.

Acho também que muitas pessoas na sociedade tem vergonha de continuar falando alemão fora de casa, acho que alguns até deboçam do pessoal falando alemão, quem fala alemão tem o sotaque também, aí o pessoal prefere não falar mais.

7. A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

A primeira foi alemão, a segunda começamos a ensinar quando ele ingressou na creche. Na verdade ele entrou na creche com quatro meses, então acho que posso dizer que aprendizagem das duas línguas está acontecendo ao mesmo tempo. Mas nós em casa estamos estimulando mais em alemão, nossa interação é em alemão.

8. Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?

Como que eu vou explicar...Eu acho que porque eu e meu marido crescemos falando em alemão, e a gente também percebe que as pessoas mais velhas gostam de ser abordadas em alemão, eu acho importante a gente saber a língua alemão, porque como nós conversamos, a gente mora em um município né, de origem alemã, e eu acho leal aprender as duas línguas, saber os dois.

E também como ele convive com os avós, é importante ele saber alemão. Os avós também acham que estamos fazendo certo, eles acham importante e acham o máximo que estamos ensinando ele a falar alemão desde bebê. os dois casais de avós falam em alemão.

9. Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?

Sim, é muito importante.

Tu acha que existe a chance disso um dia atrapalhar teu filho? O fato dele estar aprendendo alemão ao mesmo tempo que português.

Eu acho que não vai atrapalhar, vai ser algo a mais pra ele, é um diferencial. Se não me atrapalhou, não vai atrapalhar ele também.

10. Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?

Os avós, que moram perto, os dindos (tios), primos. a minha sobrinha de três anos, só fala em português, ela brinca com o meu filho, aí pra ela as vezes eu tenho que traduzir, porque eu continuo falando alemão com o meu filho, aí eu explico pra ela. Eu tento expor meu filho ao máximo à língua alemã, que nem música, eu coloco em alemão pra ele, inclusive no Youtube.

11. Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?

Em todas as situações do dia a dia.

12. Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?

Sim. É bem importante isso aí. Se a gente não continuar ensinando os filhos a falar, alemão, daqui uns anos ninguém mais vai falar, porque isso é uma coisa que herdamos dos nossos avós. As pessoas mais velhas vão morrendo e a língua vai morrer junto. Não vai mais ter cultura alemã aqui, vão dizer que a Feliz tem origens alemãs mas ninguém mais vai falar alemão.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

Sim é importante, por causa da colonização alemã, foram eles que trouxeram isso, o que fez surgir a Feliz foi a colonização alemã. Eu quero muito que um dia meu filho possa ir pra Alemanha, e eu sei que lá tem variações na língua alemã de um lugar pra outro, mas ele sabendo o alemão que falamos aqui ele vai conseguir se virar bem.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

É importante, e um jeito de preservar seria os pais falando com as crianças em casa, e essa questão da escola. mas o alemão falado na escola é diferente do alemão ensinado em casa. Acho que os pais têm que insistir mais e não desistir quando os filhos começam a ir na escola e passam a falar mais português.

Se a família já fala alemão, porque não ensinar as crianças? É só continuar!ças. Não entendo isso, porque não falar com as crianças?

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?

Diminuiu, com certeza.

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Só ter na escola não é o suficiente, mas tem que vir de casa. os pais tem que falar alemão com as crianças, quem sabe falar né. Eu vejo as aulas de alemão como as aulas de inglês na escola: se não fala em casa, não faz muito sentido, a crianças não aprende o suficiente. Eu acho que não é incentivado o suficiente no município, as famílias teriam que falar mais. Eu tenho curiosidade sobre algumas coisas também, como por exemplo, por que algumas pessoas entendem tudo e não conseguem falar, alguns falam e não ensinam os filhos, eu queria saber isso.

FAMÍLIA 8

NOME DA CRIANÇA: V.

IDADE: 2 anos e 4 meses

BAIRRO: Bananal/Feliz

PAIS ENTREVISTADOS: G.

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

Sim, toda a família fala alemão em casa. O nosso filho está aprendendo a falar ainda, mas assim, a gente fala alemão com ele e ele entende, a gente pede pra ele mostrar algum objeto, em alemão, e ele mostra o objeto correto. Algumas coisas ele tenta falar, como para água ele fala “va”, que a gente sabe que é pra ser “vása”⁴⁸, então percebemos que ele está tentando falar em alemão.

⁴⁸ “Água” em alemão.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

Fora de casa também, sim, mas a gente mistura né. Quando as pessoas abordam ele falando em alemão, ele se abre todo para as pessoas, ele sorri e é bem receptivo. Mas se falam em português com ele, ele fica mais tímido. Eu acho que ele identifica a língua alemã como uma coisa “boa”, uma coisa familiar.

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

Em todas as situações, mas mais quando a gente vai na casa dos avós, que são nossos vizinhos. Aí é totalmente em alemão as conversas.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

Não percebemos, acho que é automático.

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Ele fica o turno integral na creche, mas uma vez por semana eu tenho planejamento pedagógico, então nesse dia ele fica em casa comigo. E às vezes com a vó.

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Sim, eu acho que é estimulado. Eu acho que se percebe que na escola, também já se tem essa visão de que o alemão é uma coisa importante. Até pela disciplina de alemão na escola, estão se dando conta dessa importância.

7. A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

Alemão está sendo a primeira língua que ele está aprendendo. Mas eu sempre falo o nome das coisas em alemão pra ele e logo na sequência falo em português também, porque daí ele aprende as duas. Tem coisas que ele sabe melhor em alemão, mas que nem água, ele fala “a” para água e as vezes fala “va”, para “vása”

8. Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?

Porque a gente acho importante, até pela região em que a gente mora, tem muito essa questão do alemão e da cultura alemã, e a gente acha importante ele saber.

9. Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?

Sim, pra não se perder essa parte da cultura, as crianças precisam saber até para no futuro as questões de trabalho, pode ser um diferencial.

10. Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?

Com Avós, com pessoas da escola e com amigos nossos que têm filhos pequenos que também falam alemão.

11. Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?

Em todas as situações, mas a gente cuida muito, a gente tem que se policiar pra continuar falando alemão em casa, porque senão acabamos falando em português. A gente procura dentro de casa só falar em alemão entre nós.

12. Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?

Com certeza, é o que é mais forte aqui, da cultura alemã né.

Então vocês percebem a língua alemã como parte da cultura de Feliz?

Sim, com certeza é parte muito importante da nossa cultura.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

É um fator importante para a história da Feliz, por causa da história da imigração aqui né.

Na igreja está presente, tem os cantos em alemão. Quando as pessoas se reúnem em festas e eventos nas sociedades, principalmente no interior, o pessoal escolhe falar alemão, quando encontram amigos, pessoas próximas que também falam, nessas situações a língua continua presente.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

É sim importante preservar. Eu acho que um jeito é continuar com a disciplina de alemão na escola, talvez colocar isso mais forte, mais presente também para os

anos finais, porque a partir do sexto ano eles só tem inglês na escola. Talvez também promover apresentações em alemão, organizadas pela própria disciplina de alemão, para mostrar isso para os pais.

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?

Eu acho que diminuiu, olhando assim próximo da gente, não tem muitas pessoas que falam alemão com as crianças. São só as pessoas mais velhas que ainda falam. Posso dar o exemplo pelo meu irmão, ele e a esposa falam em alemão mas não falam nada em alemão com os filhos. Eu não sei porque eles escolheram não falar.

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Eu acho que a manutenção é um pouco incentivada, mas não muito. Não acontece nada assim pra dizer, olha só, como está sendo preservada a língua alemã, não tem nada assim pra ser mostrado. Como por exemplo, olha o Festival do Chopp de Feliz, quanta divulgação é feita sobre isso, o município aparece por causa disso, mas o mesmo não acontece em relação à língua, ela não ganha toda essa atenção.

FAMÍLIA 9

NOME DA CRIANÇA: D.

IDADE: 6 anos

BAIRRO: Picada Cará/Feliz

PAIS ENTREVISTADOS: J. e C.

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

Nós costumamos entre nós conversar em alemão, e com as crianças também, mas o maior (Davi) responde algumas coisas em alemão, outras ele não responde, aí fala em português. Acho que ele fala mais que o pequeno porque ele conviveu mais com a vó.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

A gente usa a língua alemã fora de casa também, por causa das pessoas de mais idade com que convivemos, os padrinhos deles também falam alemão, aí a gente usa fora de casa também.

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

Em família o tempo todo, olhamos vídeos, escutamos músicas. De noite principalmente, porque aí estamos juntos. Até assim, quando tem uma coisa que nós não queremos que ele entenda, a gente fala rápido em alemão, porque aí ele tem que prestar muita atenção para entender.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

A gente não se dá conta, inicia uma frase em português e termina em alemão, ou vice-versa. Às vezes a gente faz adaptações de palavras...

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Eles ficam o turno integral na escola. Acho que por isso também eles não falam muito, se convivessem com os avós, como foi com nós, também falaria mais alemão. Acho que se as profes falassem alemão com eles, eles saberiam mais. Um tempo atrás tinha espanhol e inglês nas escolas estaduais, isso não faz sentido pra nós, tinha que ser alemão e inglês. Tinham que considerar a região onde a escola está inserida.

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Depende. Varia também de onde a família está inserida, como a nossa, está rodeado por pessoas com mais de 30 anos, nossos filhos são estimulados a usar a língua alemã. Agora se nós estivéssemos no meio de pessoas mais novas, que só falassem português, talvez também não seriam estimulados.

E que nem no interior as crianças ficam meio turno com os avós, quando tem mais presente essa rede de apoio, eles preservam mais a língua alemã.

Nós temos muita gente no interior que não fala o português, eu percebo isso quando vou atender no interior, se não tem uma pessoa mais jovem junto, eles não conseguem se expressar, contar o que aconteceu. Aí eu já chego na ocorrência falando em alemão quando eu vejo que são pessoas de origem alemã. Na última semana chegou uma vovó cm nós na ambulância e o familiar estava fazendo a ficha

ai eu disse pra ela “vovo mist s3n fo te tokta vas vee tut”,⁴⁹ e a3 ela olhou pra mim e disse “ia s3 mo is tas rechts pen”⁵⁰. Ela n3o ia conseguir falar com o m3dico, porque ele n3o falava alem3o.

7. A primeira l3ngua aprendida pela crian7a foi portugu3s ou alem3o? Como aconteceu a aprendizagem da segunda l3ngua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

Foi alem3o, sempre falamos alem3o com eles desde pequeninos. Ele falou at3 os 3 anos, a3 come7ou a ir na escola. Hoje eu fico feliz que ele consegue pelo menos se defender em alem3o. Que pena que a gente 3 que se adapta 3s crian7as, e “concorda” em falar portugu3s quando eles come7am a falar portugu3s. Mas tamb3m, o nosso maior foi identificado com uma dificuldade na fala pela fonoaudi3loga, a3 ela meio que atribuiu isso ao fato dele falar as duas l3guas, isso fez a gente diminuir a intera73o com eles em alem3o.

8. Por que a fam3lia escolheu continuar falando em alem3o, inclusive com as crian7as?

Por causa das nossas origens, isso 3 importante preservar. Por causa que tem pessoas que ainda n3o falam portugues, por causa da socializa73o com essas pessoas, pela nossa origem, 3 importante preservar as nossas ra3zes.

9. Voc3s julgam importante manter viva a l3ngua alem3a na comunidade de Feliz?

Sim porque quando as pessoas de idade se forem, a l3ngua alem3a vai acabar.

3 muito importante, assim como as fam3lias de origem italiana tamb3m deveriam preservar o italiano na sua regi3o.

10. Com quem as crian7as da sua fam3lia costumam interagir, al3m da fam3lia prim3ria?

Av3s, escola, amigos nossos, padrinhos. Com os amigos eles falam s3o portugu3s da3.

11. Em quais situa73es do seu dia a dia, a crian7a desta fam3lia usa a l3ngua alem3a?

N3o tem uma situa73o espec3fica, oscila muito entre as duas l3guas.

12. Voc3 acredita que manter a l3ngua alem3a viva ajuda a preservar a mem3ria da identidade da popula73o de Feliz?

⁴⁹ Vov3, a senhora precisa dizer para o m3dico o que d3i.

⁵⁰ Ent3o diga pra ele que 3 a perna direita.

Sim, muito, que nem eu falar português com a minha mãe é estranho, eu só falo alemão com ela. Se eu falo português, parece que estou falando com uma pessoa estranha. Nós temos esse vínculo com a língua alemã, isso tem a ver com a nossa identidade.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

Sim, porque a origem de Feliz tem a ver com a imigração alemã. Aqui tudo começou por causa dos alemães né. Acho legal como a cidade de Bom Princípio incentiva a preservação da língua, eles oferecem oficinas para a comunidade aprenderem o idioma.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

Poderiam ofertar aulas para a comunidade, de graça. Poderiam promover encontros, onde as pessoas discutissem algum assunto em alemão, para estimular a fala, e depois fazer tipo uma live disso...

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?

Tragicamente diminuiu. As pessoas têm vergonha de falar, porque o alemão sempre foi taxado como língua menos culta, de pessoas grosseiras. As pessoas só se dão conta que isso é um algo a mais quando já são adultas, aí não conseguem falar mais.

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Acho que não. A ideia é preservar a cultura germânica, mas isso diz respeito só às festas. Quem nem nós fomos pra Blumenau, lá também, tem a Vila Germânica, mas de germânica é só a aparência mesmo. Nós entramos numa loja falando alemão, ninguém falava. Então a língua não é preservada, e o mesmo acontece aqui. Só é incentivada pelas famílias que ainda falam em casa.

FAMÍLIA 10

NOME DA CRIANÇA: B.

IDADE: 9 anos

BAIRRO: Centro/Feliz

PAIS ENTREVISTADOS: A.

1. A família costuma falar alemão em casa? Quando abordada em alemão pela família, a criança responde em alemão?

A gente fala, mas muito pouco. A gente fala mais quando a gente não quer que ele (o filho) entenda alguma coisa, porque ele só entende algumas coisas né. Na minha mãe e no meu trabalho eu falo mais, porque as pessoas de idade gostam muito que a gente fale com eles em alemão. O Breno responde em português quando a gente pergunta algo em alemão. Mas ele tem alemão na escola, eu acho que a pronúncia dele é muito boa, mas ele não fala com nós. Quando ele era bebê a gente incentivou, falamos com ele em alemão, mas foi falta de interesse dele falar com a gente.

2. A família estimula a criança a utilizar a língua alemã fora do contexto familiar? Por quê?

Não, mesmo em casa a gente fala pouco.

3. Em quais situações vocês mais falam alemão com as crianças?

Com os avós, como é mais fácil falar em português, eu e meu marido também acabamos falando mais em português. Às vezes numa brincadeira, tomando chimarrão, aí falamos em alemão.

4. Vocês percebem quando fazem a troca de um idioma para outro (do português para o alemão)? Essa troca é intencional ou automática?

Eu acho que eu percebo sim, mas falamos bastante misturado.

5. No turno oposto à escola, com quem/onde ficam as crianças da família?

Ele fica em casa, quando meu marido sai para trabalhar eu estou chegando do meu trabalho, então ele fica com um de nós, ou o pai ou a mãe. Mas também em algumas tardes ele tem seus compromissos, ele tem escolinha de futebol, uma tarde ele tem inglês, que ele faz curso, mas geralmente está com nós (pais).

6. Levando em conta que a cultura no município de Feliz tem grande influência da tradição alemã, você diria que o uso da língua é estimulado desde a infância nos meios sociais?

Nos meios sociais nem tanto, só na escola. Tem alemão até o quinto ano na escola, tinham até o nono ano mas não tem mais. O que eu acho interessante é que a prefeitura está oferecendo curso de alemão para a população, na biblioteca, de

graça⁵¹. Mas as inscrições já encerraram. Na escola tem uma oficina de alemão no turno oposto à aula, para quem quiser continuar estudando alemão depois do quinto ano. Tem várias oficinas, de horta, banda marcial, cooperativa, entre outras.

7. A primeira língua aprendida pela criança foi português ou alemão? Como aconteceu a aprendizagem da segunda língua? (simultaneamente, posteriormente, somente quando ingressou na escola...)

Foi português. Depois a gente falando com ele, ele aprendeu um pouco, mas aprendeu mesmo na escola, com a disciplina de alemão. Mas a gente percebe que o alemão ensinado na escola é diferente do falado em casa, às vezes ele vem com uns temas de alemão e eu não reconheço as palavras, aí olhando o que elas significam eu consigo achar um termo equivalente no alemão que falamos em casa, mas a palavra é diferente.

É que o alemão que falamos em casa é um dialeto, chamado Hunsrückish.

Sim, a gente sabe. É um pouco diferente.

8. Por que a família escolheu continuar falando em alemão, inclusive com as crianças?

Para manter a tradição, e pra gente também não entrar no esquecimento também, porque se nós adultos não falar a gente vai desaprender a língua também.

9. Vocês julgam importante manter viva a língua alemã na comunidade de Feliz?

Com certeza, porque as pessoas estão ficando mais velhas e morrendo, se os mais novos não aprenderem a falar alemão, a língua vai morrer também.

10. Com quem as crianças da sua família costumam interagir, além da família primária?

Avós, vizinhos, amigos e comunidade escolar.

11. Em quais situações do seu dia a dia, a criança desta família usa a língua alemã?

Eu acho que na escola, só mesmo na disciplina de alemão. Em casa a gente tenta se policiar pra usar a língua alemã, mas com os amigos dele, eu acho que ele não usa nunca.

12. Você acredita que manter a língua alemã viva ajuda a preservar a memória da identidade da população de Feliz?

⁵¹ Aqui descobri que a administração municipal oferta um curso de alemão gratuitamente para a população, mas este projeto foi pouco divulgado.

Com certeza, ajuda muito. Faz parte da nossa história.

13. Você acha que a língua alemã é parte importante da história de Feliz? Por quê? Em quais situações sociais da comunidade a língua alemã está presente?

É muito importante para a nossa história, por causa dos imigrantes né. Eu acho que está presente em meios sociais como a igreja, na nossa igreja luterana está muito presente, tem muitos hinos em alemão, o coral canta em alemão, às vezes o pastor dá uns exemplos em alemão. Acho que nos encontros da terceira idade também, entre eles, usam bastante a língua alemã.

14. Você acha que é importante preservar a língua alemã na nossa região (município)? Como isso poderia ser feito?

Sim, é importante. Eu acredito que esse curso que a prefeitura oferece é um grande incentivo, isso é bem legal. E ter o alemão na escola também é importante.

15. Na percepção de vocês, aumentou ou diminuiu o número de falantes de língua alemã na comunidade ou mudaram as situações em que a língua é utilizada?

Comparando com os últimos anos, acho que está diminuindo. Falantes mesmo, só as pessoas de mais idade. A minha faixa etária⁵² já são só algumas pessoas que falam, e os nossos filhos, já se percebe que não usam mais a língua no dia a dia.

16. Vocês acham que a manutenção da língua alemã é incentivada no município de Feliz? Como/onde vocês percebem isso?

Eu acho que é incentivada sim, através do curso ofertado à população, as aulas na escola, isso eu acho que é uma forma de incentivar a manutenção da língua no nosso município.

⁵² 35 anos de idade.

